



Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia

Curso de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações

Reação à frustração: construção e validação da medida e proposta de  
um perfil de reação

Cristiane Faiad de Moura

Brasília, DF

2008

Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia

Curso de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações

Reação à frustração: construção e validação da medida e proposta de um  
perfil de reação <sup>1</sup>

Cristiane Faiad de Moura

Brasília, DF

2008

---

<sup>1</sup> Este trabalho foi realizado com o apoio do Laboratório de Pesquisa em Avaliação e Medida do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília (LabPAM – UnB) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia

Curso de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações

Reação à frustração: construção e validação da medida e proposta de um  
perfil de reação

Cristiane Faiad de Moura

Tese apresentada ao Programa de Pós-  
Graduação em Psicologia Social, do  
Trabalho e das Organizações, como  
requisito à obtenção do grau de Doutor  
em Psicologia Social, do Trabalho e das  
Organizações.

Orientador: Luiz Pasquali

Brasília, DF

Dezembro de 2008

Reação à frustração: construção e validação da medida e proposta de um perfil de reação

Tese defendida e aprovada pela banca examinadora constituída por:

---

Prof. Luiz Pasquali, *Docteur* (Presidente)  
Pós Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações, Universidade de Brasília

---

Prof. Cláudio Vaz Torres, Ph.D. (Membro)  
Pós Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações, Universidade de Brasília

---

Prof. Hartmut Günther, Ph.D. (Membro)  
Pós Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações, Universidade de Brasília

---

Prof. João Carlos Alchieri, Doutor (Membro)  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

---

Profª. Tatiana Severino de Vasconcelos, Doutora (Membro)  
Ministério da Justiça (SENASP) – Governo Federal

---

Prof. Bartholomeu Torres Tróccoli, Ph.D. (Membro Suplente)  
Pós Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações, Universidade de Brasília

## Dedicatória

Aos meus irmãos, fontes inesgotáveis de amor e preocupação, pelos quais tenho grande admiração, por termos suportado ganhos e perdas com tanto carinho uns com os outros. Irmãos admiráveis, que também propiciaram sobrinhos maravilhosos e cunhados carinhos. Nesta trajetória, tudo poderia ter sido mais fácil, mas não foi. Mas já que houve obstáculos, sem vocês ao meu lado, nada disso seria possível.

## Agradecimentos

Em 1987 iniciei minha jornada científica no Laboratório de Pesquisa e Avaliação e Medida, quando ainda como aluna de iniciação científica, tive o privilégio de conhecer meu orientador professor *Docteur* Luiz Pasquali. E agora, onze anos depois, tenho a grata satisfação de fechar um ciclo da minha vida, meu doutorado. Ao professor minha profunda admiração e agradecimento, por seu modo de ser, em primeiro lugar, e mais que isso, por seus conhecimentos que são constantemente e indiscriminadamente repassados. Este ano de 2008 completa-se vinte anos da criação de um Laboratório que hoje é referência no país na construção e validação de instrumentos, bem como na formação de profissionais da área de psicometria e, não tenho dúvidas, que grande parte deste mérito é dele.

Ao Professor Pasquali, que ele saiba que há momentos gratificantes em que paramos um pouco para refletir o quanto algumas pessoas nos são gratas e essenciais em nossa vida e em nosso crescimento. Agradeço a ele por ter chegado até aqui, em minha formação, por todo incentivo que tive durante os quase 11 anos de convivência ininterrupta: graduação, mestrado e agora a finalização do doutorado. Verdadeiro exemplo do que realmente podemos chamar de mestre e de dedicação à causa do ensino e da contribuição à ciência. Por muito tempo eu ouvi dele que deveria fazer ciência e deixar a emoção de lado, mas não há ciência com maior emoção do que a que ele nos ensina ou da que ele mesmo produz: amor à causa, contribuição à sociedade, busca de respostas e, mais que isso, anseio por aprender ainda mais e de não ter medo de dizer "não sei". Obrigada por não ter me deixado desistir da tese.

Ao professor Dr. Bartholomeu Tróccoli, por todo seu suporte e auxílio teórico na elaboração da tese e momentos de discussão científica, com trocas que me valeram muito. Por estar no Laboratório há 11 anos consigo dimensionar o crescimento e desenvolvimento de nossas pesquisas e de nossa imagem perante a comunidade científica. Sem questionamento, esse mérito tem muito de sua dedicação e trabalho.

Ao Laboratório por todo apoio técnico científico, propiciando coleta de dados, compra de material, impressão de instrumentos e participações em Congressos Científicos. Ao CNPq por todo auxílio com a bolsa que pode custear instrumentos de aplicação e congressos na área.

Aos membros da banca, professores Cláudio Torres, João Alchieri, Tatiana Vasconcelos, que aceitaram o convite para análise de minha tese e, mais que isso,

compreenderam e deram a anuência de prorrogação de meu prazo, após a perda de parte significativa da minha tese.

Aos professores Hartmut Gunther e Isolda Gunther, que mesmo sem terem dimensão da importância que tiveram para mim, foram apoio constante de carinho e incentivo para que eu RE-escrevesse minha tese.

À professora Angela Almeida, que pode compreender o momento em que achei que havia perdido tudo, e que, junto com o Pasquali, me mostraram que o pouco que ficou poderia se tornar de fato uma tese, sem o teste projetivo, que levei tantos anos para validar.

À querida Edna Alci e todos os demais funcionários do PSTO, por todo esforço e trabalho de apoio para os mestrados e doutorandos, em especial pelo carinho que a mim foi prestado por todos esses anos. Ao Fábio e Frederico da secretaria, por toda a atenção dispensada em tudo que eu precisei.

Aos professores e colegas do PSTO de quem recebi e-mails, ligações ou tive conversas pelo corredor, que de certa forma, foram carinhosos em suas palavras para que eu continuasse essa tese, professores Cláudio Torres e Jairo Borges e os colegas Maurício Sarmet, Solange Alfinito, Girlene de Jesus, Rosania Rodrigues e Alexandre Magno, dentre tantos outros que foram fonte de apoio.

A todos os Órgãos de Segurança Pública, que não me cabe citar a todos por uma questão de sigilo no tratamento dos dados, mas que me valeram anos de esforços, de troca de experiências com as análises profissiográficas e de uma aplicação que percorreu de Roraima ao Rio de Janeiro. Em especial às psicólogas Marcela Reis e Sayonara pelo auxílio na coleta de dados.

Aos alunos de pesquisa que me auxiliaram desde o início na coleta e digitação de intermináveis bancos de dados das aplicações realizadas no Brasil, Cecília Pagotto (também na correção do projetivo), Aline Tavares (amiga querida), Marília Ferreira, Bernardo Rabelo, Gabriela Lissandra, Fernanda Vieira, Karen Weizenmann da Matta e Josiane Carmo. Em especial Simone de Lourdes Campos Maia e Cássio Zambelli, com auxílio na construção dos testes. À Bianca Boll pela ajuda com as tabelas.

À minha amiga e também colega de doutorado Liziane Freitas, a quem devo muito por todo apoio e força na minha vida pessoal e profissional. À Tatiana Vasconcelos, por sua amizade e pelas palavras constantes de carinho e força e por ser sempre tão querida. À Anelise Albuquerque, por ter sido tão disponível no trabalho, segurando as pontas na minha ausência, na amizade e na indiscutível posição de conselheira em todos os

momentos em que precisei ouvir uma palavra amiga. À Patrícia Fagundes pelo apoio constante e auxílio para que eu pudesse finalizar este trabalho.

Aos amigos Anamara Ribeiro, Beatriz Barbosa, Stela Faiad, Zenith Delabrida e Fábio Iglesias, por estarem presentes e serem sempre tão queridos e importantes. Aos colegas de Laboratório e UnB que durante muito tempo foram importantes para meu crescimento profissional, Everson Cristiano, Juliana Leão e à querida Amélia Regina Alves, que sempre me incentivou, desde a graduação. À Clara Cantal, tão querida e prestativa em todos os momentos e pela ajuda na revisão da tese. Ao Vicente meu obrigada pela revisão dos resultados da tese. À Solange Meireles, por todo o apoio e discussão sobre o teste PMK e sobre o uso de técnicas no mercado de trabalho e ao professor Otávio Abreu, pela contribuição com seu conhecimento em testes projetivos.

Ao casal Juliana Benassi e Leonardo Costa, por terem permitido que eu ficasse mais tempo com o apartamento para poder terminar a minha tese. A ajuda de vocês foi muito valiosa.

Aos meus amigos, Kelen Santana, que me fez sempre lembrar que existia vida além do doutorado, Leliton Vieira, Sami Haddad, Alessandra Tavares e Janáina Abigailil, a quem minha vida terá sempre um lugar reservado por serem irmãos do coração.

Ao Francisco Coelho Junior, apoio e norte em minha vida nestes últimos anos tão intensos, quando na maioria das vezes o trabalho e o estudo ficaram à frente de construções que hoje me parecem ser mais importantes. A ele que esteve do meu lado em momentos tão felizes e também nos que foram difíceis de resistir, embora tudo tenha sido mais fácil com ele ao meu lado. Aos seus familiares, Dona Carmélia, Senhor Toninho e Tia Graça, que me apoiaram, mesmo que distantes.

À minha amada família, apoio incondicional, que me deu forças nos bons e maus momentos dessa trajetória. À minha mãe, tão amada, que apoiou a todos nós para que crescêssemos o máximo possível em todos os campos de nossa vida. À minha irmã gêmea Claudia Faiad, que trilhou o caminho do Canadá para crescer como pessoa e mulher e que hoje representa para mim um modelo de esforço de dedicação na busca por seus ideais. Meus sinceros agradecimentos por ter me recebido de braços abertos durante minha estada no Canadá e ter passado horas a fio nas pesquisas de bancos de dados na University of Alberta e saiba que você conseguiu estar mais perto do que nunca nesses últimos meses. À minha “irmã mais velha” Karla Faiad, professora brilhante e admirada por tantos, a quem amo pela força para transpor as dificuldades e companhia constante em todos os momentos de nossas vidas. Ao meu irmão Walter F. Moura, a quem tenho grande admiração por ser



quem é e por ter chegado aonde chegou e que sempre me deu forças, nem que fosse em uma ligação de cinco minutos de duração.

Aos meus amados sobrinhos Caroline Faiad e Estêvão Faiad, que tentaram entender que a tia passou quase todos os feriados, nestes últimos anos, estudando ou trabalhando, sem poder curtir-los mais. Ao mais novo membro da família Lucas Moura, a quem enche a titia de energia, em pequenos momentos de brincadeira. À minha cunhada Simone Araújo, por seu grande coração e carisma. Ao meu cunhado Malcolm Sniher, tão afetuoso e incentivador principalmente no final da tese. Ao Ilton José, a quem tenho grata admiração por tanta luta e por seu carinho com minha mãe e com nossa família. A Ana Paula Góes de Araújo por todo seu apoio nos momentos de dificuldades que todos passamos.

Ao meu pai Walter Moura, *in memoriam*, embora mais presente do que nunca. Quis ter seus filhos estudando, trabalhando e crescendo, no Brasil ou no exterior, então que se registre que estamos todos no caminho que ele quis que trilhássemos um dia.

*Não vim até aqui. Pra desistir agora!  
Entendo você. Se você quiser ir embora...  
Não vai ser a primeira vez. Nas últimas 24 horas  
Mas eu não vim até aqui. Pra desistir agora!...  
Minhas raízes estão no ar. Minha casa é qualquer lugar  
Se depender de mim. Eu vou até o fim...  
Voando sem instrumentos. Ao sabor do vento  
Se depender de mim. Eu vou até o fim...  
Ainda não se curva. Noite adentro  
Vida afora! Toda vida. O dia inteiro  
Não seria exagero. Se depender de mim  
Eu vou até o fim...  
Cada célula. Todo fio de cabelo  
Falando assim. Parece exagero  
Mas se depender de mim. Eu vou até o fim..  
Eu não vim até aqui. Pra desistir agora!  
Não vim até aqui. Pra desistir agora!...*

*Humberto Gessinger*

## Sumário

<b>Lista de tabelas</b> .....	xii
<b>Lista de Figuras</b> .....	xiv
<b>Resumo</b> .....	xv
<b>Abstract</b> .....	xvi
<b>Introdução</b> .....	1
<u>Objetivos do Presente Trabalho</u> .....	2
<u>Estrutura do Projeto de Qualificação</u> .....	3
<b>CAPÍTULO I – DEFINIÇÃO DE FRUSTRAÇÃO E CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS</b>	
1.1 <u>O Conceito de Frustração</u> .....	4
1.2 <u>As Teorias da Frustração</u> .....	6
1.2.1 Teoria Clássica da Frustração e Agressão .....	7
1.2.2 A Teoria Psicanalítica .....	8
1.2.3 A Teoria Geral da Frustração (TGF) .....	9
1.2.3.1 A compreensão das reações à frustração, segundo a TGF .....	11
1.2.3.2 O conceito de resistência à frustração .....	12
1.3 <u>Outras abordagens na compreensão da frustração</u> .....	13
1.3.1 A Teoria Neo-Associacionista .....	13
1.3.2 Teoria Evolucionista .....	16
1.3.3 Outras Teorias .....	17
1.4 <u>Elementos teóricos considerados na compreensão da frustração</u> .....	19
<b>CAPÍTULO II – A MEDIDA DA FRUSTRAÇÃO</b>	
2.1 <u>A construção de testes no Brasil</u> .....	23
2.2 <u>Propostas de medidas da frustração</u> .....	24
2.3 <u>O teste PFT</u> .....	27
2.3.1 Base do teste .....	27
2.3.2 Finalidade .....	28
2.3.3 Caracterização .....	28
2.3.4 Análise crítica do PFT .....	31
<b>CAPÍTULO III – CONSTRUÇÃO E VALIDAÇÃO DOS INSTRUMENTOS</b>	
3.1 <u>Estudo 1 – Construção de Teste Brasileiro Projetivo de Reação à Frustração</u>	

3.1.1 <u>A medida projetiva</u> .....	33
3.1.2 <u>Procedimentos Teóricos</u> .....	36
3.1.2.1 <u>Definição Constitutiva</u> .....	37
3.1.2.2 <u>Definição Operacional</u> .....	37
3.1.3 <u>Construção dos itens do teste</u> .....	37
3.1.3.1 <u>Instrumento inicial</u> .....	40
3.1.3.2 <u>Análise Teórica dos Itens</u> .....	41
3.1.4 <u>Resultados e Discussão</u> .....	41
3.1.4.1 <u>Instrumento Final</u> .....	42
3.1.4.2 <u>Proposta de Análise do TRFP – Categorização do teste</u> .....	42
3.2 <u>Estudo 2 – Construção de Teste Brasileiro Objetivo de Reação à Frustração</u> .....	46
3.2.1 <u>Participantes</u> .....	47
3.2.2 <u>Instrumento Inicial</u> .....	47
3.2.3 <u>Procedimentos</u> .....	48
3.2.4 <u>Análise de Dados</u> .....	49
3.2.5 <u>Resultados e Discussão</u> .....	49
3.2.6 <u>Considerações Finais sobre o TRFO</u> .....	51
3.3 <u>Estudo 3 – Validação do Teste Brasileiro Objetivo de Reação à Frustração– TRFO..</u>	52
3.3.1 <u>Participantes</u> .....	52
3.3.2 <u>Instrumentos</u> .....	54
3.3.3 <u>Procedimento</u> .....	54
3.3.4 <u>Resultados e Discussão</u> .....	55
3.3.4.1 <u>Fase 1: Análise do TRFO</u>	
3.3.4.1.1 <u>Análise de distribuição das respostas no TRFO</u> .....	55
3.3.4.1.2 <u>Análise de Correlação entre as reações do TRFO</u> .....	56
3.3.4.2 <u>Fase 2: Revalidação do P Face</u> .....	57
3.3.4.2.1 <u>Análise Exploratória das trinta facetas teóricas do P Face</u>	62
3.3.4.3 <u>Fase 3: Análise de Validade do TRFO</u> .....	67
3.3.4.3.1 <u>TRFO com o P Face</u> .....	68
<u>Resultados e Discussão</u> .....	71
3.3.4.3.2 <u>TRFO com o Inventário de Expressão da Raiva Traço-</u>	
<u>Estado (STAXI)</u> .....	77
<u>Participantes</u> .....	79

<u>Instrumentos</u> .....	80
<u>Procedimento</u> .....	81
<u>Resultado e Discussão</u> .....	81
3.4 Estudo 4 – <u>Validade Preditiva do TRFO</u> .....	83
3.4.1 <u>Análise Exploratória dos dados</u> .....	83
3.4.1.1 <u>Resultado e Discussão</u> .....	84
<b>CAPÍTULO IV – PERFIL DE REAÇÃO À FRUSTRAÇÃO</b>	
4.1 <u>O perfil de reação à frustração</u> .....	92
4.2 <u>Perfil de personalidade e confronto deste com o perfil de reação à frustração</u> .....	94
4.3 <u>Resultado e Discussão</u> .....	98
4.4. <u>Utilidade Prática do Perfil</u> .....	103
<b>CAPÍTULO V - DISCUSSÃO E CONCLUSÃO</b> .....	104
5.1 <u>Limitações da Pesquisa</u> .....	109
5.2 <u>Agenda de Pesquisa</u> .....	110
<b>CAPÍTULO 6 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	112
<b>ANEXOS</b> .....	129

## Lista de tabelas

Tabela 1. Levantamento sobre definições de frustração .....	4
Tabela 2. Levantamento dos testes projetivos que se propõem a medir a frustração .....	25
Tabela 3. Categorias e subcategorias utilizadas no PFT para a classificação das respostas dadas pelos respondentes (Rosenzweig & cols., 1975; Rosenzweig, 1976) .....	30
Tabela 4. Identificação das 31 situações do TRF .....	38
Tabela 5. Identificação e descrição das onze reações a frustração propostas no TRFP.....	42
Tabela 6. Percentual de escolha de alternativas nas situações 1, 2 e 3 do caderno do TRFO .....	49
Tabela 7. Amostra de respondentes dos instrumentos TRFO e P Face (N=1.766) .....	53
Tabela 8. Estatística descritiva das 11 reações, nas 31 situações propostas no TRFO (N=1.766) .....	55
Tabela 9. Matriz de correlações do TRFO (N = 1.766) .....	57
Tabela 10. Definição dos CGF (Howard & Howard, 1995; 2000; Nunes & Hutz, 2002; Tróccoli & Vasconcelos, 2002) .....	58
Tabela 11. Identificação das trinta facetas teóricas nos cinco fatores de personalidade, segundo o instrumento NEO-PI-R (Costa & McCrae, 1995) .....	59
Tabela 12. Identificação de diferenças entre as traduções das facetas e fatores para o Brasil .....	60
Tabela 13. Identificação das vinte e nove facetas teóricas nos cinco fatores de personalidade, segundo estudo de Vasconcelos (2005) .....	61
Tabela 14. Total da Variância Explicada na PC .....	63
Tabela 15. Matriz do P Face (N = 1.766) .....	64
Tabela 16. Análise comparativa dos dados de validação de Vasconcelos (2005) e dos resultados encontrados neste estudo .....	65
Tabela 17. Descrição das trinta facetas de personalidade nos cinco fatores (Costa & McCrae, 1995) .....	65
Tabela 18. Correlação de Pearson entre as facetas de <i>Conscienciosidade</i> e as reações à frustração .....	72
Tabela 19. Correlação de Pearson entre as facetas de <i>Instabilidade Emocional</i> e as reações à frustração .....	73
Tabela 20. Correlação de Pearson entre as facetas de <i>Abertura</i> e as reações à frustração..	74

Tabela 21. Correlação de Pearson entre as facetas de <i>Extroversão</i> e as reações à frustração .....	76
Tabela 22. Correlação de Pearson entre as facetas de <i>Agradabilidade</i> e as reações à frustração .....	77
Tabela 23. Definição das Escalas do STAXI, segundo Biaggio (1999; 2003) .....	78
Tabela 24. Amostra de respondentes dos instrumentos TRFO e STAXI (N=130) .....	80
Tabela 25. Correlação entre TRFO e STAXI .....	81
Tabela 26. Regressões <i>Stepwise</i> para variável dependente <i>Ex'</i> (N = 1.568) .....	84
Tabela 27. Sexto modelo da Regressão <i>Stepwise</i> para variável dependente <i>Ex</i> (N=1.568)	85
Tabela 28. Sexto modelo da Regressão <i>Stepwise</i> para variável dependente <i>Ex/</i> (N=1.568) .....	85
Tabela 29. Modelos 6 e 8 da Regressão <i>Stepwise</i> para variável dependente <i>ex</i> (N=1.568)	86
Tabela 30. Regressões <i>Stepwise</i> para variável dependente <i>In'</i> (N = 1.568) .....	87
Tabela 31. Quinto modelo da Regressão <i>Stepwise</i> para variável dependente <i>In</i> (N=1.568)	88
Tabela 32. Terceiro modelo de Regressão <i>Stepwise</i> para variável dependente <i>In/</i> (N = 1.568) .....	88
Tabela 33. Modelos 10 e 11 das Regressões <i>Stepwise</i> para variável dependente <i>in</i> (N=1.568) .....	89
Tabela 34. Regressões <i>Stepwise</i> para variável dependente <i>Na'</i> (N = 1.568) .....	89
Tabela 35. Regressões <i>Stepwise</i> para variável dependente <i>Na</i> (N = 1.568) .....	90
Tabela 36. Regressões <i>Stepwise</i> para variável dependente <i>na</i> (N = 1.568) .....	90
Tabela 37. Subdivisão dos cinco fatores de personalidade em três faixas, conforme comportamentos esperados para cada faixa .....	95
Tabela 38. Análise dos Cinco Fatores em três faixas percentílicas .....	96
Tabela 39. Análise das onze reações à frustração em três faixas percentílicas .....	97
Tabela 40. Subdivisão das onze reações à frustração, conforme comportamentos esperados em cada uma delas .....	97

## Lista de Figuras

Figura 1. Modelo do Teste de Resistência à Frustração PFT, segundo Moura (2004)..	11
Figura 2. O modelo Neoassociacionista de Berkowitz adaptado de Berkowitz, Jaffee, Jo e Tróccoli (2000, p. 132) .....	14
Figura 3. Interpretação cognitivo-emocional do Comportamento (Pasquali, 2003a) ..	19
Figura 4. A situação de Frustração como um processo cognitivo-emocional .....	21
Figura 5. Reprodução da situação 9 do teste PFT .....	29
Figura 6. Representação da Situação 1 do teste TRFP .....	40
Figura 7. Reprodução da situação 1, do caderno 1 para a reação <i>Ex'</i> .....	48
Figura 8. Reprodução do item 1 do teste TRFO .....	50
Figura 9. Componentes Principais do P Face .....	63
Figura 10. Média e desvio padrão em cada uma das 11 reações .....	92
Figura 11. Perfil proposto por Howard e Howard (2000) para fatores e facetas .....	94
Figura 12. Faixas de personalidade e de reação à frustração .....	98
Figura 13. Combinação entre as três faixas dos CGF as reações do tipo <i>Extracéptivas</i> ..	100
Figura 14. Combinação entre as três faixas dos CGF as reações do tipo <i>Intracéptivas</i> ....	101
Figura 15. Combinação entre as três faixas dos CGF as reações do tipo <i>Aceptivas</i> .....	102



## Resumo

A frustração é compreendida como um estado emocional negativo que se tem mostrado relevante na compreensão da forma com que o indivíduo reage para superar os problemas. Apesar da importância deste fenômeno, não há relatos de instrumentos de medida que possam dar conta suficiente do construto. Dessa forma, o objetivo geral deste trabalho é construir um instrumento de medida de reação à frustração nas versões objetiva (TRFO) e projetiva (TRFP) e propor um perfil de reação à frustração. O Estudo 1 apresenta a construção do teste projetivo e a proposta de categorização do teste. O Estudo 2 apresenta o processo de construção do teste objetivo. O Estudo 3 investiga a validade do TRFO. O Estudo 4 investiga a validade preditiva das reações de frustração em comparação com a teoria dos Cinco Grandes Fatores (CGF). Todos os estudos forneceram evidências a favor da validade do TRFO. Um perfil de reação à frustração foi proposto e validado, mostrando que há relação entre as reações de frustração e as características de personalidade. No geral, o presente estudo mostrou a importância de novas pesquisas na área, identificando um novo campo de pesquisa, no Brasil.

Palavras-Chave: Frustração, Personalidade, Reação à Frustração, Elaboração de Instrumentos

## **Abstract**

Frustration is comprehended as a negative emotional state which has shown its relevance in understanding the way in which individuals react to overcome problems. Despite the importance of this phenomenon, there are no reports of measuring instruments that may give sufficient account of the construct. Thus, the general aim of this study is to build a measuring instrument of reaction to frustration in two versions, i.e., a projective (TRFP) and an objective one (TRFO) and also offer a profile of reaction to frustration. Study 1 shows the construction of the projective form, as well as a proposed categorization of the test. Study 2 shows the process of building the objective test. Study 3 investigates the validity of TRFO. Study 4 investigates the predictive validity of the reactions to frustration in comparison to the theory of the Big Five Factors (BFF). All studies provided evidence in favor of the validity of TRFO. A profile of reaction to frustration was proposed and validated, showing that there is a link between the reactions of frustration and characteristics of personality. Overall, this study showed the importance of further research in the field, identifying a new field of research in Brazil.

Key Words: Frustration, Personality, Reaction to Frustration, Construction of measuring instruments

## Introdução

No atual cenário globalizado, em que a complexidade e as demandas requeridas dos indivíduos são, às vezes, consideradas exorbitantes na sociedade moderna, verifica-se que tais condições podem ser consideradas fontes contínuas de sentimentos de revolta, desesperança e depressão nos indivíduos. Se por um lado criam enormes oportunidades e possibilidades frente às situações desafiadoras, por outro lado podem não atender, de maneira satisfatória, a essas necessidades. E esses sentimentos, tidos como universais ou próprios da natureza humana e que dependem de conjunturas específicas, como a história de vida do indivíduo e do contexto em que o mesmo está inserido, podem ser aglutinados no conceito de frustração (Moura, 2004). Espera-se, contudo, que os indivíduos consigam superar suas dificuldades e obstáculos da melhor forma possível, em uma constante busca por sua sobrevivência e adaptabilidade ao meio.

Apesar deste termo, isto é, frustração, ser constantemente utilizado no vocabulário humano e presente em situações do cotidiano, poucos são os registros de pesquisas recentes na literatura sobre o tema. Entretanto, quando vinculado ao fenômeno da agressão, tal conceito ganhou maior significado e presença nos estudos científicos.

De fato, os estudos sobre frustração, até a década de 1960, eram orientados quase que exclusivamente para a verificação da relação entre a frustração e a agressão (Anderson & Bushman, 2002; Baron & Richardson, 1994; Berkowitz, 1989; 1990; 2001; Moura & Pasquali, 2006a; Tice, Bratslavsky & Baumeister, 2001), pois desde os anos 50, diversas pesquisas tentaram identificar os processos envolvidos em respostas agressivas oriundas de situações de frustração (Dill & Anderson, 1995; Pastore, 1952). Nas últimas décadas, contudo, apesar de uma diminuição na ênfase causativa entre frustração-agressão, esta relação ainda continua sendo predominante na literatura sobre essa temática (Moura, 2004), embora também relacionando a frustração e agressão a outros temas. Pesquisas mais recentes têm ressaltado a frustração como uma característica individual geral, que não se relaciona somente com a agressividade, mas, também, com questões vinculadas à área da saúde, do trabalho e das organizações (Beghi & cols., 2002; Dyer, Abrahams, Mokoena, Lombard & Van Der Spuy, 2005; Harlos, 2001; Krejčí, Kvapil & Semrád, 1996; Moura & Pasquali, 2006a; Schaubroeck, Jones & Xie, 2001; Shirayama & cols., 2003; Susskind, 2004).

Na área do trabalho, assim como na área da saúde, a maneira de lidar ou de enfrentar a frustração tem se evidenciado como um dos fatores relacionados a desempenho e bem-estar dos trabalhadores (Cebulak, 2001; Fox & Spector, 1999; Swan, 1972; Vasilopoulos, Cucina & Hunter, 2007; Yates & Pilai, 1992). Análises profissiográficas realizadas com profissionais da área de segurança pública (Freitas, Moura, Caetano, Ferreira & Pasquali, 2006; Moura, 2004; Moura & Caetano, 2007; Moura & cols., 2007; Pasquali, Cabral, Figueira, Rodrigues & Moura, 2003; Pasquali, Salazar, Freitas, Barbosa & Roldão, 2002; Thadeu & cols., 2008) apontam que, dentre as características individuais necessárias, senão primordiais, para o bom desempenho de atividades do trabalho, sobressai a resistência à frustração. Por isto, a relevância de estudá-la, especialmente no contexto brasileiro, onde são raros os estudos relacionados a tal temática.

Mesmo sendo considerado um fenômeno importante a ser investigado, não são encontradas medidas válidas voltadas à investigação da frustração. Especialmente no contexto das organizações de segurança pública, por exemplo, onde há maior necessidade de avaliação da frustração de seus funcionários. Assim, torna-se imprescindível desenvolver medidas com esta finalidade, objetivo da presente tese.

### Objetivos do Presente Trabalho

Dessa forma, o objetivo geral deste trabalho é construir um instrumento de medida de reação à frustração em duas versões, objetiva e projetiva, bem como apresentar a validade da medida objetiva e a proposta de um perfil de reação à frustração. Com esse propósito, foram estabelecidos os objetivos específicos de:

- Fazer uma análise teórica do construto frustração;
- Propor uma definição teórica para o construto de reação à frustração;
- Construir os instrumentos de medida da frustração;
- Definir a tipologia das reações de frustração para categorização dos instrumentos;
- Validar o instrumento objetivo de medida da frustração;
- Avaliar o valor preditivo da personalidade, com base nas reações a frustração;
- Propor um perfil de reação à frustração.

## Estrutura da Tese

Este trabalho é dividido em 5 capítulos. O Capítulo 1 aborda o conceito de frustração e as principais perspectivas teóricas no estudo desse construto. O Capítulo 2 trata da medida da frustração, contemplando também a problemática da construção de testes no Brasil. O Capítulo 3 trata da construção dos instrumentos de medida da frustração, em dois formatos, objetivo e projetivo, e da validação do instrumento objetivo, sendo subdividido em 4 estudos. O Capítulo 4 contempla o perfil de reação à frustração e sua validação por meio do teste de personalidade, baseado na teoria dos Cinco Grandes Fatores. O Capítulo 5 apresenta as discussões e conclusões deste trabalho.

## CAPÍTULO I – DEFINIÇÃO DE FRUSTRAÇÃO E CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

### 1.1 O Conceito de Frustração

A palavra frustração representa um conceito psicológico usualmente utilizado no dia-a-dia, embora muito suscetível a diferentes significados. Tal diferença aparece até mesmo entre psicólogos, que ora consideram este fenômeno como uma condição instigadora externa, ora o consideram como a reação de um organismo a determinado evento (Berkowitz, 1993). Neste sentido, a frustração vem sendo, tradicionalmente, compreendida sob dois diferentes prismas.

Em um aspecto, a frustração pode ser compreendida como a representação de um objeto impeditivo da realização de uma necessidade, algo externo ao sujeito, ou seja, um obstáculo ou um evento. Essa definição é referendada de maneira mais clara na literatura por teorias que serão posteriormente analisadas. Observa-se, porém, noutro sentido dado a este construto, que frustração se refere a um sentimento, ou seja, um sentimento negativo representando insucesso ou tristeza, por não se ter atingido algo pretendido (Moura & Pasquali, 2006c). Tal entendimento pode ser encontrado, constantemente, em verbalizações do cotidiano como, por exemplo, “estou frustrado por não ter chegado a tempo”, e assim se descreve como um sentimento em consequência do não alcançado.

Mesmo estas duas diferenciações não parecem abarcar uma explicação suficiente para o fenômeno, o que levanta maiores questionamentos quanto à necessidade de melhor compreendê-lo. A Tabela 1 apresenta algumas das definições de frustração comumente encontradas na literatura. O fenômeno é apresentado sob duas subdivisões conceituais: frustração enquanto o próprio obstáculo e frustração enquanto um sentimento.

Tabela 1. Levantamento sobre definições de frustração

Foco	Definição de frustração	Autor
Impedimento ou obstáculo interno ou externo	A frustração provoca diferentes tipos de respostas sendo, uma delas, a instigação a alguma forma de agressão.	Miller (1941)
	A frustração está vinculada à privação de algo.	Davis (1958)
	Uma interferência que ocorre quando um indivíduo se encontra em uma seqüência do comportamento.	Yates (1975)

Tabela 1. Levantamento sobre definições de frustração (Continuação)

Foco	Definição de frustração	Autor
Impedimento ou obstáculo interno ou externo	Estímulos aversivos desagradáveis que ativam afetos negativos, por meio de processos cognitivos, que são associados com tendência agressivas.	Berkowitz (1989)
	Ato de bloquear alguém de atingir ou alcançar uma gratificação esperada.	Dill e Anderson (1995)
	Ausência de um objeto externo suscetível de satisfazer a pulsão. Ato ou efeito de frustrar-se.	Laplanche e Pontalis (1998)
	Quando algo bloqueia a realização ou ameaça a continuidade de um objetivo que tem importância para o indivíduo.	Anderson (2000)
	Estado de tensão contra o qual o indivíduo que é afetado canaliza a sua energia, de uma maneira quase que determinada, para eliminar ou mesmo para evitar o problema.	Oliveira (2000)
Sentimento Emoção	Bloqueio que um indivíduo sofre diante de uma meta ou objetivo.	Soto (2005)
	“Estado em que fica um sujeito quando lhe é recusada ou quando ele se proíbe a satisfação de uma demanda de origem pulsional.”	Roudinesco e Plon (1944, p. 285)
	“Algo que ocorre sempre que o organismo encontra um obstáculo, ou uma obstrução, mais ou menos insuperável, no caminho que conduziria à satisfação de uma necessidade vital qualquer”.	Rosenzweig (1976, p.885)
Sentimento Emoção	Frustração é uma <u>emoção</u> que ocorre em situações onde algo impede que um objetivo pessoal seja alcançado. Quanto mais importante for o objetivo, maior será a frustração. Este sentimento pode ser comparado com a raiva.	Wikipedia (n.d.)
	Algo que ocorre na ausência de um objeto ou pelo encontro de um obstáculo na via da satisfação dos desejos.	Oliveira (2000)

Tabela 1. Levantamento sobre definições de frustração (Continuação)

Foco	Definição de frustração	Autor
	É um sentimento de não-realização ou não-satisfação diante de um destino que se distancia da vontade. O mais correto seria chamar o quadro de tristeza, mágoa, aborrecimento, desespero.	Ballone (2006)
	“Estado daquele que, pela ausência de um objeto ou por um obstáculo externo ou interno, é privado da satisfação dum desejo ou duma necessidade”.	Dicionário Aurélio Eletrônico (1997)

Apesar das subdivisões no conceito de frustração e das várias definições que este construto assume na literatura, a maior parte delas concorda com o fato de existir um obstáculo ou uma interferência no processo pela busca da satisfação de uma necessidade (Parrek, 1964), causando, então, alguma reação no organismo. Para o presente estudo, a frustração é compreendida como um estado emocional negativo e não como um obstáculo ou evento. Este estado emocional ou sentimento negativo advém da não satisfação de algo ou de uma necessidade que seja importante para o indivíduo, mesmo que este algo seja um objeto real ou fictício.

## 1.2 As Teorias da Frustração

A literatura indica que, historicamente, estudos sobre a frustração foram inicialmente relacionados ao construto de agressão e apontam como ponto de partida, a Teoria Clássica da Agressão de Dollard, Doob, Miller, Mowrer e Sears (citado por Berkowitz, 1989). Diversas teorias foram postuladas na literatura, tendo como base esta primeira teoria ou uma reformulação da mesma. Um grande avanço, desde a Teoria Clássica foi desvincular a frustração do construto de agressão, apesar de alguns estudos recentes ainda insistirem nesta relação (por exemplo, Henna, Zilberman, Gentil & Gorenstein, 2008; Inness, Barling & Turner, 2005; Norman & Ryan, 2008). Neste sentido, as teorias que norteiam este trabalho são apresentadas neste capítulo, ressaltando-se a Teoria Geral da Frustração, além da proposta de uma nova leitura da mesma e da análise de outras teorias, que não avaliam diretamente o construto da frustração, embora ofereçam subsídios para sua compreensão.



### 1.2.1 A Teoria Clássica da Frustração e Agressão

A teoria considerada precursora no estudo da agressividade humana foi a Teoria da Frustração e Agressão, proposta em 1939, pelo Grupo de Yale, composto por John Dollard, Leonard Doob, Neal Miller, Hobart Mowrer e Robert Sears, e proveu, à comunidade científica, uma base teórica para a análise da agressão social, ficando conhecida como a Teoria Clássica (Moura & Pasquali, 2006a). A Teoria Clássica baseia-se em duas afirmações: (1) todos os atos de agressão são resultantes de uma frustração prévia; (2) toda frustração leva a uma agressão (Anderson, 2000; Maier, 1949), onde a teoria reconhece uma relação causal direta entre a frustração e a agressão.

Essas afirmações não foram compartilhadas por todos os estudiosos da área, abrindo margem a diversas críticas sobre este modelo na literatura (Amsel, 1992; Berkowitz, 1962; Berkowitz & Harmon-Jones, 2004; Miller, 1941; Porterfield, 1943; Taylor, 1952), tendo sido algumas suscitadas ainda por membros do Grupo de Yale ao afirmarem que a frustração estimula a uma série de diferentes tipos de respostas, sendo uma delas algumas formas de agressão (Miller, 1941). Parrek (1964) considera que, apesar das críticas, muitas das publicações ainda continuaram a sugerir que a agressão seria considerada o maior resultado ou reação à frustração.

Dentre as críticas suscitadas à teoria Clássica da Frustração e Agressão, sobressai a crítica à tentativa de se fazer uma relação causal direta entre os dois construtos. A ligação entre a agressão e a frustração é mais fraca do que originalmente proposta, visto que a frustração não leva inevitavelmente o indivíduo a agredir, e a agressão não é precedida, necessariamente, pela frustração. Certamente, seria fácil comprovar que a agressão nem sempre é um efeito direto da frustração, já que o indivíduo seria capaz de aprender, por recompensas e punições, outros tipos de comportamentos para lidar com a frustração, que não somente a agressão.

### 1.2.2. Teoria Psicanalítica

Para a Teoria Psicanalítica, a frustração tem origem na tradução do termo *Versagung* (Kaufmann, 1996; Laplanche & Pontalis, 1998; Roudinesco & Plon, 1944) como forma de significar o indiferente, a insatisfação por algo ou o desprazer. Segundo Freud (citado por Roudinesco & Plon, 1944), este termo traduz tanto a insatisfação conseqüente da recusa de um agente externo, que impede a satisfação libidinal, quanto à insatisfação vinculada a fatores internos (a recusa de si mesmo), envolvendo a inibição e as defesas do eu. Kaufmann (1996) defende que é da incapacidade da pulsão em atingir sua

finalidade, como forma de diminuir as tensões internas que surge a frustração. E se a frustração está vinculada na expressão do obstáculo interno e externo e na satisfação da pulsão, Laplanche e Pontalis (1998) consideram que mais importante que a falta de um objeto é a exigência da satisfação. Fleming (2003) considera ainda que por esse motivo o indivíduo tenta se afastar da fonte de desprazer para produzir eventos psíquicos que tragam essa satisfação.

De outro ponto de vista, a frustração poderia ser vinculada, na psicanálise, às diferentes estratégias inconscientes que um indivíduo busca na tentativa de resolver situações de conflito (Freud, 1920), na análise da imposição do superego ao id. Depois de formado, o superego passa a impor ao id normas e deveres e torna-se, para ele, um obstáculo que impede a satisfação de suas pulsões. Roudinesco e Plon (1944) expandem esse significado ao afirmarem que é em decorrência da frustração que os seres humanos se tornam neuróticos ou que a frustração deve ser, pelo menos, tratada como uma das causas da neurose. Por isso Freud (1927) afirma que a frustração é “um estado que é inerente à condição humana”, embora também seja fruto de limitações que são impostas pela cultura e pela sociedade.

Ainda na visão teórica da Psicanálise, Fleming (2003) analisa as teorias de Melaine Klein e Bion. A primeira considera a frustração a fonte da ansiedade primária, ou seja, o medo do aniquilamento ou da morte psíquica, o trauma do nascimento aliado à ansiedade da separação e a própria frustração das necessidades corporais. O segundo autor afirma que a frustração está associada a uma realização negativa, vinculada ao conceito de pensamento. Por último, Kaufmann (1996) identifica que Lacan compreende a frustração como um “dano imaginário” de um objeto que é real, ou seja, a frustração articula com o simbólico do ideal do eu e o real.

### 1.2.3 A Teoria Geral da Frustração

Levando em consideração as posições da Teoria Clássica e da Psicanálise, Rosenzweig (1938a), ao iniciar os estudos sobre a frustração, afirmou que um dos principais desafios seria a própria compreensão desse construto. O autor considerou a frustração como um fenômeno criado por situações de privação, conflitos, impedimento da satisfação de algo ou, até mesmo, por experiências traumáticas. Este fenômeno estaria vinculado aos conceitos de não adaptação (relacionada a questões ambientais com os quais o indivíduo não consegue lidar com êxito), tensão (estado do indivíduo) e desequilíbrio ou

perturbação da homeostase (ligação entre os fatores ambientais e o organismo). E se havia uma conjunção destes fatores, a frustração estaria vinculada também a um significado biológico das defesas do indivíduo. O autor considera que a frustração, principalmente dos impulsos sexuais, apesar de aparecer em quase todas as páginas dos escritos da psicanálise, comprovando assim a sua importância, não teve uma exploração ou estudo sistemático necessários para seu entendimento. E uma visão mais sistemática e empírica daria conta de questões que, segundo o autor, o *id* e o *inconsciente* não poderiam explicar.

Neste contexto, surge a Teoria Geral da Frustração, proposta por Rosenzweig em 1924 (Nick, n.d.), na tentativa de reformular conceitos da psicanálise e proporcionar estudos experimentais na área de frustração. Rosenzweig reconheceu nos testes projetivos de personalidade uma grande contribuição da psicanálise para a área clínica, embora tenha direcionado seus estudos para o que denominou de Psicanálise Experimental (Kaufman, 2007; Rosenzweig, 1945; 1949). Ou seja, na medida em que os testes projetivos contribuíam para a medida da personalidade, o instrumento que ele próprio elaborou (*Picture-Association Study for Assessing Reaction to Frustration – PFT*) contribuía com estudos experimentais da personalidade (Rosenzweig, 1938a). Já Nick (n.d.) considera que outro ponto que contribuiu para construção da Teoria Geral foi a tentativa de Rosenzweig de incluir uma explicação psicobiológica na compreensão da frustração.

Segundo Rosenzweig (1938b), para analisar a frustração, deveriam ser compreendidos os tipos de situações frustrantes ou o fenômeno das classes gerais de situações frustrantes a que um ser humano pode vir a sucumbir, definidos por quatro aspectos:

- a) Existem situações em que há uma necessidade ou desejos individuais envolvidos e que normalmente pode ser sanadas pelo meio externo;
- b) Há outras situações que são negativas, mas de caráter endógeno, ou seja, dizem respeito a questões internas do indivíduo. Ambas as situações compreendem a perda de um objeto do ambiente ou pessoal e têm um caráter de privação externa (exógena) ou interna (endógena);
- c) Há ainda situações em que a própria existência de algo é que motiva a frustração;
- d) Por fim, há também situações em que se encontram os conflitos psicológicos, caracterizados pela frustração em detrimento de um obstáculo em sua própria personalidade, ou seja, há algo no modo de ser do indivíduo que o impede satisfazer certas realizações.

Essas considerações de Rosenzweig (1938b) deixam claro que há diferentes variantes de frustração, que diferem em graus de privação, mas que possuem em comum o fato de haver a frustração de uma necessidade, ou seja, há sempre algo que não pode ser alcançado. Ele afirma que tentar entender essa combinação de variedades de frustração seria algo exaustivo, sem contar com a tentativa de se compreender o que estaria antecedendo esses tipos de situações. Exaustivo também seria tentar explicar essa condição psicobiologicamente. Em vez de enveredar por essa discussão, Rosenzweig propõe a visão da defesa psicobiológica do organismo para tentar compreender os diferentes níveis discutidos o que parece desvincular o autor de uma visão puramente psicanalítica.

A defesa psicobiológica do organismo seria resumida em três níveis: a) celular ou imunológico, que diz respeito aos anticorpos ou ações de defesa do corpo em casos de infecção; b) autônomo ou de urgência, que trata de reações do organismo contra dor, agressões, medo, traduzidas em mudanças biológicas; e) nível superior, de defesa do ego ou cortical, que reflete a defesa da personalidade contra agressões do tipo psicológicas. A base da Teoria Geral da Frustração, proposta por Rosenzweig compreendeu este terceiro nível, embora sem ignorar a existência dos demais (Nick, n.d.).

A partir da compreensão dos níveis de defesa do organismo, a teoria de Rosenzweig propõe um esquema específico de entendimento da frustração. A frustração, então, ocorre quando o organismo se depara com um obstáculo ou algo que o impeça de satisfazer uma necessidade que seja considerada, no momento, vital. Assim, a frustração se resume em dois tipos básicos: primária e secundária. A frustração primária ou privação estaria relacionada a um tipo de insatisfação subjetiva causada pela não satisfação de uma necessidade ativa. Neste caso, a privação de comida seria um tipo de frustração primária. A frustração secundária diz respeito ao impedimento da satisfação de determinada necessidade devido à presença de algum obstáculo, sendo esta última a de interesse dos estudos e pesquisas desenvolvidos por Rosenzweig (Nick, n.d.). A frustração secundária estaria relacionada à natureza do obstáculo ou fonte da frustração, ligada a um tipo de defesa do ego, o que, segundo a psicanálise, seriam respostas em defesa à ameaça do ego.

Outra análise proposta por Rosenzweig (citada por Nick, n.d.) é que a situação que constitui o obstáculo é considerada um fator estressante. Esse fator é subdividido em duas grandes dimensões, sendo a primeira relacionada ao fato do estresse ser passivo (obstáculo não é ameaçador) ou ativo (obstáculo é ameaçador) e a segunda ao fato de ser interno (o obstáculo tem como fonte o próprio indivíduo, está dentro dele) ou externo (obstáculo é externo ao indivíduo, está no meio externo). Essas dimensões dão origem a quatro categorias:

a) passivo externo; b) ativo externo; c) passivo interno e d) ativo interno (Nick, n.d.; Rosenzweig, 1938a; 1949). Rosenzweig utilizou essas subdivisões para explicar a origem da proposta de reações à frustração em suas tentativas de medir o construto.

### 1.2.3.1 A compreensão das reações à frustração, segundo a Teoria Geral da Frustração

Na visão de que o indivíduo frustrado pode reagir de diferentes maneiras frente a uma situação considerada frustrante, como forma de defender-se, Rosenzweig (1945; 1949) propôs três grandes tipos de reações ou perspectivas, consideradas padrões ou universais. Por influência da Teoria Clássica, todas essas reações estão, necessariamente, vinculadas à agressão. Sendo assim, as reações dependem: a) do tipo de economia das necessidades frustradas; b) do nível de reação e c) da adequação da reação.

O *tipo de economia* é compreendido tanto pela reação de persistência da necessidade, quanto pela reação de defesa do ego (Rosenzweig, 1938b). A persistência da necessidade diz respeito ao estresse passivo e a reação de defesa do ego fala do estresse ativo. No caso da defesa do ego, o indivíduo poderia ainda apresentar três tipos de respostas: a) extrapunitivas (o indivíduo atribui agressivamente a frustração ao meio externo); b) intrapunitivas (o indivíduo atribui agressivamente a frustração a si mesmo) e c) impunitivas (a agressão não é uma força geradora da frustração), como ilustrado na Figura 1.

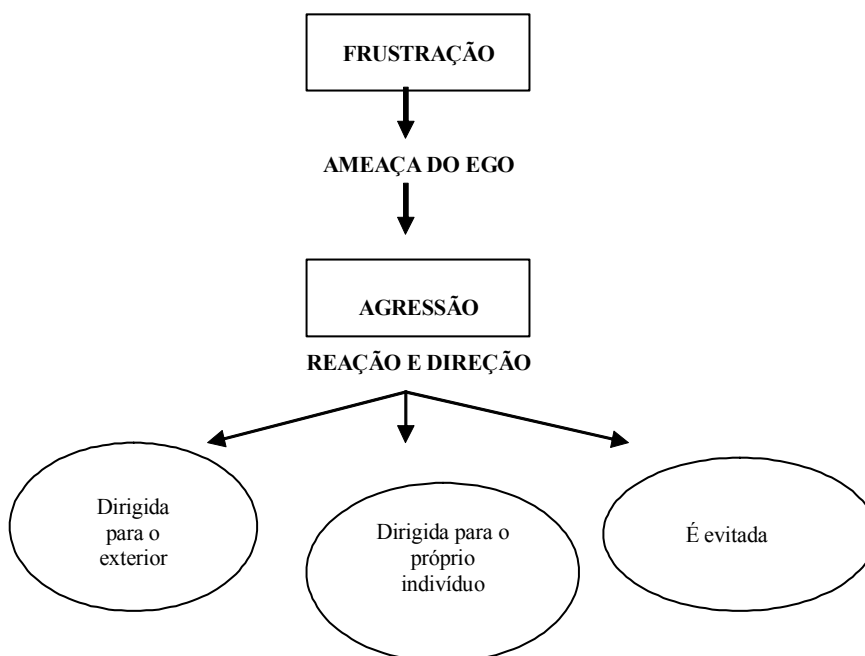


Figura 1. Modelo do Teste de Resistência à Frustração PFT, segundo Moura (2004)

O *nível de reação* pode ser definido por reação direta ou reação indireta. Na reação direta, a resposta tem como objetivo prolongar a necessidade do indivíduo e na segunda, tem como finalidade substituir essa necessidade por outra.

A *adequação de uma reação ou tipo de reação* considera que toda reação à frustração tem, na visão da biologia, uma explicação adaptativa do indivíduo (Nick, n.d.) e para isso ele vai fazer uso do tipo de economia para poder superá-la. Se o indivíduo busca uma solução mais adaptativa, isso quer dizer que ele vai a busca de sua necessidade, mesmo que tenha que superar os obstáculos para satisfazê-la. Se o indivíduo busca soluções não adaptativas, então ele executa comportamentos repetidos que não solucionam o problema.

A partir dos pressupostos apresentados, Rosenzweig (1945) definiu a frustração como um fenômeno que ocorre todas as vezes que o organismo encontra um obstáculo ou impedimento, mais ou menos intransponível, no caminho que o conduz à satisfação de qualquer necessidade vital. A frustração vai ocorrer, ainda, quando o organismo é submetido à ausência ou presença de um estímulo que seja agradável, ou à ausência de um objeto externo suscetível à satisfação da pulsão. Nesta última concepção, as propostas de Rosenzweig se aproximam das idéias de Freud, pois a frustração giraria em torno da defesa do ego.

Para investigação desses padrões humanos de reações a situações de estresse ou da medida da frustração, (Rosenzweig, 1945) construiu um teste denominado de *Picture-Association Study for Assessing Reaction to Frustration*, instrumento este que será avaliado no próximo capítulo desta tese. Mas para a compreensão da medida que ele propôs, a partir de sua teoria, faz-se necessário avaliar o que ele denominou de resistência à frustração.

#### 1.2.3.2 O conceito de resistência à frustração

Estudos experimentais na década de 1930 tentaram encontrar o efeito produzido pela frustração no comportamento dos indivíduos, o que levou à origem do conceito criado por Rosenzweig (1945) de “Tolerância à Frustração”, traduzido mais tarde como “Resistência à Frustração” (Nick, n.d.). Segundo Kaufman (2007), a criação desse conceito é listado como uma das grandes contribuições teóricas de Rosenzweig, que definiu a resistência à frustração como a capacidade do indivíduo em resistir a uma dada situação frustrante, sem distorcer ou desistir de um objetivo (Rosenzweig, 1938b) ou em apresentar modos adequados de respostas ou reações adequadas (Nick, n.d.; Parrek, 1964).

Todos os indivíduos diferem entre si constitucionalmente, pois possuem experiências passadas, bem como capacidades diferentes, que vão definir a forma de

resistir ou não a uma frustração. Em alguns casos, Rosenzweig (1938b) defendia que já haveria uma predisposição predefinida nos indivíduos. Assim, em sujeitos psicóticos e neuróticos se esperaria uma baixa resistência à frustração, enquanto que em sujeitos definidos pelo autor como “normais” seria esperado um padrão relativamente alto de tolerância ou resistência à frustração, por possuírem uma estrutura mais adequada de personalidade.

Rosenzweig (1938b) discute que a adequação ou não da tolerância à frustração de um indivíduo está vinculada tanto ao fato dele apresentar reações aceitáveis socialmente, quanto ao fato dele não deturpar os fatos reais. Considera ainda que a reação deve ser avaliada, pois até mesmo respostas de raiva e hostilidade podem ser adequadas, se justificadas pela situação e pelo ambiente em que o indivíduo está inserido, quando o indivíduo está em busca de preservar seu funcionamento ou o seu “ego”.

### 1.3 Outras abordagens na compreensão da frustração

Teorias foram elaboradas e pesquisas empíricas foram desenvolvidas para tentar explicar e compreender os comportamentos de frustração e agressão que vão desde a visão psicanalítica à comportamental, sendo, atualmente, a visão das ciências sociais a mais proeminente. Dentro desta tendência mais atual, as novas teorias afirmam que a relação frustração-agressão, na qual as teorias anteriormente apresentadas insistem, de fato existe, mas que a agressão é, na verdade, uma das possíveis reações que o indivíduo pode apresentar quando frustrado. Uma série de teorias surgiu dentro deste novo enfoque, sendo que a teoria que melhor esclarece o conceito de frustração é a teoria neo-associacionista, de Berkowitz (1962; 1989; 1990; 1993; 1998; 2001) e Berkowitz, Jaffee, Jo e Tróccoli (2000), que objetivou não substituir, mas, complementar a teoria clássica, com uma visão cognitivista do processo. Além dela, outras teorias podem ser elencadas na tentativa de se compreender o fenômeno da frustração: a Teoria da Aprendizagem Social, a Teoria do Script, a Teoria da Transferência da Excitação, a Teoria da Interação Social e, mais recentemente, a Teoria Evolucionista.

#### 1.3.1 A Teoria Neo-Associacionista

Segundo Conde (2004), a cadeia que indica a relação entre a frustração e a agressão é quebrada com Berkowitz, criador da Teoria Neo-Associacionista. Segundo Berkowitz (1990), a frustração pode levar o indivíduo a uma reação agressiva, mas isso vai depender da interpretação que o indivíduo faz da situação (Hoffman & Legal, 2003; Vasquez, Bartsch,

Pedersen & Miller, 2007) ou da possibilidade, segundo Dill e Anderson (1995), de originar afetos negativos. De fato, Berkowitz afirma que eventos aversivos, tais como a frustração, provocação, barulhos, temperaturas desconfortantes e odores (circunstâncias ambientais desagradáveis), produzem afetos negativos (Anderson & Bushmann, 2002; Berkowitz & Tróccoli, 1990; Dill & Anderson, 1995; Tróccoli, 1984; 1986). Por sua vez, o afeto negativo, ligado a essas ocorrências aversivas, estimula, automaticamente, pensamentos, reações corpóreas, idéias, sentimentos e memórias associadas ao estímulo desagradável, onde a cognição estaria provocando sentimentos ora de raiva, que incluiria a agressão, ora de fuga, como ilustrado na Figura 2. A frustração seria, então, uma fonte de ativação ou de prontidão (Conde, 2004).

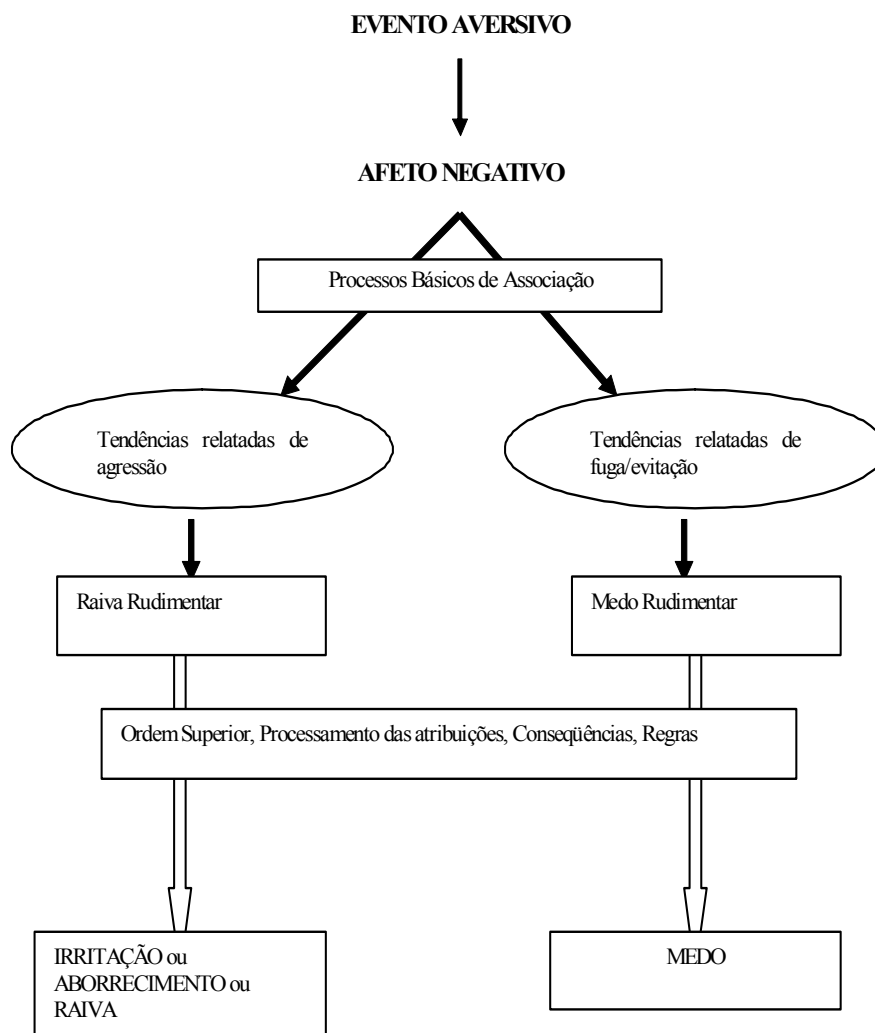


Figura 2. O modelo Neo-associacionista de Berkowitz adaptado de Berkowitz, Jaffee, Jo e Tróccoli (2000, p. 132)



O afeto negativo, neste caso, estaria vinculado a um estado de distração e engajamento desprazeroso transitório, que inclui emoções que não são agradáveis, tais como ansiedade, depressão, agitação, aborrecimento, pessimismo e sintomas psicológicos considerados angustiantes (Salazar, 2004). Segundo esse modelo, a raiva seria uma das possíveis reações do afeto negativo provocadas pela frustração. Nesta visão, Berkowitz (2001) propõe que a frustração refere-se a apenas um dos vários estímulos. Contudo, os estímulos aversivos somente levam a comportamentos agressivos se forem associados a certos estímulos ambientais provocadores de agressividade, tais como estímulos que foram associados à raiva no passado, dor física e estresse (Berkowitz, 1998). São, assim, os instigadores da agressão que desencadeiam a ocorrência de uma agressão real, que fazem com que o indivíduo responda ou não de forma agressiva, quando frustrado. Ademais, a teoria aponta a raiva como uma referência a todos os sentimentos negativos (classe de reações motoras, psicológicas, conjunto de comportamentos ou, ainda, a combinação desse todo) (Berkowitz, 1990; Berkowitz, Jaffee, Jo & Tróccoli, 2000), conforme ilustrado na Figura 2.

Uma crítica feita por Berkowitz (1989) à teoria clássica consiste no fato de Dollard e seus colegas terem acreditado que toda agressão poderia ser precedida de uma frustração prévia, embora não tivessem especificado como essa influência precedente se operaria. A suposição desses autores estaria negligenciando a possibilidade de uma agressão instrumental, ou seja, de um comportamento aprendido que teria um objetivo a ser atingido ou um interesse definido. Isto é, um indivíduo pode vir a agredir um outro não por uma influência do passado, mas porque esse comportamento lhe traria algum tipo de benefício, tais como a obtenção de dinheiro, status social ou outras vantagens.

Segundo Tice, Bratslavsky e Baumeister (2001), na teoria do Neo-Associacionismo todas as formas de afeto negativo contribuem para o crescimento da agressão e, não apenas à frustração, como tratavam teorias anteriores a esta proposta. Nesta visão, muitos atos de agressividade poderiam refletir a perda do autocontrole sobre a influência de algum sinal de perigo.

Em uma meta-análise sobre estudos que tratam de agressividade, Bettencourt, Talley, Benjamin e Valentine (2006) afirmaram que um grande mérito atribuído à teoria de Berkowitz era que, juntamente com Bandura, essa teoria ainda influencia novas teorias sobre a agressão. Como contribuição à linha do Neo-Associacionismo, surge um novo modelo, denominado *General Affective Aggression Model* (GAAM) (Anderson & Bushman, 2002).

O GAAM trouxe uma nova contribuição para a compreensão da influência da agressividade no comportamento, ao entender que a agressão é baseada no conhecimento produzido por processos de aprendizagem sociais, ou seja, fatores pessoais (tendência nos traços de personalidade) ou fatores externos ao indivíduo (filmes violentos, provocação ou frustração) que influenciariam a cognição, afeto e estímulos (Fischer, Kubitzki & Frey, 2007). Uma análise da diferença entre as duas propostas teóricas mostra que o indivíduo pode apresentar a resposta agressiva, embora os eventos aversivos (como a frustração, por exemplo) gerem um afeto negativo (Neo-Associoacionismo) ou raiva (GAAM). Tentar compreender a frustração, a partir desta proposta, seria analisá-la como um evento aversivo, que influenciado pelos fatores de aprendizagem sociais ou pessoais poderia produzir um afeto negativo ou a raiva. Esta explicação vincularia a frustração mais uma vez à agressividade o que, na compreensão deste estudo, estaria desconsiderando tantas outras reações possíveis.

### 1.3.2 Teoria Evolucionista

A Teoria Evolucionista concentra duas revoluções científicas, sendo a primeira a revolução cognitiva na explicação mecânica do pensamento e emoção com base na informação e a segunda a revolução da biologia evolucionista. Neste contexto surge a Psicologia Evolucionista, que acrescenta à visão biológica a cultura (Pinker, 1998). Esta teoria está baseada na idéia de seleção natural, da necessidade de adotar constantes adaptações e, portanto, a sobrevivência da espécie dependeria em grande parte das características que poderão ser vantajosas ou não na luta pela sobrevivência (Pasquali, 2008). Uma abordagem evolutiva auxiliaria na compreensão do que orienta as características adaptativas de um ser humano desde sua origem. Além de se identificar o que seria um comportamento adaptativo para solução de problemas, ou seja, do que a mente humana seria capaz para resolvê-lo, suas medidas poderiam revelar que tipo de mecanismos deve ser superado (Tooby & Cosmides, 1990), bem como se esses mecanismos, juntamente com outras características, podem explicar as estratégias utilizadas pelo indivíduo para transpor os problemas.

Segundo Tooby e Cosmides (1990), o conceito de uma natureza humana universal, baseado em uma série de complexas adaptações psicológicas, é defendido como válido, apesar da existência de grandes variações genéticas, que fazem de cada humano um ser geneticamente e biologicamente único. Segundo esses autores, o que parece ser contraditório pode ser conciliado quando se compreende que as adaptações mais

complexas exigem muitos genes para regular seu desenvolvimento e que a combinação sexual é tão complexa que é muito improvável que todos os genes que definem essas complexas adaptações venham todos acompanhados em um mesmo indivíduo. Então, se o comportamento humano foi moldado, em parte, pela evolução da espécie humana, ou seja, cada ser humano carrega consigo genes que podem propiciar ou potencializar comportamentos tais como a agressividade e a reação à frustração, esses estariam vinculados ao processo de sobrevivência.

As pessoas são equipadas com um potencial de tolerância aos obstáculos (Salazar, 2004), que podem, inclusive, aparecer no decorrer da vida, o que representaria uma característica adaptativa. Segundo Lykken (1999), a espécie humana é extraordinariamente adaptável, podendo acostumar-se às novas situações e circunstâncias rapidamente, mesmo com a facilidade ou não de adaptação ao sucesso e ao fracasso advindo das diferenças individuais de origem genética, e este potencial seria a característica adaptativa.

### 1.3.3 Outras Teorias

A Teoria do *Script* (Huesmann, 1986) tem base nas abordagens da cognição social, constituindo-se como um modelo de desenvolvimento social que trata dos efeitos da violência. O comportamento social seria direcionado por *scripts* oferecidos durante a infância. Segundo Najaine (2004), esses *scripts* ficam programados na memória e são utilizados como direcionamento para o comportamento social e são usados, pelo indivíduo, para solucionar seus problemas. A agressividade pode estar vinculada ao contato que a criança tem ao longo de seu crescimento como, por exemplo, com a violência na mídia, ou seja, as crianças aprenderiam *scripts* de agressividade.

Quando os *scripts* são aprendidos, passam a ser utilizados em algum momento da vida do indivíduo, para guiarem um comportamento. Essa teoria é usada para o entendimento da generalização do processo de aprendizagem social e da automatização, bem como dos processos complexos de percepção, julgamento e decisão. Neste sentido, a reação à frustração estaria vinculada a um processo de aprendizagem do *script*, porém não há um processo de aprendizagem afetiva, mas sim a modelagem da expressão da frustração, assim como há na agressão.

A Teoria da Transferência da Excitação sugere que a excitação fisiológica se dissipa lentamente, concebendo-se que se dois eventos são separados por um pequeno espaço de tempo a excitação do primeiro evento é erroneamente atribuída ao segundo. Assim, se o segundo evento é relacionado à raiva, então a incitação adicional pode fazer a

pessoa também ficar com raiva (Anderson & Bushman, 2002). Segundo Fukuda (1997), existem algumas condições que exercem controle na energização de comportamentos agressivos, e elas dependeriam da instigação necessária à existência de um estímulo provocador ou disposição para que a agressão ocorra. Neste sentido, a frustração estaria vinculada a condição excitatória de um evento anterior, influenciando na reação do indivíduo frustrado.

Na Teoria da Interação Social, teóricos da Aprendizagem Social salientam que as pessoas se comportam de maneira similar a modelos que avaliam com elevado *status* social ou de sucesso (Gomide, 2000). Esta teoria interpreta o comportamento agressivo como um comportamento de influência social e, dessa maneira, o indivíduo age de forma que suas escolhas estejam relacionadas às recompensas, custos e probabilidades de se obter diferentes resultados no entendimento de que até mesmo agressões hostis possuem um objetivo ou intenção (Anderson & Bushman, 2002). Desta mesma condição de ganho poderiam ser explicadas as diferentes reações de frustração de um indivíduo.

Na Teoria da Aprendizagem Social, os indivíduos aprendem a se comportar agressivamente a partir da observação de um modelo que é reforçado pelo seu comportamento. Neste sentido, ao se deparar com um reforço ao comportamento agressivo, o mesmo tende a ser definido como forma de comportamento. Esta teoria atribui pouca atenção aos processos internos, concentrando-se, fundamentalmente, no ambiente externo.

Bandura (1973) sugere que os comportamentos agressivos são basicamente aprendidos e que para sua compreensão, devem ser observadas as recompensas e punições envolvidas na aquisição e manutenção de tais comportamentos. Nesse caso, a agressão seria investigada como um comportamento aprendido. Quando as conseqüências são positivas para o indivíduo, este tende a imitar tais comportamentos em situações similares.

A agressão pode ser um fenômeno modificável e evitável e, dessa forma, pode ser reduzida e potencialmente eliminada por meio do controle das condições situacionais. Na análise da frustração, padrões de reação estariam vinculados também a comportamentos que foram reforçados no indivíduo durante sua vida. Yates (1975) considerou que esta seria uma das explicações para que dois indivíduos reagissem de formas diferentes quando em uma mesma situação de frustração, dado que um indivíduo ou outro tenha aprendido, durante sua vida, respostas não adaptativas, embora tenha sido reforçado por isso.

#### 1.4 Elementos teóricos considerados na compreensão da frustração

As teorias analisadas identificam, sob cada aspecto teórico, a frustração, ora como um sentimento ora como um obstáculo, e que pode ser vista tanto como uma característica inata quanto como um comportamento que foi aprendido e reforçado ao longo da história do indivíduo. Para este estudo, a frustração foi definida como um estado emocional negativo, advindo da não satisfação de uma necessidade, da existência de um obstáculo real ou imaginário a um comportamento ou atitude de um indivíduo. Ou seja, mesmo que haja apenas a intenção de uma ação, seu impedimento pode levar a um sentimento de frustração. Contudo, neste trabalho espera-se delimitar uma base teórica capaz de nortear este fenômeno e propor uma medida da frustração baseada em comportamentos de reação a ela.

A Teoria de Personalidade proposta por Pasquali (2003a) propõe um modelo para a compreensão da dinâmica do comportamento humano. Este autor considera que o comportamento resulta da interação entre a estrutura e as faculdades humanas: *Ser*, que diz respeito à estrutura (físico/biológico e psíquico), e *Função*, que diz respeito às faculdades de *Conhecer* (sensação e intelecto), *Sentir* (emoção e sentimento) e *Agir* (instinto e vontade). Dessa forma, o comportamento é resultante de um processo cognitivo-emocional, conforme mostrado na Figura 3.

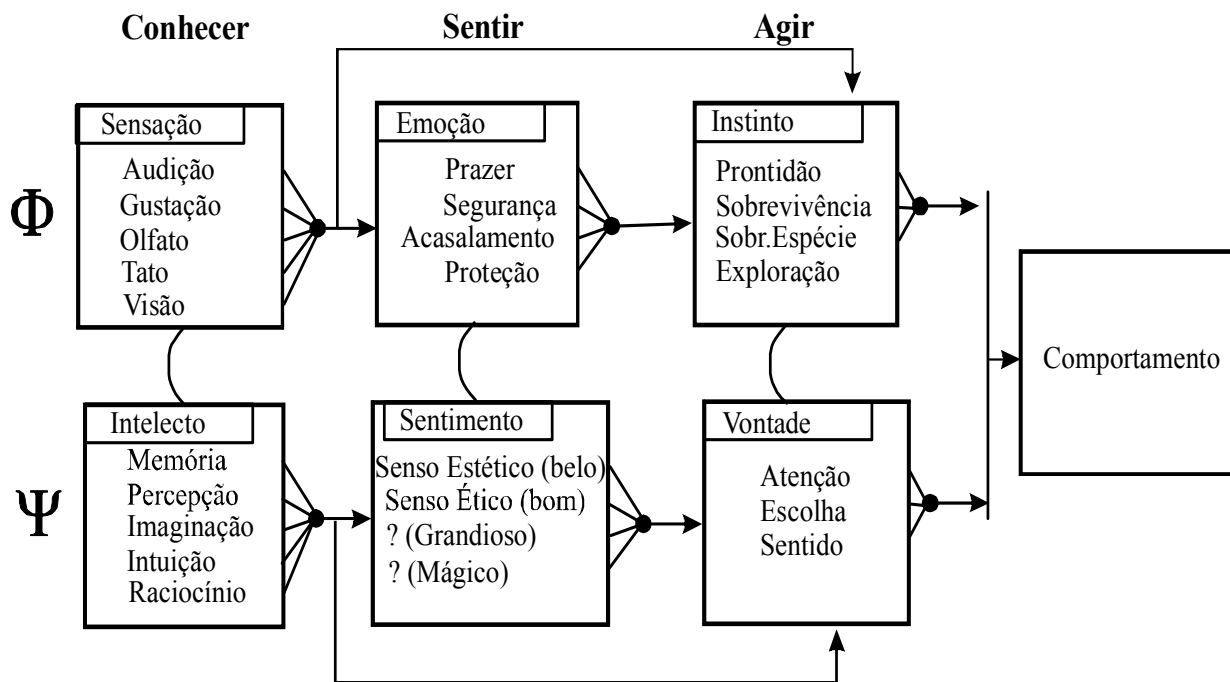


Figura 3. Interpretação cognitivo-emocional do Comportamento (Pasquali, 2003a, p. 69)

Nesta proposta, a frustração, enquanto sentimento, é identificada no *Sentir*, que gera, a partir do *Agir*, reações por instinto de sobrevivência. Essas reações são traduzidas em comportamentos e identificadas como reações à frustração. Tal afirmação compreende o processo da frustração aliado à Teoria Evolucionista, já que um organismo que procura sobreviver e satisfazer suas necessidades em processo de interação com o seu meio, ao encontrar uma situação adversa, ou seja, uma situação de frustração, apresenta uma reação cognitivo-emocional. O indivíduo encontra um obstáculo que impede a satisfação de sua necessidade e, neste momento, busca estratégias para solução deste impasse e reage em busca de uma solução.

Na busca por solucionar a situação, o indivíduo lança mão de estratégias comportamentais ou reações para superação do problema, denominadas, no presente estudo, como reações à frustração<sup>2</sup>. Para o presente estudo, a compreensão das reações, toma como base:

a) Teoria Geral da Frustração (TGF):

- (1) Rosenzweig (1949) afirmou que os tipos de reação à frustração possuem certo padrão que pode ser generalizado;
- (2) O obstáculo possui duas fontes, externa e interna, conforme proposto na TGF;
- (3) A reação ao obstáculo compreende reações que não são necessariamente agressivas, apesar da agressão ser uma das possibilidades (Berkowitz, 1990);
- (4) São consideradas onze reações à frustração como representantes de possíveis comportamentos.

b) Teoria Evolucionista:

- (1) A partir da frustração há uma reação que vai depender, dentre outros fatores, da leitura que o indivíduo faz da mesma para partir em busca da solução do problema. Neste sentido, ele pode avaliar a situação como algo incontrolável ou controlável. Se incontrolável, pode gerar comportamentos de evitação, mas se considerada controlável pode gerar comportamentos que tendem a eliminação do problema, conforme elucidado na Figura 4;

---

<sup>2</sup> Este conceito de reação adequada à situação frustrante é compreendido na literatura como resistência ou tolerância à frustração (Rosenzweig, 1949), embora não estejam sendo utilizados, devido ao sentido negativo destes termos na língua portuguesa.

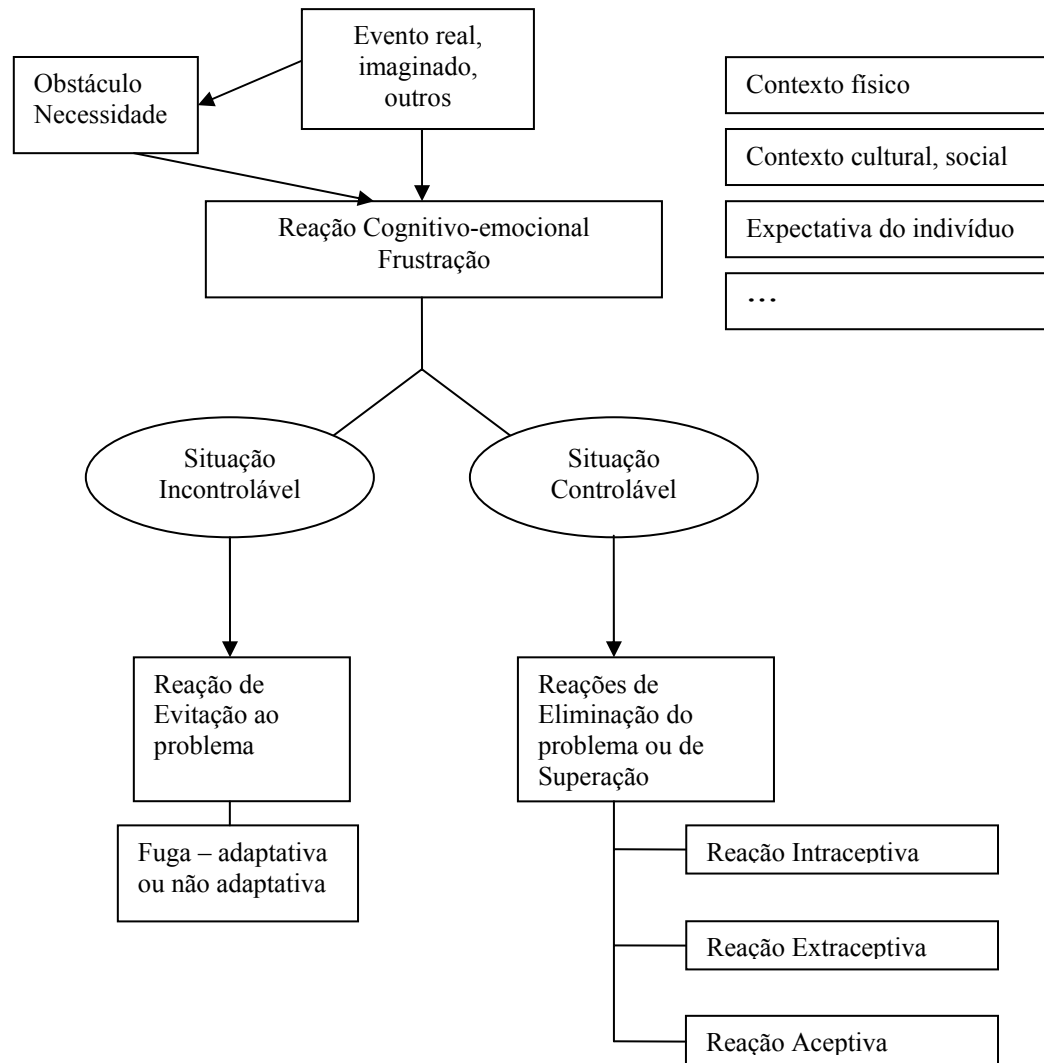


Figura 4. A situação de Frustração como um processo cognitivo-emocional

- (2) A reação procura a eliminação ou solução do problema, na busca pela sobrevivência e bem estar do indivíduo;
- (3) A reação tem como objetivo eliminar um obstáculo ou fonte interna, externa ou neutra de frustração. Por isso, as reações são compreendidas como *Intraceptivas ou Intracepção* (o indivíduo age por si mesmo, pode tomar uma atitude para resolver o problema, pode assumir a culpa pelo ocorrido ou, até mesmo, se auto-agredir em função do ocorrido); *Extraceptivo ou Extracepção* (o indivíduo age, mas com interação com o meio, podendo exigir que alguém resolva o problema ou, até mesmo, agindo de forma agressiva, com ataque ao meio para eliminar o obstáculo); *Aceptivo ou Acepção* (o indivíduo enfrenta o problema, mas com a atitude de acreditar que, com o passar do tempo, tudo se resolve).

Nesta concepção, a frustração refere-se a um sentimento negativo e a reação ou reações geradas pela frustração fazem parte do processo de adaptação do indivíduo. Propor, avaliar ou medir a frustração é compreender as possíveis reações que dela provém. O presente estudo se propõe construir uma medida que permita avaliar e diferenciar as diferentes reações à frustração entre os indivíduos.



## CAPÍTULO II – A MEDIDA DA FRUSTRAÇÃO

### 2.1 A construção de testes no Brasil

Pesquisas na área de avaliação psicológica relacionadas, especialmente, às avaliações do comportamento de profissionais, por meio de instrumentos psicológicos, nas Organizações, têm sido cada vez mais necessárias no Brasil (Alchieri & Cruz, 2003; Noronha, Primi & Alchieri, 2004; Noronha & Vendramini, 2003). Embora muitos avanços tenham ocorrido nesta área, nota-se que os instrumentos de medida não atendem as necessidades dos profissionais em quantidade e qualidade suficientes, como forma de proporcionarem uma avaliação mais acurada e fidedigna, o que mostra a necessidade de se construir novas possibilidades.

Tal fato torna-se preocupante no processo de avaliação psicológica, dado que sua qualidade está vinculada a diversos fatores, tais como a eficácia do instrumento, propiciada por meio de pesquisas realizadas com o mesmo (Freitas, 2004; Primi, 2005; Vasconcelos, 2005), a quantidade ou variabilidade de instrumentos que consigam medir as exigências do que se pretende medir (Moura & Pasquali, 2006a) e a capacitação do profissional.

O investimento em novos instrumentos passou a ser mais relevante e assumiu um caráter de exigência legal, a partir da Resolução n.º 002/2003 de 6/11/03 (Conselho Federal de Psicologia, 2003), que estabeleceu que todos os instrumentos de medida no Brasil, tais como os testes psicológicos, teriam seu uso condicionado à aprovação por uma comissão de especialistas na área de avaliação psicológica:

“Art. 10 - Será considerado teste psicológico em condições de uso, seja ele comercializado ou disponibilizado por outros meios, aquele que, após receber Parecer da Comissão Consultiva em Avaliação Psicológica, for aprovado pelo CFP. Parágrafo único - Para o disposto no caput deste artigo, o Conselho Federal de Psicologia considerará os parâmetros de construção e princípios reconhecidos pela comunidade científica, especialmente os desenvolvidos pela Psicometria”. (Conselho Federal de Psicologia, 2003, p.5).

Esta proposta deu origem à publicação de uma listagem, de domínio público, de testes que foram aprovados ou não aprovados para o contexto da avaliação psicológica no Brasil. Este fato que, por um lado, definiu a moralização do campo de avaliação, ao reconhecer medidas válidas e confiáveis aos profissionais, ao mesmo tempo, apresentou à comunidade científica problemas, tais como: a) o número reduzido de possibilidades de instrumentos a serem utilizados em processos avaliativos; b) a escassez ou ausência de

instrumentos para medida de construtos específicos (como, por exemplo, a medida da frustração analisada por Moura, 2004); c) o questionamento das técnicas que foram utilizadas por décadas no Brasil, para fins de avaliação (Noronha & Vendramini, 2003; Moura, 2004); d) a necessidade de se construir novas possibilidades de medidas para construtos ainda descobertos.

Aliado à demanda de maior produtividade de instrumentos para o mercado surge o questionamento sobre a qualidade dos processos de avaliação que vêm sendo realizados no Brasil como, por exemplo, processos de avaliações psicológicas em Concursos Públicos ou processos seletivos em geral (Freitas, 2004). Além disso, tem-se o uso de instrumentos de avaliação no espaço clínico, em intervenções psicoterápicas, em psicodiagnósticos, na área escolar e em diversos outros processos que demandam a avaliação e tomada de decisão sobre a vida de pessoas (como por exemplo, o relato da aplicação do teste TRF de Rosenzweig, sem validade para o Brasil, durante anos, no curso de Formação de uma Instituição de Segurança Pública, para fins de desligamento de alunos).

A prática psicológica denota a importância de que psicólogos e outros profissionais, responsáveis por processos de seleção e avaliação no país, tenham em mãos instrumentos válidos e precisos para mensuração de características (Moura, 2004) necessárias para uma tomada de decisão quanto à vida profissional e pessoal de indivíduos, que seja mais adequada e justa. O que acontece, na verdade, é que esses profissionais se deparam com poucos instrumentos psicológicos disponíveis no mercado. E que sejam fidedignos àquilo que se propõem.

A listagem do Conselho Federal de Psicologia (CFP) trouxe a moralização do uso dos instrumentos, embora a grande consequência tenha sido a falta ou escassez de opções de utilização em certas medidas. Dentre as características que evidenciam uma grande carência de medida, encontra-se a avaliação da frustração, objeto de análise deste projeto de tese, e que aparece, constantemente, em relatórios de profissiografias (Freitas & cols., 2006; Moura & Caetano, 2007; Moura & cols., 2007; Pasquali, Moura & Freitas, 2003; Pasquali, Moura & Ferreira, 2002; Thadeu & cols., 2008) e análises de cargos, como uma das características necessárias para o bom desempenho de funções nas Organizações.

## 2.2 Propostas de medidas da frustração

A partir de um levantamento na literatura, realizado por meio de materiais didáticos, manuais de testes psicológicos e relatos da prática de psicólogos experientes, na área clínica e em avaliação psicológica, e que fazem uso de testes psicológicos, foram

avaliados quais dos testes disponíveis no mercado, aceitos ou não na listagem do Conselho Federal de Psicologia, se propõem a avaliar a frustração.

Segundo Moura e Pasquali (2006a), o único teste psicométrico já utilizado no Brasil para avaliação da frustração é o Questionário de 16 Fatores de Personalidade – 16 PF (Gouveia & Prieto, 2004). Este instrumento avalia traços de personalidade a partir de 16 fatores primários, combinados em 5 fatores gerais e 3 índices sobre o estilo de resposta do testando (Catell & Eber, 1954). O fator de segunda ordem (Q4) avalia a tensão energética do indivíduo e tem como atributos principais a descrição de pessoas frustradas, impulsivas e irritadas. Apesar dessa afirmação, os autores consideram que este teste não pode ser utilizado no Brasil, por não ser um instrumento aceito na listagem do CFP, aliado a falta de estudos que comprovem sua validade e precisão em amostras brasileiras. Quanto aos testes projetivos, há uma listagem de instrumentos que alguns autores e psicólogos consideram estarem medindo a frustração. A Tabela 2 apresenta esses testes.

Tabela 2. Levantamento dos testes projetivos que se propõem a medir a frustração

Testes	Análise da frustração	Aceito no CFP
House-Tree-Person: HTP (Buck, 2003)	não avalia diretamente a frustração, mas no conjunto do desenho, pode apresentar dados que combinados, podem avaliá-la. Tem-se como exemplo desenhos com bloqueios afetivos, desenhos relacionados à dificuldade de administrar conflitos, ceticismo, elementos persecutórios, dentre outros.	Sim
Ômega (Vilas-Boas Filho, n.d.) TPO	a partir da análise formal e de conteúdo (O Herói, Ambiente, Interação e desfecho, Síntese da Interpretação), a frustração pode ser avaliada pela relação entre herói, obstáculo e objeto.	Não
Palográfico (Alves & Esteves, 2004)	não há indicativo direto, embora possa ser avaliado por baixa energia (força); palos muito pequenos (tamanho); qualidade da produção; indícios de depressão, além de fatores intrapunitivos e extrapunitivos.	Sim
PMK (Mira, 2002)	junção de dois fatores (tônus baixo e heteroagressividade), podendo ser avaliado também no item agressividade (heteroagressividade) com intratensão.	Sim
Rorschach (Vaz, 2006)	não há indicativo direto, embora possa ser verificado por dois aspectos: $SC < CS + S$ ; conteúdos disfóricos (acromático e sombreado), aliados ao tipo de controle do indivíduo (interno ou externo) e disforia.	Sim

Tabela 2. Levantamento dos testes projetivos que se propõem a medir a frustração (Continuação)

Testes	Análise da frustração	Aceito no CFP
Rosenzweig (Nick, n.d.)	avalia a resistência à frustração, por meio do tipo e direção da agressão, conseqüentes deste processo.	Não
SZONDI (Mélon, 2007)	intolerância à frustração com propensão à raiva (e-).	Não
TAT (Murray, 1995)	não há indicativo direto, mas pode apresentar esta análise no item 5 dominância (Média total 37, Pontos 16-60), constrangimento, auto-agressão (estados interiores e emoções) e abatimento.	Sim
Wartegg (Kfour, 1999)	avaliação da frustração pelo campo cinco do teste, relacionado à energia vital e transposição de obstáculo. avaliação pelo campo seis do teste, como forma de avaliar como o indivíduo utiliza seu potencial de superação de problemas	Não
Zulliger (Vaz, 1998)	respostas com $KF + K > FK$ , protocolo com Anatomia $> 14\%$ , protocolo com apenas k, ausência de detalhes oligofrênicos (DO). Não especifica se há composição de todas essas análises para definição do construto frustração.	Sim

Com referência a esses testes projetivos, observa-se que dentre os questionamentos sobre a avaliação da frustração encontra-se, primeiramente, o fato de que quatro dos dez testes apresentados, não são aceitos na listagem do CFP (Ômega, Wartegg, SZONDI e Rosenzweig), segundo atualização de maio de 2008 (vide [www.pol.org.br](http://www.pol.org.br)). Quanto à medida, na visão de psicólogos que trabalham com avaliação psicológica, observa-se que, apesar de alguns dos manuais não afirmarem que a frustração é avaliada pelo instrumento, há uma prática de se agregar fatores de um teste para medi-la (como no PMK, por exemplo). Há, porém, psicólogos que afirmam que os instrumentos listados não avaliam a frustração e outros que consideram que não avaliam somente esta característica, mas sim, outros fatores como a dinâmica da personalidade, a resistência à fadiga, o tônus vital (energia, elação, depressão) e, não, a frustração. Outra questão é que alguns destes instrumentos trazem grandes limitações, principalmente de custo e por serem de aplicações individuais, inviabilizando seu uso em processos seletivos (por exemplo, teste Rorschach).

Este levantamento mostra que, dos testes projetivos disponíveis no mercado brasileiro, o único que se propõe a avaliar unicamente a frustração é o *Picture Frustration Test* (PFT), também conhecido como *Rosenzweig Picture-Frustration Study* (P-F Study) e *The Picture-Association Study for Assessing Reactions to Frustration* (Nick, n.d.;

Rosenzweig, 1945; Rozenzweig, Clarke, Garfield & Lehndorff, 1946). Contudo, além deste instrumento não ser aceito para uso em processos de avaliação no Brasil, ele apresenta uma série de problemas de teoria, como discutido anteriormente neste estudo, além de problemas de forma, a serem discutidos mais adiante.

### 2.3 O teste PFT

Este teste foi construído por Rosenzweig, na década de 1930 (LaVoie, 1986; Nick, nd; Rosenzweig, 1963; 1976; 1978a; Rosenzweig, Ludwig & Adelman, 1975), com a proposta de avaliar o que o autor denominou de “Resistência à Frustração” (Moura & Pasquali, 2006a; Parrek, 1964). O PFT fazia parte de uma bateria de testes de agressão e sua versão adulta foi criada em 1944, posteriormente editada em versão infantil (Rosenzweig, 1978a; 1978b), ambas publicadas em diversos países. No Brasil, contudo, não há registros da data em que o teste foi traduzido e adaptado para o português, por Eva Nick (n.d.).

Segundo Rosenzweig (1949), ao analisar a construção do PFT, os estudos sobre a frustração tiveram origem na necessidade de se explorar alguns conceitos sobre a teoria da frustração, conceitos estes desenvolvidos a partir de trabalhos experimentais e clínicos. A função do teste PFT era a de investigar, por meio de uma metodologia projetiva, esses conceitos, aliado a um tratamento estatístico dos dados para comparação entre testes como o Rorschach e o Teste de Apercepção Temática. Dentre as análises com estas técnicas projetivas, o grupo de estudo de Rosenzweig buscou o estudo de validade experimental e clínica deste instrumento associando-o a diagnósticos de problemas de personalidade e em casos de seleção de pessoal. O PFT foi inicialmente caracterizado como um método de associação de imagem (*picture-association method*), tendo como base a associação de palavras dos experimentos conduzidos por Jung (Rosenzweig, 1945) e a técnica de apercepção temática de Murray (Nick, n.d.).

#### 2.3.1 Base do teste

A associação de palavras foi caracterizada como uma técnica de grande valor para avaliação da personalidade humana, na compreensão de que o caráter inconsciente dos processos psicológicos determina as respostas dos indivíduos (Nick, n.d.). Uma das bases do PFT foi o teste de Apercepção Temática (TAT), composto por uma série de imagens com estímulos ambíguos, caracterizadas como “situações humanas clássicas”. As figuras são caracterizadas por ilustrações figurativas, personagens sexuados ou que não remetem a

objetos concretos definidos e tem como função observar como o indivíduo aborda o conflito, contemplando três eixos fundamentais de análise: auto-imagem, relação com os outros e relação com os fracassos (Murray, 1995). A análise desta relação propõe na primeira prancha avaliar como o sujeito se coloca no mundo, como indivíduo. A segunda prancha faz com que o sujeito analise como ele se relaciona com os outros e a terceira prancha avalia como que ele lida com perdas e possíveis falhas (Tanis, 2001). Segundo Nick (n.d.), o PFT é considerado um teste que contempla essas duas técnicas, embora tenha um objetivo mais limitado voltado à compreensão da frustração.

Rosenzweig (1945) considera que pelo método de associação de palavras a técnica é considerada projetiva, dado o tipo de estímulo pictórico que é oferecido ao sujeito testado, bem como a identificação com uma figura humana na qual o indivíduo é encorajado a identificar-se, denominando-se o método como método de associação de figuras. Pode ser caracterizado como um teste projetivo, mas considerado, também, por alguns autores, como um teste semiprojetivo (Nick, n.d.; Rosenzweig, 1945; Rosenzweig & Adelman, 1977; Viglione & Wagner, 2004). De qualquer forma, não se trata de um teste psicométrico e, por isso, a terminologia a ser utilizada, no presente estudo, será considerá-lo um teste projetivo.

### 2.3.2 Finalidade

O PFT tem como finalidade verificar, frente a uma situação frustrante, se o indivíduo reage por meio de uma resposta de tolerância ou de intolerância, ou seja, avalia a reação do indivíduo quando frustrado. Entende-se que o indivíduo, consciente ou inconscientemente, identifica-se com o personagem frustrado nas situações apresentadas no teste, e se projeta por meio da resposta que ele elabora (Clarke, Rosenzweig & Fleming, 1947; Kaswan, Wasman & Freedman, 1960; Moore & Schwartz, 1963; Moura, 2004; Nick, n.d.; Rosenzweig & cols., 1975; Tsiantis, Kokkevi & Agathanos-Marouli, 1981). Kinard (1982) considera o teste uma medida de direção da agressão de indivíduos em situação de frustração.

### 2.3.3 Caracterização

É composto por 24 desenhos, cada um representando uma situação de frustração que envolve dois personagens. Em cada situação, um personagem aparece pronunciando para outro (s) personagem (s) algumas palavras que descrevem uma situação frustrante (Bell, 1948; Coché & Meehan, 1979; Moura & Pasquali, 2006a; Nick, n.d.; Norman &

Ryan, 2008; Rosenzweig, 1945; Rosenzweig & cols., 1946). Assim, em cada situação representada por um desenho, um quadradinho vem preenchido com a fala de um dos personagens (ao lado esquerdo do desenho) que descreve a situação frustrante. No outro quadradinho, há um espaço em branco, que deve ser preenchido pelo outro personagem do desenho (ao lado direito do desenho), isto é, pela pessoa que está realizando o teste (ver exemplo da situação 9 do teste PFT na Figura 5) onde se espera que o indivíduo escreva a primeira resposta que lhe ocorra (Bell, 1948).



Figura 5. Reprodução da situação 9 do teste PFT

Ferreira e Capitão (2006) acrescentam, em uma descrição do teste, que os traços e características dos desenhos foram retirados, como forma de facilitar esse processo de identificação com os desenhos. Neste sentido, as respostas representam as possíveis reações dos indivíduos diante de situações consideradas frustrantes para a maioria das pessoas (como, por exemplo, perder o trem, já que o carro enguiçou ou ficar esperando por alguém embaixo de chuva e essa pessoa se atrasar para buscar-lhe).

As situações descritas no instrumento são divididas em duas categorias, sendo a primeira definida como Bloqueio do Ego (*Ego-blocking*), onde algum obstáculo pessoal ou impessoal, interrupção, desapontamento, privação ou outra situação que frustra diretamente o sujeito, sendo estas apresentadas em dezesseis desenhos propostos no instrumento (1,3,4,6,8,9,11,12,13,14,15,18,20,22,23,24). A segunda categoria diz respeito ao Bloqueio do Superego (*Superego-blocking*), onde alguma acusação ou incriminação do sujeito é feita por outra pessoa, definida em oito situações (2,5,7,10,16,17,19,21) do teste (Dor-Shav & Mikulincer, 1990; Rosenzweig, 1945).

Rosenzweig (1976) considera que as situações apresentadas limitam, impedem, bloqueiam, desapontam e privam o indivíduo de algo, definindo essas situações como situações de estresse, sendo que uma maior ou menor identificação inconsciente do sujeito com os estímulos do teste (Rosenzweig, 1945) estimulam respostas que são avaliadas como a expressão da própria personalidade do sujeito.

Rosenzweig (1949), ao analisar a estrutura do PFT, discute sobre a importância do instrumento apresentar desenhos que se aproximem de situações da vida real, pois este seria um fator para encorajar o sujeito a responder como de fato reagiria em situações como as propostas no instrumento e, além disso, evitaria respostas de desejabilidade no instrumento.

Na análise das respostas disponibilizadas pelo respondente, em cada uma das situações frustrantes, são atribuídos símbolos de codificação que representam o que Rosenzweig definiu como “Direção” e “Tipo de Agressão” (Nick, n.d.). Considera-se que a direção indica para onde a agressão é direcionada pelo indivíduo, quando frustrado. Há, neste sentido, três categorias de direção nas respostas (cada uma representada por um símbolo/letra), a saber: na resposta extrapunitiva (E), a agressão é dirigida para o exterior. Neste caso, algo ou alguém é culpado pelo indivíduo ter sido frustrado; na resposta intrapunitiva (I), a agressão é dirigida para o próprio indivíduo; na resposta impunitiva (M), a agressão é evitada e a situação frustrante é descrita como sem importância, sem culpa, ou como suscetível de ser melhorada, ou seja, o indivíduo se contenta em esperar que tudo melhore ou, então, conforma-se com o problema, conforme ilustrado na Tabela 3.

Tabela 3. Categorias e subcategorias utilizadas no PFT para a classificação das respostas dadas pelos respondentes (Rosenzweig & cols., 1975; Rosenzweig, 1976).

<b>DIREÇÃO DA AGRESSÃO</b>	<b>TIPOS DE AGRESSÃO</b>		
↓	<i>Dominância do Obstáculo (O-D)</i>	<i>Defesa do Ego (E-D)</i>	<i>Persistência da Necessidade (N-P)</i>
Extra-agressão (E-A)	Extrapeditivo (E')	Extrapunitivo (E)	Extrapersistente (e)
Intra-agressão (I-A)	Intrapeditivo (I')	Intrapunitivo (I)	Intrapersistente (i)
Não-agressão (M-A)	Impeditivo (M')	Impunitivo (M)	Impersistente (m)

Nota. Quadro resumo proposto por Moura (2004).

Os tipos de agressão caracterizam como o indivíduo, quando frustrado, impulsiona ou mantém sua agressão. Divide-se em três categorias, sendo que, no tipo de predominância do obstáculo (OD), o obstáculo que causa a frustração é mencionado e enfatizado pelo sujeito; no tipo de defesa do ego (ED), o indivíduo ou lança a culpa sobre outrem ou aceita a responsabilidade ou, ainda, declara que a responsabilidade da situação



não cabe a ninguém. E no tipo de persistência da necessidade (NP), a tendência da resposta é dirigida para a solução do problema inerente à situação frustradora (Dor-Shav & Mikulincer, 1990; Moura & Pasquali, 2006a; Nick, n.d.; Rosenzweig, 1963;1976).

A combinação das direções e tipos de agressão compõe nove categorias de resistência à frustração (Ferreira & Capitão, 2006; Rosenzweig, Ludwig & Adelman, 1975). Além desses fatores, o autor ainda propõe, em algumas situações, a existência de dois fatores extras, denominados “Defesa do Ego” (fatores E e I). Um exemplo de uma resposta de direção intragressiva (I) e tipo de dominância do obstáculo (OD), categorizado como intrapeditivo (I’), pode ser observado quando uma pessoa, ao ser esquecida durante horas na chuva, responderia no teste “A culpa é toda minha! Como posso depender tanto de carona”. Neste caso, a situação frustrante é ressaltada, ou seja, o fato de ter sido esquecida é de fato frustrante, mas, ao mesmo tempo, a pessoa deixa claro que a culpa é toda dela mesma.

#### 2.3.4 Análise crítica do PFT

Angel, Hernández e Santacreu (2000) consideram que o instrumento se encontra na lista dos mais comumente utilizados em diversos países (por exemplo, estudos de Ferreira & Capitão, 2006; Graybill, 1990; Graybill & Heuvelman, 1993; Kaswan & cols., 1960; Moura, 2004; Norman & Ryan, 2008; Parrek, 1964; Rosenzweig & cols., 1975), e também o foi no Brasil, até o ano de 1999, uma possibilidade de medida da frustração, segundo L. R. Ferreira (comunicação pessoal, 17 de novembro de 2008). Em 2003, este instrumento foi considerado inadequado pelo CFP para fins de avaliação psicológica no Brasil, por não apresentar dados de validade e fidedignidade em sua versão brasileira. Após comparação entre o Manual do teste na versão brasileira de Nick (n.d.) e o artigo de Rosenzweig (1945), intitulado *The Picture-association method and its application in a study of reactions to frustration*, constatou-se que o Manual brasileiro se trata de uma tradução na íntegra deste artigo, afirmando que não há dados complementares que atualizem ou repliquem a medida no Brasil, diferentemente do que foi realizado em outros países como na Índia, por exemplo, com os estudos de Parrek (1945), que de fato realizou estudos de validação deste teste para seu país.

Uma análise crítica do teste PFT, proposta por Moura (2004), mostrou que o instrumento possui certos problemas que merecem ser analisados, como o problema da norma utilizada nos estudos de padronização para diversos países, análise esta também feita por Rauchfle (1971). A característica ultrapassada dos desenhos construídos de

acordo com a realidade da década de 30 (carros antigos, roupas e penteados inadequados à cultura brasileira, dentre outros aspectos), o procedimento de inquérito inviável para aplicações coletivas, a falta de concordância entre os avaliadores no procedimento de correção, a teoria considerada ultrapassada para a compreensão do fenômeno e, ainda, o problema na avaliação do nível de consciência dos indivíduos ao responderem o teste, são alguns dos principais problemas identificados. Ainda segundo Moura (2004), as críticas atribuídas ao instrumento sinalizam certas incompatibilidades entre o uso, a prática e a medida, mas não desmerecem a proposta dos desenhos enquanto estímulos gráficos, além da estrutura de análise das respostas proposta por Rosenzweig.

LaVoie (1986) considera que, dentre os maiores problemas encontrados no uso do TRF, apesar dos mais de 500 estudos publicados (Rosenzweig & Rosenzweig, 1976), está o caráter projetivo desse instrumento. Moura (2004) afirma que a maior limitação deste instrumento está em sua proposta teórica, considerada ultrapassada, bem como nos desenhos ou estímulos apresentados no teste, inadequados à população brasileira. Este mesmo estudo propõe a necessidade de se construir um novo teste, com desenhos mais atualizados, além de uma nova proposta teórica. Esta proposta foi implementada em 2004, com a criação e validação de um instrumento, intitulado de Teste Objetivo de Resistência à Frustração – TORF. O TORF consistiu na objetivação do PFT de Rosenzweig (Moura & Pasquali, 2005; Moura & Pasquali, 2006a; Pasquali, Moura & Ferreira, 2002) em contexto brasileiro. Apesar de possuir dados de validade e de consistência interna, o instrumento não pode ser disponibilizado para uso no Brasil, por questões autorais, dado que este instrumento mantém os mesmos desenhos propostos no PFT.

Neste sentido, as análises do teste projetivo PFT (Rosenzweig, 1963) e do teste objetivo TORF (Moura, 2004) foram os pontos primordiais que fundamentaram a proposta apresentada no presente estudo, ou seja, a construção de um novo teste de resistência à frustração, na versão projetiva e objetiva, validado para a população brasileira, mantendo a proposta pictórica do PFT de Rosenzweig (1945) e a codificação ou reações propostas pelo autor, mas com mudanças substanciais tanto nos desenhos do teste, quanto nas codificações das respostas.

### **CAPÍTULO III – CONSTRUÇÃO E VALIDAÇÃO DOS INSTRUMENTOS**

Dada a importância da medida da frustração, aliada à escassez de instrumentos no Brasil, evidencia-se a necessidade de se planejar e elaborar pesquisas e investimentos na área, com novos instrumentos que possibilitem avaliar esta característica em diferentes contextos (Moura, 2004; Silva, Vieira, Mota, Jesus, Costa, & Moura, 2007). Estas demandas podem ser encontradas em processos seletivos que envolvam profissões públicas e privadas de alto risco ou estresse (por exemplo, policiais, professores de escolas públicas, profissionais de saúde, cargos de alta gerência), no espaço clínico para intervenções psicoterápicas ou no desenvolvimento de potencialidades do indivíduo, na busca de uma melhoria de seu desempenho pessoal e profissional (Moura & Pasquali, 2006a).

Neste contexto, o presente estudo tem como objetivo apresentar o processo de construção dos instrumentos, em seus formatos projetivo e objetivo, para a medida do construto de reação à frustração, validação do instrumento objetivo e proposta e validação de um perfil de reação à frustração. A construção dos instrumentos foi baseada na teoria e no modelo de elaboração de instrumental psicológico de Pasquali (1999), baseado nos três grandes pólos: teórico, empírico e analítico. Os Estudos 1 e 2, que se seguem, tratam da construção dos instrumentos projetivo e objetivo, respectivamente, a partir do pólo teórico.

#### **3.1 Estudo 1 – Construção de Teste Brasileiro Projetivo de Reação à Frustração**

##### **3.1.1 A medida projetiva**

Segundo Bunchaft e Vasconcellos (2007), apesar dos testes projetivos serem tradicionalmente associados à Psicanálise, esta associação é justificada por entender-se que o principal mecanismo psicológico envolvido na resposta destes instrumentos seja a projeção. Apesar de estudos teóricos reconhecerem a influência da psicanálise sobre os testes projetivos, o termo “projetivo” não se deve a Freud, mas sim, a L. K. Frank que, em 1939, foi responsável pela invenção da expressão “métodos projetivos” (Anzieu, 1979; Gonçalves, 2001), na tentativa de explicar o que havia em comum entre os testes psicológicos de associação de palavras de Jung, o teste Rorschach e o TAT.

Anzieu (1979) afirma que, de fato, os testes projetivos tiveram sua origem no contexto da Psicanálise, embora sejam concomitantes ao progresso da Gestalt. Em 1904, Jung elaborou a primeira prova com base no método psicanalítico, denominada “Teste de Associação de Palavras”. Em 1919, Rorschach desenvolveu um teste de mancha de tinta,

na compreensão de que o processo de interpretação das manchas estaria vinculado à estrutura da personalidade humana e não a um processo de imaginação. Por volta de 1920 e 1930, surgem as técnicas com desenho livre, voltados à avaliação de crianças, como forma de associação livre. Em 1935, Murray criou o teste baseado em relato livre, denominado Teste de Apercepção Temática (TAT) e, em 1949, foram publicados testes que empregavam desenhos, como por exemplo, o teste *House Tree Person* (HTP), todos em busca da avaliação da personalidade e baseados nos princípios da psicanálise.

Em uma análise sobre as técnicas projetivas e sobre o mecanismo da projeção, Bunchaft e Vasconcellos (2007) constatam que, apesar do vínculo da maior parte das técnicas projetivas com a teoria psicanalítica, várias outras áreas não-psicanalistas também fazem o uso delas, citando, por exemplo, as linhas da Fenomenologia, Comportamental, Cognitivo-comportamental e Análise Transacional. Após um levantamento dos diferentes sentidos atribuídos ao conceito de projeção ou, mais especificamente, ao conceito atribuído a testes projetivos ou técnica projetiva, por teóricos como Freud, Klein, Jung, Frank, Rapaport, Bell, Anzieu e Murray, as autoras propuseram uma conceituação do conceito de projeção que atendesse melhor uma visão além da psicanálise. A projeção, neste sentido, estaria vinculada à maneira com que o indivíduo estrutura o meio externo, tendo como base aspectos psicológicos internos. Nesta visão, entende-se que o indivíduo atribui pensamentos e emoções ao seu ambiente (Bunchaft & Vasconcellos, 2007), que podem ser acessados por meio do uso de técnicas projetivas ou testes projetivos.

O uso das técnicas projetivas, mais especificamente, do teste projetivo, é defendido na avaliação psicológica, por permitir mensurar aspectos dinâmicos mais profundos da personalidade dos indivíduos (Anzieu, 1979; Formiga & Mello, 2000; Werlang, Fensterseifer & Lima, 2006) ou por permitir que o indivíduo expresse a forma com que ele individualmente estabelece o vínculo entre a realidade interna e externa (Grassano, 1996). Por meio de um teste projetivo torna-se possível acessar o mundo simbólico do indivíduo, dificilmente expressado por sua linguagem verbal e, neste sentido, transforma-se em um instrumento que favorece o indivíduo a revelar seu mundo e a sua realidade pessoal (Formiga & Mello, 2000). Algumas técnicas projetivas são vistas como importantes na avaliação da dinâmica da personalidade, dado o valor qualitativo mais apurado, quando utilizado em um processo avaliativo do indivíduo (Anastasi & Urbina, 2000; Gomes, 2000).

A técnica de caráter projetivo caracteriza-se por apresentar tarefas relativamente “não-estruturadas”, que permitem aos indivíduos uma ampla variedade de possíveis

respostas. Presume-se que a maneira como o indivíduo interpreta o teste ou a forma como ele estrutura a situação reflita aspectos fundamentais de seu funcionamento psicológico, o que corrobora sua utilização devido à riqueza dos dados fornecidos (Anastasi & Urbina, 2000). Neste sentido, entende-se que os materiais disponibilizados no teste funcionariam como uma espécie de “tela”, na qual o sujeito respondente poderia “projetar” seus processos de pensamento, necessidades, conflitos, ansiedades e demais caracterizações. Ou seja, o indivíduo testado, a partir de um estímulo neutro, se sentiria livre para responder o teste, sem a cobrança de respostas predeterminadas, sejam elas certas ou erradas ou boas ou más, pois se espera que o conteúdo seja apenas espontâneo. Avaliar um indivíduo por meio de técnicas projetivas seria compreender de que maneira o indivíduo estrutura e dá sentido às suas experiências e, assim, compreender de que forma ele se posiciona, a partir de seu desenvolvimento cognitivo, frente ao que se pretende avaliar (Telles, 2000). Neste sentido, o uso da técnica projetiva consiste em poder se acessar a personalidade, descrevê-la e fazer interpretações a partir do conteúdo acessado (Werlang, Fensterseifer & Lima, 2006).

Apesar da riqueza da avaliação da técnica projetiva, Noronha e Vendramini (2003) consideram que encontrar técnicas projetivas e testes de personalidade que não apresentam dados de padronização, validade e precisão, é uma realidade na literatura. Villemor-Amaral e Pasqualini-Casado (2006) consideram que estas técnicas trouxeram à tona uma séria de questionamentos durante décadas, levantando pontos quanto à credibilidade e valor das mesmas, embora haja um investimento na avaliação desse tipo de técnica.

Atualmente, na literatura, são encontradas pesquisas que tratam da validade das técnicas projetivas (Alchieri, Aquino, Martins, Oliverira & Diogo, 2006; Bornstein, 1999; Bunchaft & Vasconcellos, 2001; Candiani, Souza, Camilo & Candiani, 2003; MacFarlane & Tuddenham, 1978; Villemor-Amaral & Pasqualini-Casado, 2006; Werlang, Fensterseifer & Lima, 2006), principalmente sobre a validade do teste Rorschach (Freitas, 2005; Pasion, 2002; Santos, 2006). Há ainda estudos que retratam uma série de outras questões, com respeito às medidas projetivas, tais como: a) as implicações sobre o caráter nomotético ou ideográfico das técnicas psicológicas (Güntert, 2000; Tavares, 2003); b) estudos sobre a prática do ensino destas técnicas nas Instituições de Ensino (por exemplo, Alchieri & Bandeira, 2002; Castro, 2001; Gomes, 2000; Hutz, 2006); c) sobre a aplicabilidade destas técnicas nos diversos campos de atuação da Psicologia, como na área de saúde (por exemplo, Yazigi, Fiore, Semer, Tanesi, Antúnez, 2006), na esfera jurídica (por exemplo, Lago & Bandeira, 2008), na clínica (por exemplo, Tavares, 2006; Yazigi,

Fione, Semer, Tanesi & Antúnez, 2006) e no uso em processos seletivos (por exemplo, Alchieri, 2006; Godoy & Noronha, 2005 ).

Este crescente número de pesquisas referentes aos testes projetivos pode ser atribuído ao uso bastante difundido destas técnicas no Brasil e ao crescimento de pesquisas vinculadas à Sociedade Brasileira de Rorschach (Pasian, 2002), assim como ao desenvolvimento de congressos científicos na área, envolvendo o estudo e difusão das técnicas projetivas. Deve-se levar em conta, também, as exigências do Conselho Federal de Psicologia em realizar pesquisas que comprovem a validação dos testes psicológicos.

A partir de 2001, a justiça iniciou no Brasil uma série de questionamentos e contestações sobre a decisão de laudos e pareceres psicológicos, considerando que o resultado da aplicação, correção e resultados de testes como um todo, inclusive os projetivos, eram baseados em aspectos subjetivos e assistemáticos (Freitas & Moura, 2004), colocando à prova, a validade dos resultados, dados estes relatados na experiência prática do Laboratório de Pesquisa em Avaliação e Medida, da Universidade de Brasília, no uso de testes psicológicos em Concursos Públicos. Contudo, as pesquisas com as técnicas projetivas tiveram o grande mérito de dar suporte para a continuidade de seu uso.

Apesar do crescimento das pesquisas, há pouca variedade de testes projetivos validados para a população brasileira, ainda mais quando comparado à grande demanda prática, principalmente clínica, da Psicologia. Dos testes projetivos utilizados no Brasil, observa-se que a maior parte se refere a instrumentos estrangeiros que foram adaptados para a população brasileira, sendo uma das exceções, o teste Ômega (Villas-Boas Filho, n.d.), de criação da Universidade do Rio de Janeiro na década de 60, construído para o diagnóstico em orientação profissional (Bardagi & Sparta, 2003), o que reafirma a necessidade de maiores investimentos neste campo de construção de medidas projetivas.

Diante do quadro exposto, o presente estudo tem como objetivo contribuir com a elaboração de instrumental para avaliar a reação à frustração. A construção desse instrumento tem como base os estímulos de desenhos propostos no teste TRF de Rosenzweig, ou seja, estímulos de apercepção temática, além de sua proposta de codificação.

### 3.1.2 Procedimentos Teóricos

Inicialmente foram levantadas a definição constitutiva (com base na teoria) e operacional (com base nos comportamentos) sobre o construto de frustração.

### 3.1.2.1 Definição Constitutiva

Não há, na literatura, um conceito único de frustração, conforme ressaltado anteriormente, embora essa seja usualmente definida como um fenômeno que ocorre quando um indivíduo é impedido de satisfazer uma necessidade ou um desejo, dado a existência de algum tipo de obstáculo ou problema, e que ocasiona algum tipo de reação afetiva, sendo denominada de reação à frustração ou resistência à frustração. Assim, a frustração se concretiza em uma reação afetiva negativa que ocorre quando o indivíduo passa por uma situação considerada frustrante, estressante, um problema ou impedimento, que acarreta a não realização de algo.

### 3.1.2.2 Definição Operacional

A reação afetiva de frustração se manifesta em uma série de reações comportamentais na busca pela solução do problema que se interpõe na satisfação das necessidades do indivíduo. Tais reações podem se manifestar em comportamentos de busca pela solução do problema. Esses comportamentos podem ser: a) eliminação do problema (atacar, agredir, destruir, hostilizar); b) evitação do problema (fugir, ignorar, desviar, sublimar, descaracterizar); c) diálogo com o problema (entrar em acordo, procurar saídas alternativas, implorar).

### 3.1.3 Construção dos itens do teste

O procedimento inicial para elaboração do teste constou de um *brainstorming*, realizado com profissionais e estudantes da área de Psicologia, para levantamento de possíveis acontecimentos do dia-a-dia, considerados frustrantes. Participaram desta fase dois doutores, cinco estudantes de mestrado e doutorado e dois estudantes de graduação em Psicologia, da Universidade de Brasília, todos conhecedores da proposta do teste PFT. Além deste procedimento foi analisado o conteúdo do teste PFT.

Os dados levantados contaram com a elaboração de uma listagem de 60 sessenta situações consideradas frustrantes que, após analisadas por um especialista no teste PFT, resultaram em 31 situações para composição do instrumento. Os critérios previamente definidos para escolha das trinta e uma situações foram: a) situações que retratassem a realidade do dia-a-dia de um brasileiro; b) situações que atualizassem as propostas de Rosenzweig no teste PFT; c) situações que possibilitassem diferentes tipos de reações de um indivíduo, quando frustrado; d) situações que descrevessem um diálogo entre duas ou

mais pessoas, sendo que uma delas estaria verbalizando algo e a outra deveria, necessariamente, reagir a esta verbalização.

Definidas as 31 situações, foram descritos cenários a serem desenhados, bem como atribuídas frases a um dos personagens envolvido na situação considerada frustrante, como forma de representar, o mais próximo da realidade, cada uma das situações escolhidas. Os desenhos foram definidos como a base de estímulo do teste. A definição de desenhos seguiu a orientação de Rosenzweig (1945) de que os estímulos deveriam variar quanto ao sexo, idade e outras características para permitir diferentes reações, das sugestões propostas por Moura e Pasquali (2006a) e da agenda de pesquisa elaborada por Moura (2004). Definidas as situações e frases, as mesmas foram repassadas a um desenhista, para que o mesmo pudesse representá-las, com a orientação de não atribuir feições ou expressões aos personagens das situações propostas. As situações definidas para o instrumento são descritas na Tabela 4 e foram definidas para comporem o teste intitulado de Teste Brasileiro Projetivo de Resistência à Frustração (TRFP).

Tabela 4. Identificação das 31 situações do TRFP<sup>3</sup>

Situação	Cenário da situação	Descrição
1	Uma festa	Um homem bêbado derrama sua bebida no vestido de uma mulher.
2	Porta da garagem de uma casa	O carro de um homem quebra na porta da garagem de um outro homem e o mesmo precisa sair com o carro.
3	Lugar qualquer	Um homem devolve um cd emprestado que foi todo arranhado por seu filho.
4	Supermercado	Um funcionário do supermercado está arrumando as garrafas na prateleira e um consumidor, ao pegar uma delas, derruba várias outras.
5	Lugar qualquer	Uma mulher fala mal de uma senhora para sua amiga e descobre que está falando mal da mãe dela.
6	Fila de caixa	Um rapaz fura a fila sem pedir permissão.
7	Rua	Uma mulher joga a água suja de um balde fora, na calçada, e acerta um rapaz.
8	Lugar qualquer	Uma mulher flagra um casal falando mal dela.
9	Lugar qualquer	Um homem está de saída para o aeroporto e, quando chega no carro que vai levá-lo ao aeroporto, o pneu está furado.
10	Consultório médico	Uma mulher aguarda seu médico há uma hora e ele liga dizendo que surgiu uma emergência e não irá atendê-la.

<sup>3</sup> As frases não foram descritas para resguardar o sigilo do instrumento.



Tabela 4. Identificação das 31 situações do TRFP (Continuação)

Situação	Cenário da situação	Descrição
11	Banco	O caixa eletrônico sai do ar, após meia hora na fila de espera.
12	Pista	Em uma pista com velocidade permitida de 80 Km/h, um carro se depara com um carro que está andando a 40Km/h.
13	Escritório	O chefe surpreende seu subordinado tirando um cochilo e com os pés em cima da mesa.
14	Lugar qualquer	Um homem conta a seu amigo que a namorada recebeu flores de outro.
15	Sofá da sala	A mulher está com seu marido, conversando, e ele a chama pelo nome da secretaria.
16	Fila do cinema	No momento de comprar o ingresso, o casal descobre que estão esgotados.
17	Restaurante	Após solicitar quatro diferentes pedidos de um cardápio, o cliente descobre que estão todos em falta.
18	Apartamento	Uma festa ocorre no andar de cima de um apartamento, com um som bem alto.
19	Trânsito	Uma mulher é flagrada por um guarda de trânsito, usando o celular, enquanto dirige.
20	Sala com computador	Uma pessoa tropeça no fio do computador e desliga a máquina, sem que a pessoa que está digitando tenha salvado o documento.
21	Loja de telefonia	Uma pessoa leva o celular, pela quarta vez ao conserto, e o mesmo continua estragado.
22	Sala de aula	Os alunos criticam o professor por ser muito exigente com a turma.
23	Em casa, ao telefone	Ao tentar utilizar o cartão de crédito, sem êxito, a mulher liga para Central de Atendimento e descobre que foi um erro da operadora.
24	Blitz	Um guarda avisa ao motorista que o multará com a penalidade máxima, apesar da tentativa de explicação do motorista.
25	Calçada	Em um dia de chuva, uma mulher é toda molhada quando um carro passa em uma poça d' água.
26	Cinema	O homem perde o ingresso do cinema na porta de entrada.
27	Lugar qualquer	Um amigo leva o celular do outro trocado.
28	Xerox (Copiadora)	Um rapaz chega apressado, para buscar uma xerox que ele solicitou, mas elas não estão prontas.
29	Lugar qualquer	Uma menina avisa a sua amiga que o namorado dela convidou-a para sair, quando ela estava viajando.
30	Lugar qualquer	O namorado abraça a ex namorada e apresenta-a para a atual namorada.
31	Conferência	O palestrante, após finalizar sua exposição, é considerado preconceituoso por um dos ouvintes que o critica em voz alta.

Tomando como base a proposta de Rosenzweig (1945) de dividir o instrumento em categorias de Bloqueio do Ego e do Superego, as situações do TRFP também foram divididas em dois grupos, embora sendo classificadas como ameaça direta e ameaça indireta ao indivíduo frustrado. A ameaça direta caracteriza situações em que o indivíduo está diretamente envolvido na situação frustrante e a indireta tem como foco a situação frustrante, e não, o indivíduo.

### 3.1.3.1 Instrumento inicial

A versão inicial do instrumento, intitulado Teste Brasileiro Projetivo de Reação à Frustração – TRFP constitui-se por 31 desenhos. Cada desenho apresenta dois ou mais personagens que se encontram em situações consideradas frustrantes.

Em cada uma das situações propostas, sempre há um personagem que se dirige a outro, pronunciando algo para a(s) demais, que descrevem ou verbalizam o que está ocorrendo na situação. O fato sempre é pronunciado pelo personagem que se encontra à esquerda do desenho. Para responder à situação, espera-se que o sujeito respondente do teste se coloque no lugar do personagem que deve responder àquele que verbalizou algo, sendo este localizando sempre à direita do primeiro. A resposta do sujeito é emitida de forma escrita, em um espaço em branco. Ou seja, ao colocar-se no lugar da personagem que deve responder à situação, o sujeito se define em como responde ou reage a situações como estas, definindo sua tendência à reação a situações de frustração (ver exemplo da situação 1 do teste TRFP na Figura 6).



01

Figura 6. Reprodução da situação 1 do teste TRFP

### 3.1.3.2 Análise Teórica dos Itens

Os desenhos e frases definidos para cada uma das 31 situações passaram por duas análises: uma análise de juízes e uma análise semântica.

Para análise de juízes, com o objetivo de avaliar a pertinência da proposta de cada uma das situações, os desenhos passaram por uma avaliação crítica de 7 especialistas, conhecedores da proposta de Rosenzweig, e que trabalham na área de avaliação psicológica, sendo 2 doutores, 4 mestres e 1 graduando em Psicologia. Os critérios de avaliação foram: a) adequação do desenho à situação proposta; b) qualidade dos traços; c) avaliação dos personagens da situação quanto à vestimenta, não expressão de sentimentos e traços da população brasileira; d) adequação das frases na situação proposta.

A análise semântica das frases teve como objetivo avaliar se as frases propostas nas situações eram compreensíveis e adequadas às situações propostas para cada uma das situações. Esta análise foi realizada com 10 participantes, todos leigos na área, apresentando desde o nível fundamental incompleto ao nível superior completo. Houve também a análise das frases por um especialista em Língua Portuguesa.

### 3.1.4 Resultados e Discussão

Após a análise de juízes, observou-se a necessidade de quatro modificações: a) a troca da terminologia *personagens* por *pessoas*, no momento da descrição do teste; b) a padronização de que todo o início de diálogo deveria ser feito pelo personagem à esquerda do desenho, o que resultou na modificação de 4 das 31 situações apresentadas (itens 4, 6, 8 e 9), ou seja, esses itens foram redesenhados, invertendo o personagem que verbalizava para o canto esquerdo do desenho; c) houve adequação de dois personagens, tendo sido redesenhados para atenderem ao critério de representatividade da população brasileira; isso ocorreu nas situações 19 (foi modificada a vestimenta do guarda para um uniforme similar à polícia brasileira) e 12 (os carros foram modificados para carros similares aos nacionais brasileiros) e d) todos os personagens do sexo feminino foram redesenhados, retirando traços físicos volumosos (por exemplo, seios), para que o foco estivesse na situação, e não no personagem.

A análise semântica demandou a modificação de 2 itens, após análise da concordância da frase. Não houve modificações por parte da análise de pertinência das frases com as situações propostas.

### 3.1.4.1 Instrumento Final

O instrumento final constou com a seguinte descrição: Em cada uma das situações propostas, sempre a primeira pessoa (disposta à esquerda) da situação, pronuncia algo para a (s) demais descrevendo o que está ocorrendo na situação. Espera-se que o respondente do teste coloque-se no lugar da pessoa que deve responder à primeira, utilizando um espaço em branco, ou seja, ao colocar-se no lugar da pessoa que responde à situação, o sujeito se apresenta ao responder ou reagir às situações como estas, definindo sua tendência de reação às situações de frustração.

Além das 31 situações, foram incluídas, no instrumento final, instruções iniciais sobre como o teste deve ser preenchido, bem como um campo para preenchimento dos dados sócio-demográficos (sexo, idade, estado civil, escolaridade, se trabalha, profissão, tempo de serviço, em anos e cidade) e uma última questão que solicita ao sujeito respondente que o mesmo avalie, em uma escala de 1 à 7, a seguinte situação: “Diante de situações frustrantes em sua vida, geralmente você expressa ou controla sua reação?”

### 3.1.4.2 Proposta de Análise do TRFP – Categorização do teste

A proposta de avaliação do TRFP foi definida com base no PFT de Rosenzweig (Moura e Pasquali, 2006a; Nick, n.d.; Rosenzweig, 1945), apresentadas anteriormente. As categorias foram renomeadas, redefinidas e complementadas (significado), com base na definição do construto e na literatura revisada. Sendo assim, a partir das respostas emitidas pelo respondente, a análise do teste tem como proposta a seguinte codificação (nome e símbolo correspondentes) das possíveis reações frente à frustração (Categorias do TRF ou Reações à Frustração) identificadas na Tabela 5.

Tabela 5. Identificação e descrição das onze reações a frustração propostas no TRFP

Nº	Categoria ou Reação	Símbolo	Descrição da reação
1	Extrceptivo com ênfase no obstáculo	Ex'	o indivíduo busca a solução do problema e deixa claro, em sua resposta, que a situação é, de fato, frustrante. O sujeito se irrita com o objeto ou situação frustrante e não sabe o que fazer, ou seja, fica irritado com o acontecimento, podendo chegar à hostilidade ou agressão, mas sempre com foco na situação e não em outra pessoa. Na resposta ao teste, faz uso de exclamação, dentre outros artificios. É nesta categoria que se encontra referência a palavrões, ironia, indignação, sarcasmo e atitudes de surpresa na resposta.

Tabela 5. Identificação e descrição das onze reações a frustração propostas no TRFP (Continuação)

Nº	Categoria ou Reação	Símbolo	Descrição da reação
2	Extracectivo contra um foco	Ex	o indivíduo busca a solução do problema e, para isso, agride uma pessoa ou algo que tenha causado a frustração, ou que se encontre na situação de frustração. Caracteriza-se como a agressão clássica, hostilidade, sendo considerado uma pessoa agressiva. Pode apresentar ataques verbais contra algum outro ou alguma coisa, reações emocionais ou descontroladas.
3	Extracectivo com desculpa	Ex/	o indivíduo busca a solução do problema e acaba agredindo o outro, embora esse comportamento agressivo venha acompanhado de um pedido de desculpas por estar sendo agressivo. O indivíduo sabe que está sendo agressivo e desculpa-se como forma de defender-se de sua agressividade, tentando justificar a sua agressividade ao descrever um motivo qualquer.
4	Extracectivo para resolução	ex	o indivíduo busca a solução do problema e, para isso, pede ou exige que alguém tome alguma providência sobre a situação frustrante, ou que proponha solução à mesma. Ou seja, o indivíduo delega, faz com que haja uma solução para o problema e que este seja resolvido por alguém.
5	Intracectivo com ênfase no obstáculo	In'	o indivíduo busca a solução do problema e, para isso, pode reagir se responsabilizando pelo ocorrido, enfatizando em sua resposta que ele pode ter provocado ou provocou uma situação frustrante. Em alguns momentos, o sujeito se irrita consigo por ter provocado a situação, tecendo uma autocrítica. Em sua resposta, faz uso de exclamação, dentre outros artifícios, que dão ênfase em sua fala. É nesta categoria que se encontram referências a palavrões ou sarcasmo na resposta que são referendados à própria pessoa.
6	Intracectivo contra um foco	In	o indivíduo busca a solução do problema e, para isso, assume a responsabilidade pela situação frustrante, se desculpa e lamenta pelo ocorrido. A agressão é voltada para ele mesmo, reconhecendo ser ele a causa da situação frustrante. Tais indivíduos tendem a reagir com choro e, em alguns casos, com traços depressivos, dado o sentimento de culpa.
7	Intracectivo com desculpa	In/	o indivíduo busca a solução do problema e para isso se culpa pelo ocorrido, reconhece sua responsabilidade, mas tenta explicar-se pelo fato, como forma de se defender. Diferencia-se do In, pois a pessoa descreve o motivo que a levou a assumir a culpa.

Tabela 5. Identificação e descrição das onze reações a frustração propostas no TRFP (Continuação)

Nº	Categoria ou Reação	Símbolo	Descrição da reação
8	Intrceptivo para resolução	in	o indivíduo busca a solução do problema e se propõe a corrigir a situação, ou seja, ele mesmo se compromete a resolver o problema. A pessoa toma iniciativa para auxiliar alguém ou si mesmo, com o intuito de resolver a situação; diz respeito à presteza.
9	Aceptivo com ênfase no obstáculo	Na'	o indivíduo busca a solução do problema e, para isso, tenta minimizar a situação frustrante. O indivíduo procura ver a situação frustrante como um evento favorável, positivo e providencial.
10	Aceptivo contra um foco	Na	o indivíduo busca a solução do problema, embora para isso evite ou fuja do mesmo. Tem a atitude de eximir o outro, o ambiente ou a ele mesmo de qualquer responsabilidade sobre a situação frustrante. Ele simplesmente alega que nada aconteceu, ou que não há problema quanto ao fato, podendo ser indiferente ao mesmo.
11	Aceptivo para resolução	na	o indivíduo busca a solução do problema e, para isso, afirma não haver problema com o fato ocorrido pois, de qualquer modo, a situação se resolverá por si mesma ou irá se resolver com o passar do tempo.

Nota: a identificação em negrito identifica o conteúdo determinante de cada categoria.

A Tabela 5 especifica que o avaliador deve encontrar, a partir da resposta do avaliando no teste, uma categoria que melhor defina seu tipo de reação à frustração. A escolha do tipo de reação à frustração que um indivíduo possui é definida de acordo com a solução que é proposta por ele para resolver o problema ou a situação que é considerada frustrante. Sendo assim, deve-se considerar, primeiramente, para onde este indivíduo direciona esta solução (meio externo, ele mesmo, ou não direciona para um ou outro), diferenciando-se da proposta de Rosenzweig (1976) que considerou ser a agressão que deve ser direcionada e não a solução. Em segundo lugar, deve-se avaliar de que forma ele reage na busca pela situação do problema.

Na avaliação da direção que o indivíduo toma para a solução do problema, tem-se:

- 1) Extrceptiva: o indivíduo direciona a solução para o meio externo;
- 2) Intrceptiva: o indivíduo direciona a solução para ele mesmo;
- 3) Aceptiva: o indivíduo não envolve um ou outro no processo de solução dos problemas, mas apenas espera que as coisas se resolvam ou foge do mesmo.

Cada uma das categorias ou reações descreve a forma com que o indivíduo busca solucionar o problema, sendo:

- a) *reação com ênfase no obstáculo*: indivíduos que insistem que a situação é de fato frustrante, identificados pelo símbolo (?);
- b) *reação contra um foco*: indivíduos que reagem contra algo, a si mesmos ou o meio, identificados pela inicial das letras;
- c) *reação com desculpa*: indivíduos que reagem contra algo ou contra si mesmos, mas pedem desculpas por esse tipo de reação, identificados pelo símbolo (/);
- d) *reação para resolução*: indivíduos que buscam solucionar o problema de alguma forma, identificado pela inicial das letras em minúsculo.

A análise das 31 situações produzirá, ao final da codificação do instrumento, um escore total em cada uma das onze possíveis reações, calculado pela soma da frequência de cada uma das reações nas 31 situações do teste<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Os dados de validade do instrumento projetivo serão propostos como agenda de pesquisa para futuros trabalhos.

### 3.2 Estudo 2 – Construção de Teste Brasileiro Objetivo de Reação à Frustração

Existem muitos questionamentos quanto ao uso das técnicas psicométricas *versus* as técnicas impressionistas ou projetivas (por exemplo, Pasquali, 2001; Villemor-Amaral & Pasqualini-Casado, 2006), principalmente no que tange aos processos de avaliação psicológica. A objetividade das técnicas psicométricas, caracterizada por tarefas padronizadas, correção e apuração mecânica, bem como a interpretação realizada a partir de normas, fornece a segurança de um trabalho isonômico, mas fortemente criticado pelo mapeamento simplificador dos indivíduos (Moura, 2004). Já as técnicas impressionistas ou projetivas, caracterizadas por trabalharem com certa subjetividade, com tarefas pouco ou nada estruturadas, nas quais as respostas deixam margem para interpretações subjetivas do próprio avaliador, trazem a riqueza dos dados, mas também, a inexatidão da avaliação como um todo.

Segundo Moura (2004), dado o grau de exigência de certas características (como personalidade, resistência à frustração) a serem avaliadas em processos seletivos, por exemplo, e a carência de instrumentos de medida que venham a atender as demandas da avaliação, o ideal seria poder se dispor de um teste que reunisse a riqueza de manifestações espontâneas típicas dos testes projetivos, com adequada fundamentação teórica, que permitisse aplicação coletiva, e igualmente, a objetividade e padronização de aplicação e correção necessárias.

Assim considerado, o teste projetivo TRFP aparece como a escolha mais apropriada para ser o ponto de partida para a construção de uma versão objetiva do teste de reação à frustração. Um teste de caráter objetivo atenderia melhor às demandas estratégicas de uma avaliação coletiva, por exemplo, para uso em processos seletivos. Neste sentido, projetou-se o presente instrumento de medida da frustração, tendo como base a proposta de Moura (2004) e Moura e Pasquali (2006a; 2006b), de objetivação de um teste projetivo, bem como a proposta de Bjerstedt (1965) de se trabalhar eficazmente diferentes formas de administração e correção com base no PFT<sup>5</sup>. Dessa forma, o Estudo 2 tem como finalidade a construção de um teste objetivo, por meio da objetivação do TRFP, como forma de sistematizar e categorizar amostras de respostas verbais possíveis, apresentadas pelos indivíduos, quando confrontados com situações que provocam frustrações.

O TRFO tem como proposta a objetivação do teste TRFP, mantendo apenas o estímulo projetivo eliciado pelos desenhos, embora substitua o formato de respostas livres por itens fechados ou frases que representam, previamente, cada uma das possíveis reações

---

<sup>5</sup> Intempestivamente foi descoberto um estudo de Sanford e Rosenstock (1955) que propuseram a partir do PFT, diferentes situações a serem medidas. Este estudo teria sido muito útil para a presente proposta.



à frustração, segundo as onze categorias propostas no instrumento. Neste sentido, foi realizado um estudo para coletar uma amostra de respostas verbais utilizando-se o instrumento TRFP.

### 3.2.1 Participantes

Participaram deste estudo 112 sujeitos, estudantes de um curso de formação de uma instituição de segurança pública federal, estudantes do ensino médio e estudantes de pós-graduação e graduação do curso de Psicologia da Universidade de Brasília, sendo 61 (54,5%) de Brasília e 51 (45,5%) da cidade de Porto Alegre. Os participantes tinham idade entre 16 e 66 anos ( $M = 29,87$  e  $DP = 11,79$ ), sendo 68 (60,7%) homens e 44 (39,3%) mulheres. Quanto ao nível de escolaridade, 9 (8%) tinham nível médio incompleto, 19 (17%) nível médio completo, 47 (42%) nível superior incompleto, 27 (24,1%) superior completo, 6 (5,4%) mestrandos e 2 (1,8%) doutorandos. Os participantes foram subdivididos em 8 grupos, com 14 pessoas cada, escolhidos aleatoriamente.

### 3.2.2 Instrumento Inicial


Para a elaboração do TRFO foram construídos oito instrumentos, intitulados Cadernos do TRFO, baseados nas 31 situações propostas no teste projetivo TRFP. Cada caderno foi composto por 3 a 4 situações do teste e, em cada uma das situações, foram elaboradas sentenças, representando cada uma das 11 possíveis reações à frustração.

As sentenças foram elaboradas com base em três fontes: a) Teste Objetivo de Resistência à Frustração (Moura & Pasquali, 2006a); b) manual de Eva Nick (n.d.) do teste PFT; b) análise de respostas emitidas no teste PFT de Rosenzweig, por candidatos submetidos a um processo seletivo de Concursos Públicos no ano de 2001; c) frases elaboradas por dois pesquisadores, com base no conhecimento sobre o teste.

Cada caderno correspondeu à seguinte situação do teste: caderno 1 (situações 1, 2, 3 e 4); caderno 2 (situações 5, 6, 7 e 8); caderno 3 (situações 9, 10, 11 e 12); caderno 4 (situações 13, 14, 15 e 16); caderno 5 (situações 17, 18, 19 e 20); caderno 6 (situações 21, 22, 23 e 24); caderno 7 (situações 25, 26, 27 e 28) e caderno 8 (situações 29, 30 e 31). Todas as sentenças foram codificadas e agrupadas de forma a identificar, para cada uma das 31 situações do teste, uma variedade de respostas que abarcasse a proposta de codificação do TRFP, isto é, as categorias Ex, Ex', Ex/, ex, In, In', In/, in, Na, Na', na.

Os oito cadernos continham as 31 situações do teste original TRFP, acompanhadas de frases representativas de cada categoria do teste. Em cada categoria, foi apresentado um

enunciado, solicitando ao participante que fizesse uma escolha, dentre três alternativas em forma de frases (a, b, c), daquela que melhor representasse seu modo de se expressar (agressivo, irritado, tranqüilo) ao reagir a uma situação considerada frustrante. Além das três alternativas, havia uma quarta possibilidade (d), com espaço em aberto, para que o participante pudesse sugerir alguma outra possibilidade de fala. Assim, por exemplo, para a situação 1 do instrumento, havia até 11 possibilidades de respostas representando cada uma das categorias: Ex, Ex' (ver exemplo na Figura 7), Ex, ex, In, In', In, in, Na, Na', na, apresentando, cada uma delas, 4 alternativas de escolha (modos de falar). O participante deveria escolher uma, dentre as quatro alternativas, para cada uma das situações. Dessa forma, foram definidas, para cada uma das 31 situações, conjuntos de respostas objetivas. Cada situação continha 11 alternativas de respostas, totalizando-se 341 itens ou variáveis.



01

**Situação 1 – Observe a figura acima e escolha para cada uma das 11 questões a que melhor representa a reação da pessoa com o quadro em branco.**

1) Qual das frases abaixo melhor descreve que este sujeito com o quadro em branco está agindo de forma agressiva e enfatizando, em sua resposta, que a situação é de fato frustrante? **EX'**

- a) Olha só o que você fez!
- b) Meu Deus, que estrago no meu vestido!
- c) Você está maluco? Você acabou de estragar meu melhor vestido.
- d) \_\_\_\_\_

Figura 7. Representação da Situação 1, do Caderno 1, para a reação Ex'

### 3.2.3 Procedimentos

Os respondentes foram abordados em sala de aula, com a permissão antecipada de cada instrutor/professor. A aplicação foi coletiva e realizada por um estagiário de psicologia, seguindo uma folha explicativa com todas as instruções que deveriam ser dadas

antes da aplicação. Para os alunos de pós-graduação, a aplicação foi feita individualmente. Antes da aplicação do instrumento, o estagiário apresentou a atividade como uma pesquisa realizada pelo Laboratório de Pesquisa em Avaliação e Medida (LabPAM), do Instituto de Psicologia da UnB. Os 8 cadernos foram distribuídos nas salas de forma aleatória. Os participantes levaram de 10 a 30 minutos para responder o instrumento.

### 3.2.4 Análise de Dados

As respostas dos sujeitos foram analisadas em termos de ocorrência de cada alternativa escolhida. Os critérios de seleção das alternativas que compuseram o instrumento final foram: (1) a resposta que obteve maior frequência na escolha dos respondentes; (2) em caso de empate nas frequências de respostas, a alternativa foi definida por um juiz. Dessa forma, das quatro alternativas de respostas para cada categoria, apenas uma foi escolhida para melhor definir cada situação para compor o instrumento final, denominado TRFO.

### 3.2.5 Resultados e Discussão

Sobre as escolhas dos participantes em cada uma das situações observou-se uma grande variabilidade nas respostas. Foram avaliadas as alternativas, de cada uma das categorias, como forma de se adotar aquela de maior percentual de resposta pelos participantes, ou seja, a alternativa que parece ter representado melhor seu modo de falar nas situações de 1 a 31 do teste. Esta alternativa, então, compôs o instrumento final, conforme demonstrado na Tabela 6.

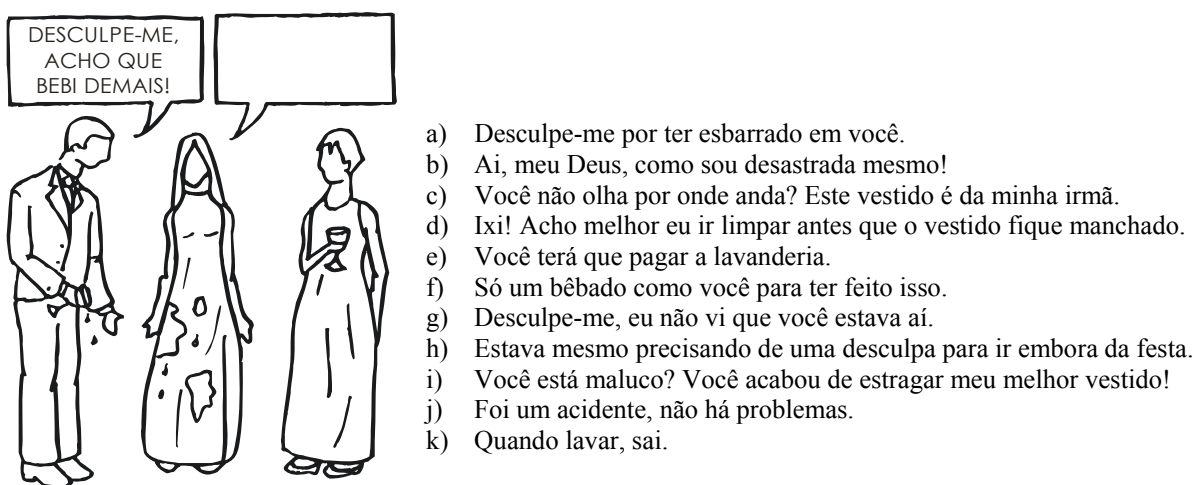
Tabela 6. Percentual de escolha de alternativas nas situações 1, 2 e 3 do caderno do TRFO

Categorias/ Dimensões	Frase da Situação 1				Frase da Situação 2				Frase da Situação 3			
	a	b	c	d	a	b	c	d	a	b	c	d
Ex'	7,1	21,4	<b>64,3</b>	7,1	28,6	28,6	<b>42,9</b>	0	35,7	21,4	<b>42,9</b>	0
Ex	14,3	21,4	<b>64,3</b>	0	<b>42,9</b>	35,7	21,4	0	<b>42,9</b>	28,6	28,6	0
Ex/	<b>42,9</b>	<b>42,9</b>	14,3	0	7,1	<b>71,4</b>	14,3	7,1	<b>46,2</b>	30,8	23,1	0
ex	14,3	35,7	<b>50,0</b>	0	42,9	7,1	<b>50,0</b>	0	21,4	28,6	<b>50,0</b>	0
In'	<b>76,9</b>	0	23,1	0	0	28,6	<b>64,3</b>	7,1	15,4	<b>46,2</b>	38,5	0
In	35,7	<b>42,9</b>	21,4	0	35,7	14,3	<b>50,0</b>	0	21,4	<b>78,6</b>	0	0
In/	<b>64,3</b>	7,1	28,6	0	<b>35,7</b>	28,6	28,6	7,1	<b>46,2</b>	30,8	15,4	7,7
in	<b>64,3</b>	14,3	14,3	7,1	<b>35,7</b>	21,4	<b>35,7</b>	7,1	21,4	21,4	<b>50,0</b>	7,1
Na'	14,3	<b>50,0</b>	35,7	0	35,7	0	<b>64,3</b>	0	<b>35,7</b>	28,6	28,6	7,1
Na/	30,8	<b>38,5</b>	30,8	0	<b>50,0</b>	28,6	14,3	7,1	30,8	<b>53,8</b>	7,7	7,7
na	<b>46,2</b>	<b>46,2</b>	0	7,7	28,6	<b>42,9</b>	28,6	0	23,1	<b>46,2</b>	23,1	7,7

Nota. Os números em negrito identificam as frases de maior frequência de escolha. O percentual de escolha de todas as 31 situações encontra-se na Tabela A, no anexo A.

Na escolha da alternativa mais adequada observou-se que, para cada situação do teste, optou-se pela alternativa de maior frequência, sendo esta escolhida como a resposta que melhor representasse a categoria. Houve empate em 16 itens e a decisão foi feita por dois pesquisadores especialistas no teste. Ademais, deve-se considerar que o uso de frases para definirem os tipos de reações mostrou que a diferença entre as porcentagens atribuídas nas escolhas das frases que melhor definiram cada uma das reações, em alguns casos, foi mínima, o que sugere a possibilidade de se criar diferentes versões do instrumento, em pesquisas futuras. Outro ponto é que a escolha das frases poderia ser assegurada por uma amostra maior que a utilizada, propiciando uma maior representatividade na escolha.

Definidas as alternativas, as mesmas foram distribuídas de forma aleatória, para que a ordem das categorias não fosse as mesmas. Estas respostas deram origem ao Teste Brasileiro Objetivo de Reação à Frustração – TRFO (Vide Figura 8).



01

Figura 8. Reprodução do item 1 do teste TRFO

A Figura 8 reproduz a situação que é proposta no teste, no item 1. Esta figura identifica que cada uma das frases que representa uma reação ou categoria de reação foi considerada a de maior frequência na escolha do Caderno 1, conforme identificado na Tabela 6. No caso das alternativas Ex/ e na, optou-se pela letra “a”, por ter sido considerada a de melhor compreensão por parte dos pesquisadores no quesito desempate.

Pode-se concluir que o TRFO apresenta opções de respostas que representam uma amostra significativa de reações à frustração tipicamente identificadas, sendo que a avaliação do TRFO foi definida com as mesmas categorias propostas no TRFP, conforme metodologia desenvolvida por Moura (2004) e Moura e Pasquali (2006a). Essas categorias foram apresentadas e definidas anteriormente. A partir das 11 alternativas do teste foi elaborado um crivo de correção<sup>6</sup>, como forma de avaliar as possíveis reações frente à frustração. Sendo assim, o TRFO é composto de 31 situações representadas por desenhos, cada uma destas com 11 possibilidades de resposta. A partir da avaliação do instrumento com um crivo, são calculados os escores do indivíduo que consistem na soma das ocorrências de cada uma das 11 reações nas 31 situações.

### 3.2.6 Considerações Finais sobre o TRFO

Inicialmente, pode-se afirmar que o instrumento objetivo apresenta validade teórica de conteúdo, por atender aos critérios definidos por Pasquali (2003b), dado que o levantamento de todas as possibilidades de reações à frustração no teste constitui uma amostra representativa do construto, de acordo com o universo de comportamentos delimitados pela proposta de Rosenzweig (1945; 1976). Demais dados de validade são apresentados nos estudos seguintes, tendo como base o resultado obtido no teste em cada uma das 11 possibilidades de reações.

---

<sup>6</sup> O crivo do instrumento não foi incluído no presente trabalho para resguardar o sigilo do instrumento.

### 3.3 Estudo 3 – Validação do Teste Brasileiro Objetivo de Reação à Frustração – TRFO

Os resultados obtidos nos Estudos 1 e 2 fundamentaram a construção dos instrumentos TRFP e TRFO. As opções de resposta, ou seja, a proposta de codificação das respostas nos dois instrumentos, sejam elas verbais livres (TRFP) ou escolha forçada (TRFO), representam uma amostra abrangente e significativa de possíveis reações à frustração, segundo a proposta de Rosenzweig (1945), tipicamente identificadas nas situações retratadas pelos instrumentos. Seria esperado que os resultados nos dois instrumentos permitissem a caracterização idêntica ou similar dos indivíduos quanto às dimensões das possíveis reações à frustração. Um estudo exploratório, com a aplicação concomitante dos testes TRFO e TRFP, foi realizado com 24 agentes<sup>7</sup> de trânsito da cidade de Roraima, com idade média de 30,46 anos (DP=7,71), maioria com ensino médio completo (66,7%). Após categorização do TRFP, por três especialistas, e correção do TRFO pelo crivo, foi realizada uma análise de correção bivariada entre os dois instrumentos. Comprovou-se que as maiores correlações estão nas reações *Ex* ( $r = 0,46$ ); *In* ( $r = 0,41$ ) e *Na'* ( $r = 0,51$ ), estudo este a ser aprimorado em futuras pesquisas.

O Estudo 3, objetiva analisar, sobretudo, a validade do TRFO, por meio da correlação com medidas de personalidade. A análise de validade de construto do TRFO, por meio da técnica convergente e discriminante, propõe três fases, descritas a seguir. A primeira fase consta da validade de construto desse instrumento, por meio da construção do escore dos indivíduos em cada uma das 11 possibilidades de reações à frustração, nas 31 situações do teste e análise da distribuição das respostas dos participantes. Nesta fase, também são apresentadas as correlações entre as reações do TRFO. A segunda fase descreve a validade exploratória do Teste de Personalidade Facetas (P Face<sup>8</sup>). A terceira fase tem como base a validade convergente-discriminante do TRFO, por meio de dois instrumentos, sendo que um mede construtos semelhantes (Inventário de Expressão de Raiva como estrado e traço - STAXI) e outro com construtos semelhantes e discriminativos (P Face, baseado na teoria dos Cinco Grandes Fatores).

#### 3.3.1 Participantes

---

<sup>7</sup> Estes 24 sujeitos são os remanescentes fortuitos, de uma amostra de 50, quando houve a perda das análises pelo furto do laptop da pesquisadora, ocorrido no laboratório de trabalho. O trabalho feito anteriormente apresentou grande consistência nos dados, exceto no fator In.

<sup>8</sup> A sigla original do instrumento P Face (Personalidade Facetas) é ICFP (Inventário dos Cinco Fatores de Personalidade). A sigla foi modificada para manter o sigilo e segurança dos dados apresentados nesta tese. Por este mesmo motivo, o instrumento não é apresentado em anexo, mas encontra-se disponível no LabPAM.

O TRFO foi respondido por 1.766 participantes, de 8 diferentes Instituições de Segurança Pública Municipais, Estaduais e Federais<sup>9</sup>, 1 Faculdade Particular e 1 Universidade Pública, sendo 1105 (62,5%) da região Centro-Oeste (Aquidauana e Brasília), 527 (29,84%) da região Sudeste (Rio de Janeiro e São Paulo), 82 (4,64%) da região Norte (Roraima e Manaus), 18 (1,02%) da região Sul (Porto Alegre) e 4 (0,23) do Nordeste (Salvador). Dos participantes, 1282 (72,6%) eram do sexo masculino e 455 (25,8%) do sexo feminino, com idade média de 29,77 anos (DP = 6,84), maioria casados (42,9%) e solteiros (42,3%), com nível superior incompleto (42,5%), distribuídos em 70 diferentes profissões, com tempo de serviço variando entre 1 mês a 24 anos. A Tabela 7 apresenta características da amostra estudada.

Tabela 7. Amostra de respondentes dos instrumentos TRFO e P Face (N=1.766)

Variável e Níveis	Frequência	%	Variável e Níveis	Frequência	%
Sexo			Estado Civil		
Feminino	455	25,8	Solteiro	747	42,3
Masculino	1282	72,6	Casado	758	42,9
SR*	29	1,6	Separado	72	4,1
			Viúvo	5	0,3
Idade (anos)			União Estável	121	6,9
17 – 24	414	23,4	Outros	16	0,9
25 – 30	515	29,2	SR	47	2,7
Acima de 31	759	43,0			
SR	78	4,4			
Escolaridade			Cidade de aplicação		
Fundam. Compl.	1	0,1	Brasília – DF	1047	59,3
Médio incompleto	20	1,1	Boa Vista – RR	80	4,5
Médio completo	436	24,7	Porto Alegre – RS	18	1,0
Superior incompl.	750	42,5	Rio de Janeiro – RJ	502	28,4
Superior compl.	245	13,9	Aquidauana – MS	35	2,0
Especialização	198	11,2	São Paulo – SP	25	1,4
Mestrado	60	3,4	Goiânia – GO	19	1,1
Doutorado	4	0,2	Manaus – AM	2	0,1
SR	52	2,9	Salvador – BA	4	0,2
			Campo Grande	4	0,2
Trabalha			SR	30	1,7
Sim	1598	90,5			
Não	128	7,2			
SR	40	2,3			

Nota. SR = Sem Resposta (Casos Omissos)

<sup>9</sup> O nome das Instituições de Segurança não foram publicados para resguardar o sigilo e imagem das mesmas.

### 3.3.2 Instrumentos

*Teste Brasileiro Objetivo de Reação à Frustração – TRFO.* Este instrumento foi descrito no Estudo 2 do presente trabalho.

*Inventário dos Cinco Fatores de Personalidade – P Face.* Este instrumento foi construído por Vasconcelos (2005), com base nos instrumentos Inventário dos Cinco Fatores de Personalidade Reduzido – ICFP-R (Tróccoli & Vasconcelos, 2002; Tróccoli, Vasconcelos, Araújo & Meió, 2001), *NEO Personality Inventory-Revised* de Costa e McCrae (1995), baseado nas trinta facetas teóricas, no Inventário de Goldberg, *Hogan Personality Inventory* e em itens do site *International Personality Item Pool*. A versão final do instrumento consta de 186 itens, avaliados em uma escala de 7 pontos (1 = Não tem na da a ver comigo a 7 = Descreve totalmente). Os dados de validade do instrumento confirmam os 5 fatores de personalidade propostos por Costa e McCrae (1992; 1995), embora com diferenças na quantidade de facetas propostas em cada fator, sendo a *Instabilidade Emocional* (alfa = 0,86, 6 facetas), *Conscienciosidade* (alfa = 0,87, 6 facetas), *Abertura* (alfa = 0,77, 7 facetas), *Extroversão* (alfa = 0,84, 4 facetas) e *Agradabilidade* (alfa = 0,70, 6 facetas). Como forma de confirmar a estabilidade das 30 facetas deste instrumento, no presente estudo é proposta uma reavaliação da validade dessa escala, com uma amostra mais abrangente que o estudo original de Vasconcelos (2005).

### 3.3.3 Procedimento

Os testes foram aplicados de forma coletiva, em salas de aula, por psicólogos e estudantes de Psicologia devidamente treinados. No caso das Instituições de Segurança Pública, parte do efetivo foi convocado para responder este instrumento, juntamente com outros testes que estavam em fase de validação e, e alguns casos, juntamente com instrumentos de análises profissiográficas que estavam em andamento. Foi dada uma instrução inicial para todas as aplicações, informando sobre o trabalho de construção de instrumentos psicológicos para uso em processos seletivos, realizado pelo Laboratório de Pesquisa em Avaliação e Medida, da Universidade de Brasília. Após a explicação da aplicação, foram dirimidas as dúvidas dos respondentes, verificado se todos estavam dispostos a responder os instrumentos e depois iniciada a aplicação. O tempo de execução dos dois instrumentos variou entre 40 a 90 minutos.





Tabela 8. Estatística descritiva das 11 reações, nas 31 situações propostas no TRFO (N=1.766) (Continuação)

Estatísticas	Ex'	Ex	ex	Ex/	In'	In	in	In/	Na'	Na	na
Máximo	11	13	9	10	9	13	18	8	9	12	11
Soma	4.496	1.815	3.940	3.253	2.918	5.084	11.511	4.303	3.770	6.135	6.604
Quartil											
25	1,0	0,0	1,0	1,0	1,0	1,0	4,0	1,0	1,0	2,0	2,0
50	2,0	1,0	2,0	2,0	1,0	3,0	7,0	2,0	2,0	3,0	4,0
75	4,0	2,0	3,0	3,0	2,0	4,0	8,0	3,0	3,0	5,0	5,0
P	0,08	0,03	0,07	0,05	0,05	0,09	0,21	0,08	0,07	0,11	0,12

Nota. P: proporção de ocorrência = Média/31

Os dados mostram que a reação de maior ocorrência é a Intraceptiva para resolução do problema (in), seguida da Aceptiva para resolução (na) e da Aceptiva contra um foco (Na). O maior número de dados omissos é apresentado na reação Extraceptiva contra um foco (Ex) e a de menor omissão é a reação Intraceptiva para resolução (in) e, nestes casos, os dados omissos representam a quantidade de aparições da reação ao longo do instrumento. A análise das médias e proporção de ocorrência mostra que as reações possuem a seguinte ordem de aparição: in (6,52; 21%), na (3,74; 12%), Na (3,47; 11%), In (2,88; 9%), Ex' (2,55; 8%), In/ (2,44; 8%), ex (2,23; 7%), Na' (2,13; 7%), Ex/ (1,84; 5%), In' (1,65; 5%), Ex (1,03; 3%). Os dados mostram que a amostra apresentou ocorrência em todas as reações propostas, apontando serem estas possíveis respostas à situações frustrantes.

Quanto à análise da dispersão das reações, observou-se que embora a distribuição não tenha sido normal em todas as reações, segundo Hays (citado por Pasquali, no prelo) o grande número de sujeitos da amostra torna esse parâmetro menos impactante nas análises. Observou-se que houve uma melhor distribuição normal na reação *in*, conforme identificado na Figura B1, no anexo B.

#### 3.3.4.1.2 Análise de Correlação entre as reações do TRFO

Os dados da Tabela 9 apresentam as correlações entre reações do TRFO. As reações Extraceptivas (Ex', Ex, ex, Ex/) correlacionaram-se positivamente entre si; as reações Extraceptivas correlacionaram-se negativamente com as reações Intraceptivas (In', IN, in, In/), com exceção de Ex e In/ e houve correlação negativa entre as reações Extraceptivas e Intraceptivas com as reações Aceptivas (Na', Na, na), corroborando a proposta teórica do instrumento.

Tabela 9. Matriz de correlações do TRFO ( $N = 1.766$ )

Reação	Ex'	Ex	ex	Ex/	In'	In	in	In/	Na'	Na	na
Ex'	1,00										
Ex	0,34**	1,00									
ex	0,13**	0,20**	1,00								
Ex/	0,32**	0,32**	0,16**	1,00							
In'	-	-	-0,07**	-	1,00						
In	-0,16**	-0,12**	-0,20**	-0,15**	0,12**	1,00					
in	-0,28**	-0,38**	-0,07**	-0,28**	-0,22**	-0,19**	1,00				
In/	,-	0,08**	-0,10**	-	-	-0,07**	-0,12**	1,00			
Na'	-0,29**	-0,15**	-0,15**	-0,12**	-	-	-0,10**	-	1,00		
Na	-0,29**	-0,26**	-0,28**	-0,35**	-0,11**	-	-	-0,08**	-	1,00	
na	-0,38**	-0,32**	-0,26**	-0,32**	-0,10**	-	0,12**	-0,10**	0,12**	0,19**	1,00

Nota. \*\* Relação estatisticamente significativa com  $p < 0,001$

A Tabela 9 mostrou, ainda, que há correlação negativa entre as reações Aceptiva (Na') e Extraceptiva (Ex') ambas com ênfase na situação ( $r = -0,29$ ). Este dado mostra que quanto maior a tendência do indivíduo em ver a situação frustrante como algo favorável ou providencial, menor a tendência em se mostrar irritado diante dos fatos, o que é teoricamente esperado. Já em relação à reação Aceptiva contra um foco (na), os dados mostram que quanto maior a tendência do indivíduo em esperar que as coisas se resolvam com o tempo, menor também é sua tendência em mostrar-se irritado (Ex') com o meio ( $r = -0,38$ ), o que também é teoricamente esperado. Os dados observados no presente estudo corroboram com os achados de Moura (2004) na comparação entre as categorias no teste TORF.

### 3.3.4.2 Fase 2: Revalidação do P Face

O instrumento P Face foi construído e validado por Vasconcelos (2005) em uma amostra de 612 alunos de um curso de formação de uma Instituição de Segurança Pública. A revalidação se justifica em termos de uma amostra mais abrangente, de um maior número e representatividade regional, embora ainda constituída basicamente por participantes do sexo masculino.

A medida proposta neste instrumento segue a Teoria dos Cinco Grandes Fatores (CGF), considerada atualmente o modelo mais proeminente na medida de personalidade (Vaconcelos, 2005) e que tem despertado grande interesse, devido às diversas evidências que sobre sua universalidade e aplicação em diferentes contextos (Nunes & Hutz, 2007) e replicabilidade (Garcia, 2006). Diversos estudos no Brasil, por meio de diferentes grupos de pesquisas, têm comprovado a consistência da teoria e de instrumentos de medida do

CGF (Digman, 1990; Nunes & Hutz, 2002; Vasconcelos, 2005; Schwam, Tróccoli & Vasconcelos, 2002; Wiggins & Pincus, 1992).

Quanto ao instrumento P Face, o mesmo segue a linha de pesquisa de medida da personalidade por meio de questionários, proposta por Costa & McCrae (1995) em seu instrumento denominado de NEO-PI, linha esta definida pela compreensão da personalidade por traços representados lexicamente em forma de itens (Vasconcelos, 2005). Segundo Costa e McCrae (1995) a personalidade pode ser compreendida por cinco fatores, conforme apresentado na Tabela 10.

Tabela 10. Definição dos CGF (Howard & Howard, 1995; 2000; Nunes & Hutz, 2002; Tróccoli & Vasconcelos, 2002)

<i>Fatores*</i>	<i>Definição</i>
Instabilidade Emocional ou Neuroticismo ou Necessidade por estabilidade	número de forças necessárias para eliciar emoções negativas em alguém. Altos escores nesse fator apresentam características como ansiedade, depressão, hostilidade, raiva, preocupação, impulsividade e são pessoas mais reativas. Baixos escores apresentam menor preocupação com pequenos problemas e são mais calmas. Neste fator também podem ser encontradas características de baixa tolerância à frustração e respostas não adaptativas de enfrentamento.
Conscienciosidade ou Realização	números de objetivos que o indivíduo se focaliza. Altos escores caracterizam indivíduos competentes, auto-disciplinados e que focam sua energia para realização de um ou mais objetivos. Baixos escores indicam irresponsabilidade, desorganização e dificuldade em permanecer em uma mesma tarefa.
Abertura	altos escores caracterizam indivíduos voltados para ação e que buscam novas idéias e atividades, mas facilmente fica entediado. Baixos escores ilustram desinteresse e estagnação, mas também podem ser consideradas pessoas mais práticas.
Cordialidade ou Agradabilidade	referência para norma de comportamentos adequados. Altos escores indicam confiança e modéstia. Baixos escores indicam que o indivíduo não considera o interesse dos outros e tende a focar em suas próprias prioridades.
Extroversão	caracteriza indivíduos calorosos, assertivos, ativos, que querem ser o centro das atenções (quando altos escores) e pode vir a descrever indivíduos pouco assertivos, tímidos e que não gostam de barulho ou tumulto, quando o escore é baixo.

Nota. A literatura apresenta diferentes nomeações para os cinco fatores (Howard & Howard, 2000), tanto no Brasil, quanto no exterior. No presente trabalho serão utilizadas as terminologias propostas por Vasconcelos (2005) de Instabilidade Emocional, Conscienciosidade, Abertura, Cordialidade e Extroversão.

Tal proposta tem encontrado, na comunidade científica, consenso nos estudos de validade, fidedignidade, normas, transculturalidade e poder preditivo da medida (Howard & Howard, 2000), dados estes também corroborados em estudos no Brasil (Costa & McCrae, 2008; Hutz, Nunes, Silveira, Serra, Anton, & Wieczorek, 1998; Nunes & Hutz, 2006; 2007; McCrae, 2006; Vasconcelos, 2005; Vasconcelos, Moura & Tróccoli, 2004). Considera-se, ainda, que cada um dos fatores é aplicável a todos os tipos de comportamentos diários, assim como sendo influenciadores do desempenho de atividades profissionais, a saber: Dimensão de Estabilidade Emocional é voltada para funções que requerem uma rápida tomada de decisão em condições estressantes; Dimensão de Afiliação é voltada para função que envolva contato interpessoal amplo; Conscienciosidade que, a partir da análise de estudos meta-analíticos, aparece como o preditor de personalidade mais consistente do desempenho no trabalho (Anastasi & Urbina, 2000), dados confirmados por outras pesquisas encontradas na literatura (Barrick & Mount, 1991; Freitas, 2008; Schmidt & Hunter, 1992; Vasconcelos, 2005).

Vasconcelos (2005) afirma que uma das importantes contribuições de Costa e McCrae (1995) na medida da personalidade é a proposta de que os traços gerais, ou fatores de personalidade, podem incorporar traços mais específicos denominados de facetas ou grupos homogêneos. A autora também considera que o uso das facetas na medida da personalidade proporciona uma identificação mais detalhada e uma riqueza de perfis advindos da combinação de todas elas, permitindo o que ela identificou como um perfil específico de personalidade. Desta forma, cada fator agrega seis facetas, ou seja, trinta medidas que se combinam de acordo com as diferenças individuais, conforme identificado na Tabela 11.

Tabela 11. Identificação das trinta facetas teóricas nos cinco fatores de personalidade, segundo o instrumento NEO-PI-R (Costa & McCrae, 1995; 2008)

<i>Abertura/ Intelecto</i>	<i>Agradabilidade</i>	<i>Conscienciosidade</i>	<i>Extroversão</i>	<i>Instabilidade Emocional</i>
Fantasia	Altruísmo	Auto-disciplina	Afiliação	Vulnerabilidade
Ações	Orientação Correta	Realização	Afago	Impulsividade
Criatividade	Concordância	Ordem	Assertividade	Depressão
Sentimentos	Modéstia	Deliberação	Emoções Positivas	Hostilidade
Valores	Sensibilidade	Competência	Diversão	Ansiedade
Interesses Culturais	Confiança	Orientação para tarefa	Atividade	Auto-Confiança

*Nota.* Tradução proposta por Vasconcelos (2005, p. 40)

Costa e McCrae (2008) apontam três vantagens no uso das facetas. A primeira delas é que as facetas são mais abrangentes na compreensão de pensamentos, sentimentos e ações. Uma segunda vantagem é atribuída ao fato de cada fator possuir facetas que são independentes, permitindo uma maior replicação interna dos resultados e conjunção entre as características medidas. A terceira vantagem é que diferenças entre os indivíduos podem ser identificadas em cada um dos cinco fatores e, neste sentido, apresentar um alto escore em uma faceta de determinado fator, não pressupõe que as demais facetas deste mesmo fator também sejam elevadas. Além disso, o uso das facetas promove uma avaliação mais refinada do indivíduo ou dos grupos.

Embora esta seja a subdivisão proposta por Costa e McCrae (1995), várias são as terminologias existentes para identificarem as facetas teóricas propostas. A Tabela 12 apresenta as diferentes traduções encontradas para as facetas. Segundo Nunes e Hutz (2007), apesar de não haver consenso na denominação dos fatores ou traços de personalidade, tem-se encontrado consistência nas diferentes abordagens encontradas neste modelo. Para o presente estudo foi adotada a tradução proposta por Vasconcelos (2005).

Tabela 12. Identificação de diferenças entre as traduções das facetas e fatores para o Brasil

Fatores / Domínios*	Costa e McCrae (1995)	Vasconcelos (2005)	Garcia (2006)	Costa e McCrae (2008)
Instabilidade Emocional / Neuroticismo	<i>Anxiety</i>	Ansiedade		
	<i>Angry Hostility</i>	Hostilidade	Agressividade-Hostilidade	Raiva/Hostilidade
	<i>Depression</i>	Depressão		
	<i>Self-Consciousness</i>	Auto-confiança	Constrangimento	Embaraço
	<i>Impulsiveness</i>	Impulsividade		
Extroversão	<i>Vulnerability</i>	Vulnerabilidade	Vulnerabilidade ao estresse	
	<i>Warmth</i>	Afago	Acolhimento	
	<i>Gregariousness</i>	Afiliação	Gregarismo	
	<i>Assertiveness</i>	Assertividade		
	<i>Activity</i>	Atividade		
	<i>Excitement-Seeking</i>	Diversão	Busca de Sensações	
Abertura / Intelecto	<i>Positive Emotions</i>	Emoções Positivas		
	<i>Fantasy</i>	Fantasia		
	<i>Aesthetics</i>	Interesses culturais	Estética	
	<i>Feelings</i>	Sentimentos		
	<i>Ideas</i>	Criatividade	Idéias	
	<i>Actions</i>	Ações		Ações variadas

Tabela 12. Identificação de diferenças entre as traduções das facetas e fatores para o Brasil (Continuação)

Fatores / Domínios*	Costa e McCrae (1995)	Vasconcelos (2005)	Garcia (2006)	Costa e McCrae (2008)
	<i>Values</i>	Valores		
Amabilidade / Agradabilidade / Cordialidade / Socialização	<i>Trust</i> <i>Straightfowardness</i> <i>Altruism</i> <i>Tender-mindedness</i> <i>Compliance</i> <i>Modesty</i>	Confiança Orientação correta Altruísmo Sensibilidade Concordância Modéstia	Retidão    Complacência	Franqueza
Conscienciosidade / Responsabilidade / Socialização / Escrupulosidade / Consciência	<i>Competence</i> <i>Order</i> <i>Dutifulness</i> <i>Achievement striving</i> <i>Self-discipline</i> <i>Deliberation</i>	Competência Ordem Orientação para tarefa Realização Autodisciplina Deliberação	Cumprimento do dever Esforço para realizações	Senso de dever Esforço por realizações  Ponderação

Nota. Os fatores contemplam os nomes encontrados na literatura.

Apesar da composição das facetas teóricas identificarem seis facetas para cada um dos cinco fatores de personalidade, Vasconcelos (2005), em seu estudo de construção e validação do instrumento denominado Inventário dos Cinco Fatores de Personalidade (ICFP), propõe uma nova composição das facetas, conforme apresentado na Tabela 13.

Tabela 13. Identificação das vinte e nove facetas teóricas nos cinco fatores de personalidade, segundo estudo de Vasconcelos (2005)

<i>Instabilidade Emocional</i>	<i>Conscienciosidade</i>	<i>Abertura</i>	<i>Extroversão</i>	<i>Agradabilidade</i>
Vulnerabilidade	Auto-disciplina	Ações	Afago	Sensibilidade
Impulsividade	Realização	Criatividade	Afiliação	Altruísmo
Ansiedade	Ordem	Diversão	Assertividade	Concordância
Hostilidade	Competência	Emoções Positivas	Atividade	Sentimentos
Depressão	Deliberação	Modéstia		Confiança
Auto-confiança	Orientação para tarefa	Interesses Culturais Fantasia		Orientação Correta

A Tabela 13 mostra que os dados obtidos por Vasconcelos (2005) com o uso do instrumento P Face, não confirmaram exatamente as facetas teóricas apresentadas por Costa e McCrae (1995), embora o instrumento construído e validado pela autora tenha se mostrado válido e bastante consistente.

Estudos da literatura apresentam análises de validade de instrumentos que se propõem a avaliar as facetas separadamente, ou seja, instrumentos construídos para avaliar cada uma das facetas. Neves, Freitas e Pasquali (2006) analisaram o instrumento denominado Escala de Conscienciosidade, e encontraram uma estrutura fatorial de seis facetas, denominadas de *Orientação para a tarefa, Imprudência, Ordem, Competência, Planejamento* e *Disciplina*. Nunes e Hutz (2007), na análise das facetas de Socialização, pelo instrumento denominado de Escala de Socialização, encontraram no instrumento uma estrutura de facetas, definidas como *Amabilidade, Pró-sociabilidade e Confiança nas Pessoas*. Na análise da Escala de Extroversão (Nunes & Hutz, 2006), os autores identificaram o fator sendo composto por quatro facetas, denominadas de *Comunicação, Ativez, Assertividade e Interações Sociais*. Os estudos mostram que tanto o instrumento P Face, que se propõe a avaliar, conjuntamente, todas as facetas teóricas, quanto os instrumentos que foram construídos para avaliá-las separadamente, têm apresentado diferenças na estrutura das facetas, quando comparadas com a proposta teórica de Costa e McCrae (1995), embora os fatores permaneçam com a mesma estrutura.

Tomando como base a análise de Vasconcelos (2005), em utilizar um instrumento P Face para mensurar todas as facetas dos CGF, o presente estudo tem como objetivo confirmar proposta teórica de Costa e McCrae (1995), no sentido de identificar a mesma distribuição das trinta facetas nos cinco fatores.

#### 3.3.4.2.1 Análise Exploratória das trinta facetas teóricas do P Face

Para análise de validade do instrumento P Face foram construídos, inicialmente, os escores para cada uma das trinta facetas, segundo a proposta de Costa e McCrae (1995). Os escores facetais foram submetidos à análise fatorial exploratória, com o objetivo de verificar a distribuição dos mesmos nos CGF, conforme proposto na teoria. Para tanto, foi realizada uma análise dos Componentes Principais (PC), sem rotação, para verificar a fatorabilidade da Matriz, utilizando-se o método *pairwise* para controle dos dados omissos. O índice de fatorabilidade mostrou um KMO de 0,94. O método PC identificou a existência de 6 componentes pelo critério de Harman (onde cada componente deve explicar pelo menos 3%); 6 fatores pelo critério de Kaiser (K1), com autovalor maior que 1, conforme identificado na Tabela 14.



Tabela 14. Total da Variância Explicada na PC

Componentes	Autovalores Iniciais		
	Total	% de Variância Explicada	% Acumulada
1	9,743	32,475	32,475
2	3,466	11,554	44,029
3	2,182	7,273	51,302
4	1,630	5,432	56,734
5	1,237	4,125	60,859
6	1,172	3,908	64,767
7	,822	2,740	67,507
8	,771	2,570	70,077
9	,716	2,386	72,463
10	,647	2,158	74,621

O método das análises paralelas (valor do autovalor empírico de 1,17 maior que o randômico de 1,33) apontou a existência de 6 componentes, assim como o gráfico de *Scree Plot*, conforme indicado na Figura 9.

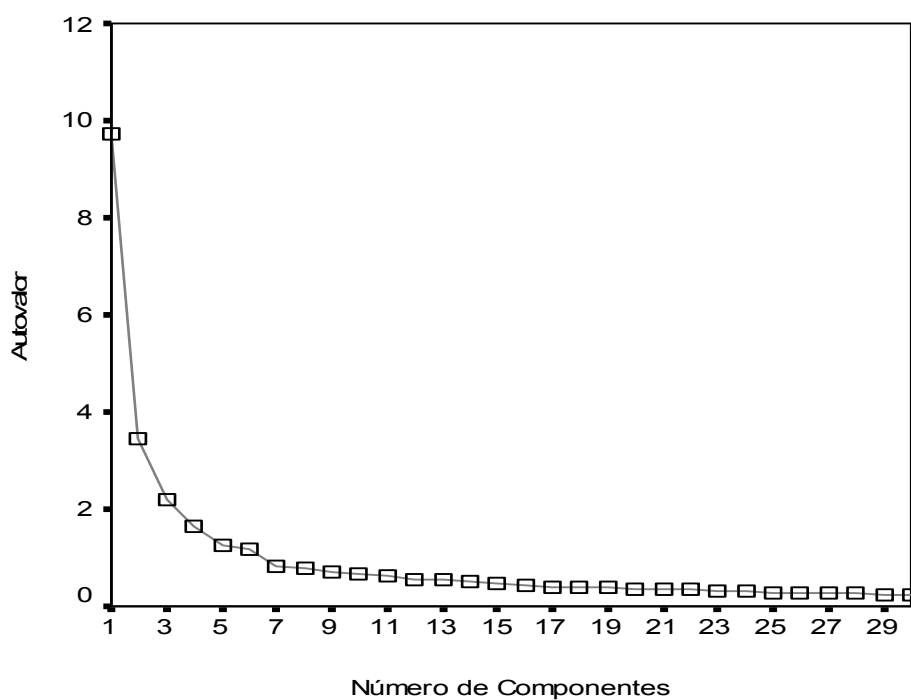


Figura 9. Componentes Principais do P Face

Testou-se inicialmente um possível impacto dos *outliers* multivariados na estrutura dos componentes e observou-se que não houve modificação na estrutura dos componentes. Foi então realizada a extração de 6 fatores, mas houve a dispersão e perda de facetas, sendo que o sexto fator foi composto apenas pela faceta Valores do Fator Abertura. Neste sentido, com base na proposta teórica de que as facetas contemplam 5 grandes fatores, optou-se por fazer a extração de apenas 5. Foram extraídos 5 fatores pelo método *Principal*

*axis Factoring* (PAF), com rotação oblíqua *Direct Oblimin*, tratamento de casos omissos pelo método *pairwise* e supressão de cargas fatoriais inferiores a 0,30. A Matriz Reproduzida mostrou que apenas 19% da variância da matriz de correlação continuou não explicada. Os resultados estão descritos na Tabela 15.

Tabela 15. Matriz do P Face (N = 1.766)

Facetas	Conscienc.	Abertura	Extrovers.	Agradabil.	Instab.Em.	$h^2$
Disciplina	0,82					0,74
Competência	0,79					0,74
Realização	0,77					0,69
Orient.Tarefa	0,75					0,71
Ordem	0,70					0,62
Deliberação	0,65					0,71
Ações		0,63				0,72
Culturais		0,56				0,44
Sentimentos		0,55				0,51
Criatividade		0,49				0,61
Fantasia		0,43				0,50
Assertividade			-0,79			0,73
Afago			-0,78			0,76
Afiliação			-0,72			0,71
Diversão			-0,56			0,68
Atividade			-0,52			0,48
Emoções Pos.			-0,43			0,60
Orient. Correta				0,65		0,64
Sensibilidade				0,57		0,68
Concordância				0,49		0,55
Modéstia				0,41		0,51
Confiança				0,35		0,45
Altruísmo				0,30		0,62
Impulsividade					0,82	0,76
Vulnerabilidade					0,81	0,75
Depressão					0,76	0,69
Hostilidade					0,73	0,71
Ansiedade					0,69	0,66
Confiança					-0,63	0,66
Valores						0,77
Autovalor	9,36	2,98	1,74	1,20	0,83	
% Variância	31,2	9,93	5,8	4,0	2,76	
Nº de Facetas	6	5	6	6	6	
<i>Alpha</i>	0,89	0,68	0,84	0,73	0,81	
<i>Lambda</i>	0,88	0,53	0,83	0,71	0,67	

Os dados da Tabela 15 corroboram a estrutura proposta por Costa e McCrae (1995), exceto no Fator Abertura, por não incluir a faceta *Valores*. Todos os outros fatores confirmaram a composição de seis facetas, sendo o primeiro fator denominado

Conscienciosidade (alfa = 0,89), o segundo Abertura (alfa = 0,68), o terceiro Extroversão (alfa = 0,84), o quarto Agradabilidade (alfa = 0,73) e o quinto o fator de Instabilidade Emocional (alfa = 0,81), descritos conforme apresentado na Tabela 15. Uma análise comparativa dos dados encontrados por Vasconcelos (2005), na construção deste instrumento e primeira validação, é identificada na Tabela 16.

Tabela 16. Análise comparativa dos dados de validação de Vasconcelos (2005) e dos resultados encontrados neste estudo

Fator	Vasconcelos (2005)		Dados atuais	
	Nº de itens	Alfa	Nº de itens	Alfa
Conscienciosidade	6	0,87	6	0,89
Abertura	7	0,77	5	0,68
Extroversão	4	0,84	6	0,84
Agradabilidade	6	0,70	6	0,73
Instabilidade Emocional	6	0,86	6	0,71

O estudo de Vasconcelos (2005) apresenta algumas diferenças na configuração das facetas, quando comparado à teoria original; já o estudo de revalidação consegue corroborar a proposta teórica, com exceção do fator *Abertura*, na faceta *Valores*. Este dado também foi encontrado por Vasconcelos (2005) e discutido pela autora quanto à necessidade de serem excluídos os itens, referentes a esta faceta, do instrumento P Face. A Tabela 16 aponta que apesar de não haver uma maior consistência interna nos fatores propostos na revalidação, com exceção do fator Conscienciosidade, há uma maior concordância teórica nos dados. A partir destas análises, a Tabela 17 apresenta a descrição das trinta facetas de personalidade, a partir dos cinco fatores, conforme a composição final dos dados.

Tabela 17. Descrição das trinta facetas de personalidade nos cinco fatores (Costa & McCrae, 1995)

Fatores	Facetas	Descrição das Facetas
<i>Instabilidade Emocional</i>	Vulnerabilidade	descreve pessoas tensas e instáveis emocionalmente, estressadas e preocupadas de forma exagerada com seus problemas.
	Impulsividade	descreve pessoas que não se controlam e são arrebatados pelas emoções no momento de agir.
	Ansiedade	descreve pessoas que se preocupam antecipadamente com as situações, sentem medo do novo e falam demais.
	Hostilidade	descreve pessoas que se irritam facilmente, são mau-humorados e vingativos.

Tabela 17. Descrição das trinta facetas de personalidade nos cinco fatores (Costa &amp; McCrae, 1995) (Continuação)

Fatores	Facetas	Descrição das Facetas
<i>Conscienciosidade</i>	Depressão	descreve pessoas tristes, que choram facilmente e são inseguros.
	Auto-Confiança*	descreve pessoas com dificuldade de lidar com situações públicas ou inconvenientes.
	Auto-disciplina	trata de pessoas que cumprem seu trabalho no prazo, terminam os trabalhos que começam e são determinados.
	Realização	descreve pessoas que trabalham arduamente, perseguem seus objetivos e são perfeccionistas.
	Ordem	descreve pessoas organizadas, que gostam de ordem e regularidade e agem de acordo com um planejamento.
	Orientação para tarefa	descreve pessoas que se preocupam com o trabalho que realizam e concentram-se na tarefa até terminá-la.
	Competência	descreve pessoas cuidadosas, confiáveis, sensatas e eficazes.
	Deliberação	trata de pessoas que refletem bastante antes de agir, não seguem a opinião dos outros e escolhem as palavras com cuidado.
<i>Abertura</i>	Ações	trata de pessoas que são decididas, que tomam a iniciativa, aceitam desafios e gostam de liderar.
	Sentimentos	descreve indivíduos que têm personalidade forte, emocionam-se facilmente e gostam de pessoas sentimentais
	Criatividade	trata de pessoas que gostam de idéias complexas, são originais e criativos.
	Interesses culturais	relaciona-se ao gosto por artes, música e literatura.
<i>Extroversão</i>	Fantasia	são pessoas imaginativas, que sonham acordados e se perdem nos pensamentos.
	Afago	descreve pessoas que gostam de manter contato e se relacionar com as outras pessoas.
	Afiliação	relaciona-se a pessoas sociáveis que fazem amizade facilmente.
	Assertividade	retrata pessoas desinibidas, que gostam de expor suas opiniões e convencem os outros.
	Atividade	descreve pessoas enérgicas, dinâmicas e cheias de atividade.

Tabela 17. Descrição das trinta facetas de personalidade nos cinco fatores (Costa &amp; McCrae, 1995) (Continuação)

Fatores	Facetas	Descrição das Facetas
<i>Agradabilidade</i>	Emoções Positivas	são pessoas alegres, que divertem as outras pessoas e são extrovertidas.
	Diversão	descreve pessoas que gostam de aventuras, grandes festas e de emoções fortes.
	Sensibilidade	descreve pessoas que respeitam e possuem bons sentimentos pelos outros, são educadas.
	Altruísmo	são pessoas que têm cuidado com o próximo, sacrifício pelo bem-estar dos outros e consideração.
	Concordância	relaciona-se a indivíduos que ficam satisfeitos facilmente e tendem a concordar com os outros.
	Orientação correta	são pessoas que não manipulam os outros, tendem a não mentir para atingir seus objetivos e seguem as regras.
	Confiança	descreve pessoas que acreditam nos outros e confiam na bondade humana.
	Modéstia	descreve pessoas que não gostam de alardear suas virtudes e qualidades e têm uma opinião mediana sobre si próprios.

*Nota.* Adaptação do quadro apresentado por Vasconcelos (2005). O fator Auto-Confiança é avaliado no seu sentido positivo.

### 3.3.4.3 Fase 3: Análise de Validade do TRFO: Análise por Hipótese e Validade convergente-discriminante com os instrumentos P Face e STAXI

Rosenzweig (1938b) considerou que a descrição dos tipos de reação listados em sua teoria não deveriam ser tratados como uma espécie de classificação formal do indivíduo. Nesta afirmação ele estava iniciando seus experimentos na área e considerava que a confirmação das categorias propostas deveriam ser testadas e controladas, também, pelo método de observação. Outra proposta seria aliar essas categorias a medida de personalidade, juntamente com os conceitos da psicanálise, embora de forma experimental, para dar uma maior consistência e precisão para sua proposta. Ele alegava que tal prática contribuiria com a psicologia, na explicação de problemas cruciais que fazem parte da vida cotidiana. Apesar de Rosenzweig (1938b) afirmar a necessidade de se avaliar as reações com outras técnicas, não há relatos na literatura estudos desse autor, que contemplem a validação das reações propostas por ele com medidas da personalidade, com exceção dos estudos sobre agressividade.

Yates (1975) considerou que no desenvolvimento de sua teoria, Rosenzweig foi ambíguo no uso do termo frustração, quando tratou a resistência como o estado do indivíduo ao lidar com a situação, e não, a situação em si. Apesar desta crítica, ele considerou que a partir desta proposta a frustração poderia ser vista como uma variável básica da personalidade. Neste sentido, como forma de validar as reações propostas na presente tese, baseadas nas propostas de Rosenzweig (1945), e a análise da relação entre a frustração e a personalidade, foi realizada a análise do teste TRFO com os instrumentos de personalidade P Face e Staxi.

#### 3.3.4.3.1 TRFO com o P Face

Segundo Angel, Hernández, Leal e Santacreu (2000), há certas dificuldades terminológicas encontradas na literatura, quando se tenta estabelecer uma relação entre a resistência à frustração e a personalidade. Os autores consideram que, ao se falar de tolerância à frustração por parte do indivíduo, não há clareza se a afirmação se refere ao grau em que uma situação é de fato frustrante ou se ela diz respeito a um tipo específico de personalidade que faz com que um indivíduo determine em até que ponto ele é capaz de suportar situações frustrantes e talvez persistir na realização de uma tarefa. Angel e cols. (2000) afirmam que há diferença entre os indivíduos para enfrentar determinada tarefa, diferença essa determinada por fatores de personalidade.

Riber (citado por Angel & cols., 2000) considera que, na compreensão da reação à frustração, a personalidade interfere no comportamento de reação do indivíduo por meio de quatro aspectos: a) competência do sujeito; b) contexto em que está inserido; c) motivos que o fazem lidar com a situação e d) modo como uma pessoa se comporta sempre em situações semelhantes.

Segundo Moura (2004), em uma análise sobre a resposta à frustração no contexto da personalidade, considera-se que as reações emocionais do tipo fuga ou luta e a expressão ou supressão de uma emoção, juntamente com a adaptação hedônica, seriam componentes dos mecanismos de regulação das emoções. Neste sentido, estes mecanismos estariam vinculados às reações à frustração.

Quanto aos traços de personalidade, pode-se supor, juntamente com McCrae e Costa (1996), que as reações às frustrações fazem parte de mecanismos regulatórios dos afetos e emoções (i.e., processos dinâmicos) responsáveis pela condução das influências dos cinco grandes traços de personalidade e das influências ambientais e culturais sobre a

estrutura psicológica do indivíduo. Conseqüentemente, espera-se igualmente correlações entre as dimensões das reações a frustração e os traços de personalidade do indivíduo.

Apesar desta afirmação, estudos na literatura têm testado, principalmente, a relação da frustração vinculada à idéia de agressividade, conforme proposto nas teorias iniciais da área. Dentre os estudos que vincularam a medida da personalidade com a frustração, encontra-se a análise de Moura (2004) entre o Teste Objetivo de Resistência à Frustração (TORF), baseado do PFT de Rosenzweig e o teste de personalidade intitulado Escala de Autenticidade, Agressividade e Inibição (Pasquali, Moura & Freitas, 2003). Os dados mostraram que sujeitos que tendem a apresentar comportamentos agressivos, sejam verbais ou físicos, tendem a reagir de forma agressiva também quando frustrados, enfatizando que a situação é realmente frustrante ou, até mesmo, agredindo as pessoas que estão à sua volta. Observou-se, também, que pessoas que possuem autoconfiança, autodefesa e enfrentamento tendem a agir, em situações frustrantes, de forma a dirigir a agressão para o meio externo, fazendo algo para que a situação se resolva e defendendo-se diante dos outros. Pessoas introvertidas mostram ter dificuldades de negar pedidos e exporem seus próprios sentimentos, tendendo a resolverem seus problemas, ao invés de esperar ou pedir que os outros o resolvam.

Moura (2004) considera, ainda, que há relação entre as reações à frustração e a personalidade humana, dado ao vínculo desta com o funcionamento psicológico do indivíduo. Seu estudo mostra que também há relação entre o teste TORF com os CGF. O fator de *Abertura*, medido pelo teste ICFP-R (Tróccoli & cols., 2001), por exemplo, apresentou correlação positiva com a dimensão de evitação da agressão. Isso indica que pessoas que são voltadas para a ação e que buscam novas idéias, quando frustradas, tendem a eximir as pessoas que estão à sua volta, o ambiente ou ele mesmo de qualquer tipo de culpa sobre a situação e procuram encontrar alternativas para evitar que qualquer tipo de agressão ocorra. Quanto ao fator de *Agradabilidade*, o estudo mostrou que este fator se correlaciona negativamente com a dimensão de Agressão com Defesa do Ego, mostrando que pessoas que se atêm às normas de comportamentos adequados e que são consideradas modestas, quando frustradas, não tendem a agredir os outros ou o ambiente, ainda que tenham que se desculpar por estarem sendo agressivas. Já o fator de *Extroversão* mostrou-se positivamente correlacionado com a dimensão de não-agressão do TORF, indicando que indivíduos que se mostram calorosos e assertivos, quando frustrados, não tendem a evitar que algum tipo de agressão possa ocorrer; pelo contrário, agem de forma a culpar alguém pelo que possa estar acontecendo.

McCrae (2006), na análise do modelo dos CGF, descreve que há uma possível ligação entre o fator *Neuroticismo*, vinculado às emoções negativas e às suas conseqüências, e a reação de frustração. O autor descreve que indivíduos com alto escore neste fator são considerados pessoas que possuem crenças irracionais, exigentes e possuem pouco controle de seus impulsos, dado que a frustração de suas vontades são objetos de muita perturbação. Ao contrário, o baixo escore neste fator identifica indivíduos que enfrentam de forma adequada as situações de estresse.

Para análise de validade convergente-discriminante foram previamente definidas hipóteses a serem testadas nas análises de correlação do tipo *Pearson*, entre as reações de frustração do TRFO e as facetas do P Face. Para esta análise foram testadas as seguintes hipóteses:

1. Espera-se correlação positiva entre *ex* e *in* com as facetas de *Conscienciosidade*, dado que:
  - a) *ex* = o indivíduo exige solução; *in* = o indivíduo dá a solução;
  - b) *Conscienciosidade* = o indivíduo busca pelo cumprimento de deveres.

Espera-se, ainda, correlação negativa com as facetas de *Instabilidade Emocional*, dado que indivíduos com instabilidade emocional possuem pouco controle de suas ações;
2. Espera-se correlação negativa entre as reações *Ex'*, *Ex*, *Ex/* e as facetas de *Conscienciosidade*, dado que:
  - a) *Ex'*, *Ex*, *Ex/* = descrevem comportamentos de hostilidade e hetero-agressividade;
  - b) *Conscienciosidade* = descreve pessoas que pensam antes de agir e que são cuidadosas com suas atitudes.
3. Espera-se correlação positiva entre as reações *Ex'*, *Ex*, *Ex/*, *In'*, *In*, *In/* com as facetas de *Instabilidade Emocional* do P Face, com exceção da faceta *Auto-Confiança*, visto que:
  - a) *Ex'*, *Ex*, *Ex/*, *In'*, *In*, *In/* = descreve comportamentos de hostilidade, hetero e auto-agressividade;
  - b) *Instabilidade Emocional* = descreve indivíduos que eliciam emoções negativas nas pessoas;
  - c) *Auto-Confiança* = descreve pessoas que tem facilidade de conviver com situações inconvenientes.
4. Espera-se correlação negativa entre as facetas de *Abertura* e as reações de *Ex'*, *Ex*, *In'* e *In*, dado que:



a) *Ex'*, *Ex*, *In'*, *In* = descrevem comportamentos de dificuldade em lidar com as situações frustrantes;

b) *Abertura* = descreve pessoas que são abertas a situações novas e inusitadas.

Espera-se, também, correlação positiva entre *Abertura* e as reações de *Na'*, *Na* e *na*, dado que:

a) *Na'*, *Na* = dizem respeito a pessoas que vêem um lado positivo na frustração ou que, mesmo que a situação seja frustrante, consideram-na um estado passageiro e que com o tempo irá se resolver;

b) *Abertura* = indivíduos voltados para ação e que buscam novas idéias e atividades.

Espera-se, ainda, correlação positiva entre a faceta *Ações* e as reações *ex* e *in*, dado que esta faceta caracteriza pessoas que são decididas, que tomam a iniciativa e aceitam desafios.

5. Espera-se correlação negativa entre as reações *Ex'*, *Ex*, *Ex'*, *In'*, *In*, *In'* e as facetas de *Extroversão*, dado que:

a) *Ex'*, *Ex*, *Ex'*, *In'*, *In*, *In'* = descrevem comportamentos de dificuldade em lidar com as situações frustrantes, apresentando hetero e intra-agressividade;

b) *Extroversão* = este fator descreve pessoas que buscam emoções positivas.

Espera-se, ainda, correlação positiva entre as reações *in*, *ex*, *Na'* e *Na* e as facetas de *Extroversão*, dado que estas também são reações voltadas para emoções positivas.

6. Espera-se correlação negativa entre as facetas de *Agradabilidade* e as reações *Ex'*, *Ex*, *Ex'*, dado que:

a) *Ex'*, *Ex*, *Ex'*: comportamentos hetero-agressivos.

b) *Agradabilidade*: indivíduos que crêm na bondade humana.

Espera-se, ainda, correlação positiva com as reações de *Na'*, *Na*, *na*, visto que este fator está vinculado a indivíduos mais modestos e que buscam emoções positivas.

### Resultados e Discussão

Para análise de correlação de Pearson, foram criados os escores de cada uma das facetas do instrumento P Face e das reações do teste TRFO. Os dados são apresentados em tabelas que identificam cada um dos cinco fatores de personalidade, segundo a teoria dos CGF, e das facetas que os compõem, segundo os dados de validade apresentados neste estudo.

O primeiro fator avaliado foi o de *Conscienciosidade*, composto pelas facetas de *Competência*, *Ordem*, *Orientação para Tarefa*, *Realização*, *Disciplina* e *Deliberação*, conforme mostrado na Tabela 18.

Tabela 18. Correlação de Pearson entre as facetas de *Conscienciosidade* e as reações à frustração

Reações	Facetas de Conscienciosidade					
	Competência	Ordem	Orient. Tarefa	Realização	Disciplina	Deliberação
Ex'	-0,20**	-0,14**	-0,13**	-0,11**	-0,19**	-0,20**
Ex	-0,22**	-0,16**	-0,16**	-0,16**	-0,19**	-0,16**
ex	-0,05*	-0,06**	-	-	-0,07**	-0,05*
Ex/	-0,12**	-0,11**	-0,06**	-0,05*	-0,11**	-0,11**
In'	-0,06*	-	-	-0,05*	-	-
In	-	-	-	-	-	-
in	0,25**	0,16**	0,17**	0,20**	0,19**	0,20**
In/	-	-	-	-	-	-
Na'	-	-	-	-	-	-
Na	0,07**	0,05*	0,05*	-	0,07**	-
na	0,16**	0,11**	0,08**	0,11**	0,15**	0,14**

Nota. \* Relação estatisticamente significativa com  $p < 0,05$ ; \*\* Relação estatisticamente significativa com  $p < 0,01$ . O hífen identifica onde não houve correlação significativa.

Os dados da Tabela 18 mostram que todas as facetas se correlacionam de maneira negativa com as reações *Ex'* (Extracéptico com ênfase no obstáculo) e *Ex* (Extracéptico contra um foco). Estes dados mostram que pessoas que cumprem seu trabalho no prazo (*Disciplina*), trabalham arduamente (*Realização*), são organizadas (*Ordem*), preocupadas com o trabalho que realizam (*Orientação para tarefa*), são cuidadosas e eficazes (*Competência*) e refletem muito antes de agir (*Deliberação*), quando frustradas, não tendem a reagir de forma irritada com o acontecimento, nem mostram indignação ou agressão contra coisas ou pessoas. Também houve correlação negativa entre as facetas (*Competência*, *Ordem*, *Disciplina* e *Deliberação*) com a reação *ex* (Extracéptica para resolução). Isso indica que indivíduos que possuem estas características de personalidade não tendem a exigir que as pessoas resolvam a situação ou problema, mas sim, comprometem-se, elas mesmas a resolver a situação, dado este indicado pela correlação positiva de todas as facetas com a reação *in* (Intracéptica para resolução). Os dados também indicaram correlação positiva entre as facetas e a reação *na* (Aceptiva para resolução), ou seja, quanto maior a tendência nas facetas de competência, maior será a tendência de uma pessoa, quando frustrada, deixar que a situação se resolva por si mesma,

com o passar do tempo. As hipóteses foram substancialmente confirmadas, com exceção de *ex* que, pelo contrário, apresentou uma fraca correlação negativa. Esta ocorrência pode ser explicada analisando melhor o conceito de *Conscienciosidade*, mostrando que sujeitos entenderam esse conceito como representando a responsabilidade que cada um tem de resolver seus problemas e não de exigir que outros o resolvam.

O fator de *Instabilidade Emocional*, composto pelas facetas de *Ansiedade*, *Hostilidade*, *Depressão*, *Auto-confiança*, *Impulsividade* e *Vulnerabilidade* é identificado na Tabela 19.

Tabela 19. Correlação de Pearson entre as facetas de *Instabilidade Emocional* e as reações à frustração

Reações	Facetas de Instabilidade Emocional					
	Ansiedade	Hostilidade	Depressão	Auto-Confiança	Impulsividade	Vulnerabilidade
Ex'	0,21**	0,28**	0,22**	-0,18**	0,25**	0,25**
Ex	0,11**	0,28**	0,17**	-0,22**	0,18**	0,16**
ex	-	0,09**	-	-	0,05*	-
Ex/	0,12**	0,19**	0,13**	-0,09**	0,15**	0,12**
In'	0,10**	0,06*	0,06*	-0,10**	0,06**	0,07**
In	-	-	-	-0,05*	-	-
in	-0,16**	-0,23**	-0,20**	0,20**	-0,20**	-0,19**
In/	0,05*	-	-	-	-	-
Na'	-	-0,10**	-	0,06**	-0,06**	-0,08**
Na	-0,09**	-0,15**	-0,09**	0,10**	-0,13**	-0,10**
na	-0,13**	-0,19**	-0,14**	0,16**	-0,15**	-0,12**

Nota. \* Relação estatisticamente significativa com  $p < 0,05$ ; \*\* Relação estatisticamente significativa com  $p < 0,01$ . O hífen identifica onde não houve correlação significativa.

Os dados mostram que houve correlação positiva entre todas estas facetas, com exceção entre a faceta de *Auto-confiança* e as reações *Ex*, *Ex'*, *Ex/* (Extrceptivo com desculpa) e *In'* (Intrceptivo com ênfase no obstáculo). Os dados mostram que quanto maior a tendência da pessoa apresentar características de tensão e instabilidade (*Vulnerabilidade*), tendências a não se controlar e deixarem-se levar pelas emoções na hora de agir (*Impulsividade*), preocupação antecipada com a situação (*Ansiedade*), facilidade em irritar-se (*Hostilidade*) e indício de serem pessoas que choram com facilidade e são inseguras (*Depressão*), maior será a tendência de que, quando frustrada, reaja de forma a agredir coisas ou pessoas, preocupando-se ou não em desculpar-se pela atitude agressiva, irritar-se com a situação e até consigo mesmo, de forma a responsabilizar-se por todo problema advindo da situação frustrante. Houve correlação negativa entre estes fatores e as

reações *in*, *na* e *Na* (*Aceptiva contra um foco*), mostrando que quanto mais forte são as características definidas nestas facetas, menor é a tendência em reagir, diante de situações frustrantes, se propondo a resolver a situação, a fugir ou evitar a situação ou deixar que a mesma se resolva com o passar do tempo. As hipóteses só não foram confirmadas na correlação destas facetas com a reação *In* (*Intrceptivo contra um foco*), onde se esperava correlação positiva. Este dado pode estar ligado, possivelmente, ao fato da amostra ser quase totalmente masculina, sugerindo que a instabilidade faz com que o homem não se culpe em situações frustrantes. Neste sentido, Henly e Williams (1986) ao compararem os homens e mulheres, em um estudo sobre tipos de personalidade A e B e possíveis reações ou pensamentos em situações de frustração, afirmaram que as mulheres são mais inclinadas do que os homens a relatarem afetos negativos.

A faceta *Auto-Confiança* confirmou a hipótese previamente definida, com exceção da reação *In/*, pois correlacionou-se negativamente com as reações *Ex*, *Ex'*, *Ex/*, *In'* (*Intrceptiva com ênfase no obstáculo*) e *In*, indicando que quanto maior a tendência das pessoas em confiarem e acreditarem na bondade dos outros, menor a tendência a reagir com irritabilidade com os outros ou consigo mesmas, com auto ou hetero-agressividade. E com esta faceta houve correlação positiva com as reações *Na* e *na*, mostrando que maior também é a tendência da pessoa em evitar a situação frustrante, eximir culpas e deixar que com o tempo a situação se resolva.

A Tabela 20 apresenta as correlações entre as reações de frustração e o fator *Abertura*, composto pela faceta *Fantasia*, *Interesses Culturais*, *Sentimentos*, *Ações* e *Criatividade*.

Tabela 20. Correlação de Pearson entre as facetas de *Abertura* e as reações à frustração

Reações	Facetas de Abertura				
	Fantasia	Culturais	Sentimentos	Ações	Criatividade
Ex'	0,13**	-0,07**	-	-0,06**	-0,17**
Ex	-	-0,13**	-0,12**	-0,05*	-0,14**
ex	-	-0,06*	-0,07**	0,06**	-
Ex/	0,05*	-0,06*	-	-	-0,10**
In'	-	-	-	-0,07**	-0,08**
In	-0,08**	-	-	-0,08**	-0,10**
in	-	0,09**	-	0,10**	0,19**
In/	-	-	-	-	-

Tabela 20. Correlação de Pearson entre as facetas de *Abertura* e as reações à frustração (Continuação)

Reações	Fantasia	Culturais	Sentimentos	Ações	Criatividade
Na'	-	0,08**	-	-	0,08**
Na	-	-	-	-	0,07**
na	-0,08**	0,07**	-	-	0,13**

Nota. \* Relação estatisticamente significativa com  $p < 0,05$ ; \*\* Relação estatisticamente significativa com  $p < 0,01$ . O hífen identifica onde não houve correlação significativa.

Os dados mostram que este fator apresentou um menor número de correlações significativas entre as reações a frustração, quando comparado com as demais facetas. A faceta *Criatividade* correlacionou-se de forma negativa com *Ex'*, *Ex*, *Ex/*, indicando que quanto maior a tendência da pessoa em apresentar idéias complexas, originais e criativas, menor a tendência em reagir de maneira agressiva e hostil ou auto-punitiva e auto-agressiva, quando frustrada, e maior a tendência em buscar resolver o problema ou a reagir de forma que o tempo o resolva, não culpando pessoas ou vendo na situação algo de positivo. A faceta *Ações* correlacionou-se positivamente com as reações *in* e *ex*, mostrando que, quanto maior à tendência da pessoa mostrar-se decidida, com iniciativa e de aceitar desafios, maior também é a tendência em reagir, quando frustrado, de forma a resolver ou problema ou pedir ou exigir que outras pessoas o façam. A faceta *Fantasia* (pessoas que se perdem nos pensamentos) mostrou correlação positiva entre *Ex'* e *Ex/*, tendo sido uma exceção nas hipóteses definidas, dado que pessoas que vivem fantasiando não tendem a agredir-se ou a agredir ao meio, criando um mundo ideal para elas mesmas destituído de hostilidade.

O fator *Extroversão*, composto pelas facetas de *Afago*, *Afiliação*, *Assertividade*, *Atividade*, *Emoções Positivas* e *Diversão* é identificado na Tabela 21.

Tabela 21. Correlação de Pearson entre as facetas de *Extroversão* e as reações à frustração

Reações	Facetas de Extroversão					
	Afago	Afiliação	Assertividade	Atividade	Emoções Positivas	Diversão
Ex'	-0,14**	-0,13**	-0,12**	-0,09**	-0,06*	-0,11**
Ex	-0,15**	-0,20**	-0,07**	-0,11**	-0,05*	-0,12**
ex	-0,07**	-0,06**	-	-	-	-0,05*
Ex/	-0,13**	-0,11**	-0,05*	-0,06*	-	-
In'	-	-	-	-	-	-
In	-	-0,07**	-0,06*	-0,07**	-0,09**	-
in	0,16**	0,20**	0,09**	0,13**	0,10**	0,12**
In/	-	-	-	-	-	-
Na'	0,05*	-	0,08**	0,05*	0,05*	0,06**
Na	0,09**	0,10**	0,05*	-	-	0,06*
na	0,13**	0,11**	0,08**	0,07**	-	0,07**

Nota. \* Relação estatisticamente significativa com  $p < 0,05$ ; \*\* Relação estatisticamente significativa com  $p < 0,01$ . O hífen identifica onde não houve correlação significativa.

Este fator apresentou correlação negativa entre as reações de *Ex'*, *Ex*, mostrando que, quanto maior a tendência da pessoa em gostar de manter contato e se relacionar com pessoas (*Afago*), de relacionar-se com indivíduos que são sociáveis (*Afiliação*), gostar de expor suas opiniões (*Assertividade*), mostrar-se alegre (*Emoções Positivas*) e de gostar de emoções fortes (*Diversão*), menor a tendência em reagir, quando frustrada, de forma hostil e agressiva e maior a tendência em resolver a situação e deixar que as coisas se resolvam com o tempo ou compreendendo que as dificuldades enfrentadas podem ter algum aspecto positivo, confirmando as hipóteses.

A tabela 22 que compreende o fator de *Agradabilidade*, composto pelas facetas de *Confiança* (crer nas pessoas e na bondade delas), *Orientação Correta* (seguir as regras), *Altruísmo* (buscar o bem estar de outras pessoas), *Concordância* (concordar com outras pessoas com facilidade), *Modéstia* (não gostar de alardear suas próprias virtudes) e *Sensibilidade* (ter bons sentimentos para com os outros), mostrou correlação negativa entre as reações *Ex'*, *Ex*, *ex* e *Ex/* e positiva com *in* e *na*, confirmando as hipóteses definidas.

Tabela 22. Correlação de Pearson entre as facetas de *Agradabilidade* e as reações à frustração

Reações	Facetas de Agradabilidade					
	Confiança	Orient. Corret	Altruísmo	Concordância	Modéstia	Sensibilidade
Ex'	-0,14**	-0,17**	-0,18**	-0,14**	-0,06**	-0,19**
Ex	-0,20**	-0,24**	-0,26**	-0,24**	-0,13**	-0,31**
ex	-0,15**	-0,13**	-0,09**	-0,07**	-0,11**	-0,11**
Ex/	-0,17**	-0,19**	-0,13**	-0,12**	-0,05**	-0,15**
In'	-	-0,06*	-0,07**	-0,05*	-	-
In	-	-	-	-	-	-
in	0,11**	0,19**	0,21**	0,18**	0,12**	0,24**
In/	-	-	0,04	-	-	-
Na'	0,09**	-	0,07**	-	-	0,06*
Na	0,16**	0,15**	0,10**	0,11**	-	0,11**
na	0,14**	0,17**	0,13**	0,16**	0,11**	0,14**

Nota. \* Relação estatisticamente significativa com  $p < 0,05$ ; \*\* Relação estatisticamente significativa com  $p < 0,01$ . O hífen identifica onde não houve correlação significativa.

Os dados mostram que há relação entre as reações de frustração e os traços de personalidade, atendendo a maior parte das hipóteses previamente definidas. A partir destes dados são apresentados, posteriormente, a validade preditiva entre as reações à frustração e a personalidade, bem como a validação de um perfil de reação, com base na teoria dos CGF.

### 3.3.4.3.2 TRFO com o Inventário de Expressão da Raiva Traço-Estado (Staxi)

Segundo Haseith (1996), sempre houve carência de instrumentos que pudessem mensurar os construtos de raiva, hostilidade e agressividade (*AHA Syndrome* - anger, hostility and aggression), conforme definidos por Spielberger. Apesar de este autor considerar que os testes PFT de Rosenzweig e Rorschach possibilitavam avaliar a agressão, estes instrumentos são, exclusivamente, voltados para o contexto psicanalítico. Tanzer, Sim e Spielberger (1996) consideram que não há clareza sobre o que de fato é medido por estes instrumentos, ou seja, quais instrumentos de fato medem estados emocionais transitórios (sentimentos de raiva) ou diferenças individuais estáveis ou traços. O autor, assim, considera necessário compreender que as três reações do *AHA* não são um mesmo construto. Esses autores propõem que a hostilidade deve ser entendida como um fenômeno complexo, que inclui sentimentos de raiva e atitudes que podem variar entre o

ressentimento e o cinismo, enquanto que o estado de raiva se relaciona com um estado emocional psicobiológico, onde estão compreendidas todas as reações fisiológicas provocadas pela raiva. A intensidade do estado da raiva pode variar de acordo com a percepção de injustiça ou de maus-tratos percebidos por um indivíduo, ou, segundo os autores, de uma frustração resultante de obstáculos que não permitem a obtenção de uma meta. Há, neste sentido, uma relação entre o estado de raiva e a frustração. Quanto ao traço de raiva, esta relação também aparece, no sentido que existem certas propensões à raiva que estão vinculadas a diferenças individuais, ou seja, um indivíduo pode ter disposição em perceber certas possibilidades de situações como frustrantes ou de situações que precisam ser evitadas e, conseqüentemente, a responder a estas situações com sentimentos de raiva.

Na proposta teórica do *AHA*, surge o contexto do instrumento STAXI, que tem como finalidade medir a expressão da raiva como traço e estado, conforme as Escalas descritas na Tabela 23.

Tabela 23. Definição das Escalas do STAXI, segundo Biaggio (1999; 2003)

Escala	Descrição
Estado de Raiva	diz respeito à intensidade dos sentimentos de raiva num determinado momento; estado transitório da raiva.
Traço de Raiva	são as diferenças individuais na disposição para vivenciar a raiva; traço estável de uma raiva crônica.
Temperamento Raivoso	diz respeito à propensão geral para vivenciar e expressar a raiva sem provocação específica.
Reação de Raiva	são as diferenças individuais na disposição para expressar a raiva, quando criticado ou tratado de maneira injusta pelos outros.
Raiva para Dentro	trata da frequência com que os sentimentos de raiva são reprimidos ou guardados; há uma tendência inconsciente de culpabilidade a si mesmo e pode ter como conseqüência a depressão.
Raiva para Fora	diz respeito à frequência com que o indivíduo expressa raiva em relação a outras pessoas ou objetos do meio; tendência de apresentar comportamentos de agressão a outros ou ao ambiente.
Controle da Raiva	trata da frequência com que o indivíduo tenta controlar a expressão da raiva; a tendência ao controle da raiva é consciente.
Expressão da Raiva	trata-se do índice geral ou medida global sobre a frequência que a raiva é expressada.



Há relatos na literatura sobre estudos de validade convergente entre os testes STAXI e *PFT* de Rosenzweig (Spielberger & Biaggio, 1994) e uma comparação entre os dados dos dois testes com amostras de prisioneiros (Ferreira & Capitão, 2006; Vane, 1954) ou apenas com o teste *PFT* em amostras específicas, avaliadas como indivíduos com alta hostilidade (Fry, 1949; Holzberg & Hahn, 1952; Lata, 1995; Reese, 1999; Rosenzweig, 1963). Um estudo piloto entre os testes STAXI e o TRFO (Moura, Zambelli & Pasquali, 2006) apontou que os testes mostram correlações significativas entre alguns dos traços medidos, embasando as seguintes hipóteses que foram testadas no presente estudo, com o objetivo de atestar dados de validade do TRFO:

1. Espera-se que as reações *Ex'*, *Ex*, *Ex/*, mostrem correlação positiva entre quase todas as escalas do STAXI, dado que:
  - a) *Ex'*, *Ex*, *Ex/* = descrevem comportamentos de hostilidade e hetero-agressividade
  - b) Escalas do STAXI = avaliam a expressão da raiva
 

Espera-se, ainda, que as reações *Ex'*, *Ex*, *Ex/* apresentem correlação negativa com as escalas de *Raiva para Dentro* e *Controle da Raiva* dado que:

    - c) *Raiva para Dentro* = compreende a repressão do sentimento da raiva
    - d) *Controle da Raiva* = trata-se do controle da expressão da raiva
2. Espera-se uma maior correlação entre a Escala Raiva para Fora e a reação de *Ex*, dado que:
  - a) *Ex* = descreve pessoas que reagem de forma agredir pessoas ou objetos, quando frustradas;
  - b) *Raiva para fora*: pessoas que expressam sua raiva contra outras pessoas ou objetos
3. Espera-se correlação positiva entre *In'*, *In* e Raiva para dentro, visto que:
  - a) *Raiva para dentro* = compreende a repressão do sentimento da raiva, há culpa;
  - b) *In'*, *In/* = caracteriza intra-agressão, culpa, remorso
4. Espera-se correlação positiva entre o Controle da Raiva e as reações de *Na*, *Na'* e *na*, dado que:
  - a) *Na*, *Na'*, *na* = caracteriza reação de fuga da agressão, de uma visão da frustração como algo providencial ou divino ou que se resolve com o tempo;
  - b) *Controle da Raiva* = tendência ao controle da raiva.

### Participantes

A amostra foi composta por 130 participantes, sendo 95 Oficiais de uma Instituição de Segurança Pública Militar de Brasília e 35 estudantes recém-ingressos em um Curso de

Formação, realizado na cidade de Aquidauana – MS, de uma Instituição de Segurança Pública Federal. Os alunos do Curso eram das cidades de Brasília, Roraima, Porto Alegre, Aquidauana, São Paulo, Goiânia e Salvador. Dos participantes, 112 (86,2%) eram do sexo masculino e 16 (12,3%) eram do sexo feminino, com idade variando entre 20 e 41 anos de idade ( $M = 28,94$ ,  $DP = 4,07$ ), maioria com ensino médio completo (64,6%) de escolaridade, sendo 63 casados (48,5%) e 50 solteiros (38,5%). Quanto ao tempo de serviço, os respondentes Oficiais apresentaram média de 8 anos ( $DP = 3,75$ ) de serviço e os alunos estavam há 3 meses em curso. A Tabela 24 apresenta as características da amostra estudada.

Tabela 24. Amostra de respondentes dos instrumentos TRFO e STAXI (N=130)

Variável e Níveis	Frequência	%	Variável e Níveis	Frequência	%
Sexo			Estado Civil		
Feminino	112	86,2	Solteiro	50	38,5
Masculino	16	12,3	Casado	63	48,5
SR	2	1,5	Separado	9	6,9
Idade (anos)			União Estável	5	3,8
20 – 27	39	30	SR	3	2,3
28 – 31	59	45,4	Escolaridade		
Acima de 31	25	19,2	Médio completo	84	64,6
SR	7	5,4	Superior incompl.	29	22,3
Cidade			Superior compl.	14	10,8
Brasília	95	73,1	Especialização	1	0,8
Aquidauana	35	26,9	SR	2	1,5

### Instrumentos

*Teste Brasileiro Objetivo de Reação à Frustração – TRFO.* Este instrumento foi descrito no Estudo 2 do presente trabalho.

*Inventário de Expressão de Raiva como Estado e Traço (STAXI, do inglês, State-Trait Anger Expression Inventory).* O STAXI foi construído por Spielberger, em 1927, e validado para o Brasil por Biaggio, em 2003 (Nascimento, 2006). O instrumento é composto por 44 itens, respondidos a partir de uma escala de concordância de 4 pontos (1 = quase nunca a 4 = quase sempre), subdivididos em 8 escalas, entre *Estado de Raiva* (10 itens; alfa =0,88); *Traço de Raiva* (10 itens; alfa =0,79); *Temperamento Raivoso* (4 itens; alfa =0,77); *Reação de Raiva* (alfa = 0,69); *Raiva para Dentro* (8 itens; alfa =0,74); *Raiva*



Tabela 25. Correlação entre TRFO e STAXI (Continuação)

Reações	Estado Raiva	Traço Raiva	Temperam	Reação	Raiva Dentro	Raiva Fora	Controle Raiva	Expressão Raiva
Na'	-	-0,20*	-0,23**	-	-	-0,19*	0,23**	-0,27**
Na	-	-0,21*	-	-0,17*	-	-0,24**	0,26**	-0,28**
na	-0,18*	-0,18*	-	-	-0,21*	-0,20*	0,19*	-0,28**

Nota. \*\* Relação estatisticamente significativa com  $p < 0,01$  e \* com  $p < 0,05$

Os dados apontam que só não houve a confirmação da terceira hipótese. Quanto à primeira hipótese, houve correlação significativa em todas as reações Extraceptivas (*Ex'*, *Ex*, *Ex'*, *ex*), sendo a maior ( $r = 0,31$ ) entre *Ex* e a escala de *Estado da Raiva* e entre *Ex'* e *Expressão da Raiva* ( $r = 0,31$ ). Neste sentido, quanto maior a reação à frustração de irritabilidade (*Ex'*), agressividade (*Ex*), maior também o estado e traço da raiva. Há correlação positiva também entre a *ex* e *Raiva para Fora* ( $r = 0,30$ ). Na análise das reações Intraceptivas, os dados mostraram que houve correlação negativa em apenas duas escalas do STAXI, sendo *In* com *Estado da Raiva* ( $r = -0,23$ ) e com *Reação à Raiva* ( $r = -0,18$ ), apontando que quanto maior a tendência em reagir à frustração de forma auto-agressiva, se desculpando e lamentando pelo ocorrido, menor a intensidade dos sentimentos de raiva e também de expressão da mesma. Não houve correlação positiva entre Raiva para dentro e as reações de Intracepção. A quarta hipótese foi confirmada nas relações apresentadas nas reações Aceptivas, dado que houve correlação negativa com todas as escalas, com exceção do *Estado da Raiva e Raiva para Dentro*, indicando que quanto maior a tendência em expressão da raiva e sua tendência enquanto traço, menor a tendência em reagir de forma a ver a frustração como evento favorável, fugir a um problema e a compreender que com o tempo o mesmo poderá ser resolvido. Com exceção da Intracepção, os dados indicaram confirmar o que foi encontrado em estudos da área (Zambelli, Moura & Pasquali, 2007), corroborando com dados de validade do TRFO.

### 3.4 Estudo 4 – Validade Preditiva do TRFO

Para este estudo foram avaliados 1.753 participantes, descritos no Estudo 3, diferenciando-se pela retirada de 13 policiais que não identificaram nenhum dos dados demográficos solicitados no caderno de aplicação, composto pelos instrumentos TRFO e P Face. Inicialmente foram criadas vinte e nove facetas de personalidade, segundo a proposta apresentada na fase 2 do Estudo 3, com o teste P Face e os escores das onze reações de frustração do teste TRFO. Na análise de dados omissos, observou-se que nenhuma variável superou o valor de 5%, sendo que os casos existentes foram substituídos pela média. Feito isto, foram verificados os casos extremos e os pressupostos de linearidade, homocedasticidade, independência dos resíduos e normalidade. Os *outliers* (casos extremos) univariados foram analisados com base no parâmetro do escore  $Z > 3,29$ , onde foram encontrados 137 casos univariados (75 referentes às reações e 62 referentes às facetas), permanecendo 1.615 casos. Os *outliers* multivariados foram avaliados com base na distância de *Mahalanobis*, na identificação da tabela do  $\chi^2$  com 40 graus de liberdade ( $p < 0,001$ ), de valor crítico igual a 73,402. Foram identificados 47 casos multivariados que foram excluídos (Hair, Anderson, Tatham & Black, 2005), restando 1.568 casos. Na análise dos pressupostos entre as onze reações e as vinte e nove facetas de personalidade, verificou-se uma assimetria negativa nas variáveis *Ex* e *Impulsividade*. Contudo, como essa assimetria era apenas moderada, manteve-se a métrica original dessas variáveis.

Para análise da validade preditiva do teste TRFO procedeu-se, inicialmente, a análise de regressão múltipla *stepwise*, para uma análise exploratória da relação entre as reações de frustração e as facetas de personalidade. Nesta análise foi utilizado o escore dos participantes nos testes TRFO e P Face. Foram consideradas como variável critério cada uma das reações à frustração, analisadas individualmente, e como variáveis antecedentes todas as facetas de personalidade.

#### 3.4.1 Análise Exploratória dos dados

A literatura é insistente em mostrar que a frustração está vinculada à agressividade (como por exemplo, Berkowitz, 1981; Pitkanen-Pulkkinen, 1980; Norman & Ryan, 2008). Contudo, McCrae (2006) mostra que a frustração também está vinculada ao fator de instabilidade emocional, uma vez que sujeitos altamente instáveis apresentam reação negativa, quando frustrados. Constata-se, entretanto, que não há, na literatura, estudos consistentes que relatem a comprovação empírica entre os construtos de personalidade e frustração, objetivo do presente trabalho. Neste sentido, optou-se por realizar a análise de

Regressão Linear Múltipla, pelo método *Stepwise*, como forma de avaliar as facetas de personalidade que melhor explicam cada uma das reações à frustração.

### 3.4.1.1 Resultado e Discussão

As Tabelas de 26 a 36<sup>10</sup> apresentam os resultados obtidos pela análise de regressão múltipla (*stepwise*) para cada variável dependente, na análise de todas as facetas; os passos em que elas entraram na regressão; o total de explicação provido pelo respectivo modelo ( $R^2$  modelo); o coeficiente padronizado de regressão (beta), que expressa o quanto cada faceta proposta contribuiu para a predição de cada reação; o valor de F de significância dos betas.

#### 3.4.1.1.1 Extrceptivo com ênfase no obstáculo (*Ex'*)

A Tabela 26 descreve os resultados de cinco modelos significativos de regressão múltipla (*stepwise*) para a variável dependente *Ex'*.

Tabela 26. Regressões *Stepwise* para variável dependente *Ex'* (N = 1.568)

Variável Dependente	R <sup>2</sup>	F	p	Modelos	Variáveis Predictoras	β	p
<i>Ex'</i>	0,07	114,80	0,001	1	<i>Hostilidade</i>	0,26	0,001
	0,08	19,16	0,001	2	<i>Hostilidade</i>	0,17	0,001
					<i>Impulsividade</i>	0,14	0,001
	0,09	9,86	0,002	3	<i>Hostilidade</i>	0,14	0,001
					<i>Impulsividade</i>	0,15	0,001
<i>Confiança</i>					-0,08	0,002	
0,09	6,51	0,011	4	<i>Hostilidade</i>	0,14	0,001	
				<i>Impulsividade</i>	0,13	0,001	
				<i>Confiança</i>	-0,07	0,007	
				<i>Altruísmo</i>	-0,07	0,011	
0,09	6,64	0,010	5	<i>Hostilidade – IN</i>	0,14	0,001	
				<i>Impulsividade – IN</i>	0,12	0,001	
				<i>Confiança – AG</i>	-0,07	0,006	
				<i>Altruísmo – AG</i>	-0,09	0,001	
				<i>Sentimento – AB</i>	0,07	0,010	

<sup>10</sup> Para análise *Ex'* são apresentados todos os dados dos modelos gerados pelo método *Stepwise*. Para as demais reações é apresentado apenas o modelo final, sendo que a tabela completa pode ser verificada no Anexo C.

Nota. As siglas utilizadas após o nome das facetas, no último modelo, definem os fatores de personalidade a que pertencem, sendo (IN) Instabilidade Emocional, (CS) Conscienciosidade, AB (Abertura), EX (Extroversão), AG (Agradabilidade)

Os dados da Tabela 26 mostram que a reação *Ex'* é predita em 7% pela faceta de *Hostilidade*. As outras facetas acrescentam apenas 2% a mais na explicação dessa reação, sendo que o modelo final explica 9%. Esses dados apontam que, quanto maior o nível de hostilidade, impulsividade e de sentimentalismo de um indivíduo, maior sua tendência de reagir de forma irritada, quando frustrado, sendo o contrário para indivíduos com alta confiança e altruísmo. Esses dados corroboram as hipóteses de correlação levantadas no na fase 3 do Estudo 3, com exceção da faceta *Sentimento*, embora esse dado de fato mostre que pessoas com personalidade forte de fato possuem uma tendência à irritabilidade.

#### 3.4.1.1.2 *Extracectivo contra um foco (Ex)*

A Tabela 27 descreve o resultado da sexta análise da análise de regressão múltipla (*stepwise*) para a variável dependente *Ex*.

Tabela 27. Sexto modelo da Regressão *Stepwise* para variável dependente *Ex* (N = 1.568)

Variável dependente	R <sup>2</sup>	F	p	Modelo	Variáveis Predictoras	β	p
<i>Ex</i>	0,16	5,0	0,03	6	<i>Sensibilidade – AG</i>	-0,13	0,001
					<i>Hostilidade – IN</i>	0,14	0,001
					<i>Altruísmo – AG</i>	-0,09	0,001
					<i>Confiança – AG</i>	-0,09	0,001
					<i>Modéstia – AG</i>	-0,08	0,001
					<i>Concordância – AG</i>	-0,06	0,026

Os dados mostram que a reação *Ex* é explicada em 16% pelas facetas de Sensibilidade, Hostilidade, Altruísmo, Confiança, Modéstia e Concordância, em sua maioria facetas do Fator Agradabilidade. Os dados apontam que, quanto maior a tendência do indivíduo em sacrificar-se pelo bem estar dos outros, ser educado, sensível, acreditar e concordar com os outros, menor sua tendência em reagir de forma agressiva, quando frustrado. Os dados confirmam as hipóteses anteriormente levantadas.

#### 3.4.1.1.3 *Extracectivo com desculpa (Ex/)*

A Tabela 28 descreve o resultado da sexta análise da análise de regressão múltipla (*stepwise*) para a variável dependente *Ex/*.

Tabela 28. Sexto modelo da Regressão *Stepwise* para variável dependente *Ex/* (N = 1.568)

Variável dependente	R <sup>2</sup>	F	p	Modelo	Variáveis Predictoras	β	P
---------------------	----------------	---	---	--------	-----------------------	---	---

<i>Ex/</i>	0,07	4,09	0,043	6	<i>Orientação Correta – AG</i>	-0,13	0,001
					<i>Confiança – AG</i>	-,093	0,001
					<i>Hostilidade – IN</i>	0,11	0,001
					<i>Altruísmo – AG</i>	-0,06	0,005
					<i>Autoconfiança – IN</i>	0,08	0,001
					<i>Criatividade – AB</i>	-0,06	0,004

Os dados apontam que a reação *Ex/* é explicada em 7% pelas facetas Orientação Correta, Confiança e Altruísmo do fator Agradabilidade, pelas facetas Hostilidade e Autoconfiança do fator Instabilidade Emocional e da faceta Criatividade do fator Abertura. Os dados apontam que quanto mais a pessoa mostra a tendência em não manipular os outros, a crer na bondade das pessoas, o cuidado com os outros e originalidade em suas ações, menor a tendência em reagir de forma agressiva, mesmo que tenha que apresentar desculpas, quando frustrado. O contrário é esperado para pessoas mal-humoradas, vingativas e com dificuldade em lidar com situações inconvenientes. Os dados corroboram as hipóteses levantadas. A faceta Autoconfiança apresentou surpreendentemente um  $\beta$  com sinal positivo. Esse fenômeno é identificado na literatura como um efeito de supressão (Pasquali, no prelo; Tabachnick & Fidell, 2001), onde a variável preditora *Autoconfiança* manteve uma baixa correlação bivariada com a variável critério ( $r = 0,09$  com *Ex/*); contudo como a faceta *Autoconfiança* apresentou altas correlações bivariadas com as demais variáveis preditoras da equação ( $r = 0,34$  com *Orientação Correta*;  $r = 0,44$  com *Altruísmo*;  $r = -0,53$  com *Hostilidade*;  $r = 0,46$  com *Criatividade*); houve a inversão do sinal dessa faceta na sua entrada na equação de regressão ( $\beta = 0,08$ ).

#### 3.4.1.1.4 Extracectivo para resolução (*ex*)

A Tabela 29 descreve o resultado dos modelos 6 e 8 da análise de regressão múltipla (*stepwise*) para a variável dependente *ex*.

Tabela 29. Modelos 6 e 8 da Regressão *Stepwise* para variável dependente *ex* (N = 1.568)

Variável dependente	R <sup>2</sup>	F	P	Modelos	Variáveis Predictoras	$\beta$	p
<i>ex</i>	0,04	5,46	0,020	6	<i>Confiança – AG</i>	-0,11	0,001
					<i>Orientação Correta – AG</i>	-0,04	0,203
					<i>Modéstia – AG</i>	-0,05	0,081
					<i>Sentimento – AB</i>	-0,07	0,013
					<i>Ações – AB</i>	0,08	0,005
					<i>Disciplina – CS</i>	-0,07	0,020
0,04	4,21	0,040	8	<i>Confiança – AG</i>	-0,10	0,001	
				<i>Modéstia – AG</i>	-0,06	0,015	



<i>Sentimento – AB</i>	-0,06	0,024
<i>Ações – AB</i>	0,11	0,001
<i>Disciplina – CS</i>	-0,07	0,007
<i>Diversão – EX</i>	-0,06	0,040

Os dados apontam que há dois modelos que contribuem em 4% na explicação da reação *ex*. Os dois modelos são compostos, em comum, pelas facetas Confiança, Modéstia, Sentimento, Ações e Disciplina, descrevendo que quanto mais a pessoa se mostra confiante nas pessoas, com tendência a não gostar de alardear suas próprias atitudes, com personalidade forte e sentimental, que busca cumprir seu trabalho no prazo determinado, menor a tendência de reagir, quando em situações frustrantes, delegando às pessoas a responsabilidade de resolver o problema. Ao contrário, quanto maior a tendência da pessoa em seguir regras (Orientação Correta), indicada no primeiro modelo, e da faceta Diversão, que caracteriza pessoas que buscam aventuras e fortes emoções, indicada no segundo modelo, maior também é a tendência da pessoa em exigir que as pessoas tomem providencia para solução do problema, quando frustradas.

#### 3.4.1.1.5 Intraceptivo com ênfase no obstáculo (*In'*)

A Tabela 30 descreve o resultado do quarto modelo de regressão múltipla (*stepwise*) para a variável dependente *In'*.

Tabela 30. Regressões *Stepwise* para variável dependente *In'* (N = 1.568)

Variável dependente	R <sup>2</sup>	F	p	Modelos	Variáveis Predictoras	β	p
<i>In'</i>	0,02	5,52	0,019	4	<i>Ansiedade – IN</i>	0,11	0,001
					<i>Fantasia – AB</i>	-0,08	0,002
					<i>Ordem – CS</i>	0,08	0,003
					<i>Vulnerabilidade – IN</i>	0,07	0,019

Os dados apresentados mostram que a reação *In'* é explicada em 2% pelas facetas de Ansiedade, Fantasia, Ordem e Vulnerabilidade. Sendo assim, quanto maior a tendência da pessoa em ter medo do que é novo, mostrar-se muito preocupada, gostar de ordem e regularidade e de mostrar instabilidade emocional e estresse, maior também será a tendência da pessoa em se irritar consigo mesma, em situações de irritação. O contrário é esperado para pessoas que são organizadas e que agem de acordo com o planejamento. Os dados apresentados corroboram as hipóteses levantadas.

### 3.4.1.1.6 *Intraceptivo contra um foco (In)*

A Tabela 31 descreve os resultados do quinto modelo de análises de regressão múltipla (*stepwise*) para a variável dependente *In*.

Tabela 31. Quinto modelo da Regressão *Stepwise* para variável dependente *In* (N = 1.568)

Variável dependente	R <sup>2</sup>	F	p	Modelos	Variáveis Predictoras	β	p
<i>In</i>	0,03	4,52	0,034	5	<i>Emoções Positivas – EX</i>	-0,09	0,002
					<i>Criatividade – AB</i>	-0,08	0,003
					<i>Fantasia – AB</i>	-0,08	0,004
					<i>Sentimento – AB</i>	0,08	0,004
					<i>Concordância – AG</i>	-0,06	0,034

A reação *In* é explicada em 3% pelas facetas Emoções Positivas, Criatividade, Fantasia, Sentimento e Concordância, dado este que aponta que há maior mais relação com o fator de Abertura para compreensão deste tipo de reação. Os dados mostram que quanto mais o indivíduo se mostra sentimentalista e com personalidade forte, maior também é a sua tendência em se auto-agredir. O contrário é encontrado para pessoas alegres e extrovertidas, que são originais e criativas, que ficam satisfeitas com facilidade e que são imaginativas.

### 3.4.1.1.7 *Intraceptivo com desculpa (In/)*

A Tabela 32 descreve o resultado do terceiro modelo da regressão múltipla (*stepwise*) para a variável dependente *In/*.

Tabela 32. Terceiro modelo de Regressão *Stepwise* para variável dependente *In/* (N = 1.568)

Variável dependente	R <sup>2</sup>	F	P	Modelos	Variáveis Predictoras	β	p
<i>In/</i>	0,01	4,52	0,034	3	<i>Ansiedade – IN</i>	0,08	0,019
					<i>Deliberação – CS</i>	0,10	0,003
					<i>Depressão – IN</i>	0,07	0,034

As facetas de Ansiedade, Deliberação e Depressão explicam em apenas 1% a reação *In/*, embora esta relação seja significativa. Os dados mostram que, quanto maior a tendência da pessoa em se mostrar preocupada antecipadamente com as situações, apresentar a tendência em não seguir o que os outros falam, embora refletindo antes de agir, e de mostrar-se triste e insegura, maior também será sua tendência em culpar-se pelos problemas, quando em situações de frustração, reconhecendo sua culpa na situação e desculpando-se pelo ocorrido. Os dados das facetas de Instabilidade Emocional confirmam as hipóteses levantadas anteriormente. A faceta Deliberação, apesar de não ter apresentado

correlação significativas nas análises anteriores, faz sentido quando identifica a diferença entre a auto-agressão do *In* e o fato do indivíduo preocupar-se em pedir desculpas, mesmo que para isso tenha que assumir a responsabilidade pelo problema (*In/*), fato este corroborado pela análise prévia da situação, caracterizada por esta faceta.

#### 3.4.1.1.8 *Intrceptivo para resolução (in)*

A Tabela 33 descreve os resultados do décimo primeiro modelo de regressão múltipla (*stepwise*) para a variável dependente *in*.

Tabela 33. Modelo 11 das Regressões *Stepwise* para variável dependente *in* (N = 1.568)

Variável dependente	R <sup>2</sup>	F	p	Modelos	Variáveis Preditoras	β	P
<i>in</i>	0,10	50,06	0,025	11	<i>Competência – CS</i>	0,13	0,001
					<i>Afiliação – EX</i>	0,13	0,001
					<i>Modéstia – AG</i>	0,10	0,001
					<i>Emoções Positivas – EX</i>	0,08	0,007
					<i>Vulnerabilidade – IN</i>	-0,08	0,010
					<i>Fantasia – AB</i>	0,08	0,005
					<i>Sentimento – AB</i>	-0,07	0,014
					<i>Altruísmo – AG</i>	0,09	0,001
					<i>Diversão – EX</i>	-0,07	0,025

Os dados mostram que a reação *in* é explicada em 10% pelas facetas identificadas na Tabela 33. Neste sentido, quando maior a tendência do indivíduo em apresentar características de Competência (pessoas eficazes), Afiliação (pessoas sociáveis), Modéstia (pessoas que não gostam de alardes), Emoções Positivas (pessoas felizes), Fantasia (pessoas imaginativas) e Altruísmo (pessoas que se sacrificam pelo bem estar dos outros), maior será a tendência em solucionar os problemas, quando em situação de frustração. O contrário é encontrado para as facetas de Vulnerabilidade (pessoas tensas e instáveis emocionalmente), Sentimento (sentimentalismo) e Diversão (pessoas que buscam emoções fortes). Estes dados corroboram as hipóteses anteriormente levantadas.

#### 3.4.1.1.9 *Aceptivo com ênfase no obstáculo (Na')*

A Tabela 34 descreve os resultados do terceiro modelo da regressão múltipla (*stepwise*) para a variável dependente *Na'*.

Tabela 34. Regressões *Stepwise* para variável dependente *Na'* (N = 1.568)

Variável dependente	R <sup>2</sup>	F	P	Modelos	Variáveis Preditoras	β	p
<i>Na'</i>	0,02	40,61	0,032	3	<i>Hostilidade – IN</i>	-0,16	0,001
					<i>Deliberação – CS</i>	-0,09	0,002
					<i>Interesses Culturais – AB</i>	0,05	0,032

Os dados mostram que a faceta Hostilidade, Deliberação e Interesses Culturais explicam 2% da reação *Na'*. Neste sentido, quanto maior a tendência da pessoa em se irritar facilmente e a refletir bastante antes de agir, menor a possibilidade de reagir de forma a achar o evento frustrante favorável, positivo ou providencial, ao contrário, esta reação é esperada para pessoas que gostam de música e literatura.

#### 3.4.1.1.10 *Aceptivo contra um foco (Na)*

A Tabela 35 descreve os resultados do quarto modelo regressão múltipla (*stepwise*) para a variável dependente *Na*.

Tabela 35. Regressões *Stepwise* para variável dependente *Na* (N = 1.568)

Variável dependente	R <sup>2</sup>	F	p	Modelos	Variáveis Predictoras	β	p
<i>Na</i>	0,05	180,51	0,001	4	<i>Confiança – AG</i>	0,12	0,001
					<i>Impulsividade – IN</i>	-0,15	0,001
					<i>Orientação Correta – AG</i>	0,14	0,001
					<i>Deliberação – CS</i>	-0,14	0,001

Os dados mostram que as facetas Confiança e Orientação correta, junto com as facetas Impulsividade e Deliberação explicam em 5% a reação *Na*. As primeiras mostram que quanto maior a tendência da pessoa em confiar nos outros e a seguir normas, maior será a possibilidade de reagir de forma indiferente diante de situações frustrantes. Já indivíduos que se mostram descontrolados emocionalmente e que não seguem as opiniões dos outros, demonstram menos este tipo de reação.

#### 3.4.1.1.11 *Aceptivo para resolução (na)*

A Tabela 36 descreve os resultados do sexto modelo de regressão múltipla (*stepwise*) para a variável dependente *na*.

Tabela 36. Regressões *Stepwise* para variável dependente *na* (N = 1.568)

Variável dependente	R <sup>2</sup>	F	P	Modelos	Variáveis Predictoras	B	p
<i>na</i>	0,06	50,00	0,025	6	<i>Hostilidade – IN</i>	-0,08	0,007
					<i>Concordância – AG</i>	0,07	0,006
					<i>Modéstia – AG</i>	0,09	0,001
					<i>Criatividade – AB</i>	0,10	0,001
					<i>Confiança – AG</i>	0,07	0,012
					<i>Fantasia – AB</i>	-0,06	0,025

As facetas Hostilidade, Concordância, Modéstia e Criatividade explicam em 6% a reação *na*. Os dados mostram que, quanto maior a tendência da pessoa em reagir de forma a irritar-se facilmente e a se perder em pensamentos, menor a tendência a deixar que o

tempo resolva as situações que são consideradas frustrantes. O contrário é esperado para pessoas que tendem a concordar com os outros, que são modestas e não gostam de aparecer, são criativas e que confiam na bondade das pessoas.

Os dados analisados mostram que, apesar dos modelos apresentarem moderados índices na explicação das facetas para a variância de cada uma das reações, os Betas foram significativos. A identificação da contribuição moderada das facetas também foi um dado identificado por Vasconcelos (2005), embora a autora ressalte a importância das contribuições práticas das facetas em seu uso prático. Sendo assim, os dados apresentados na análise de regressão comprovam a relação entre as reações à frustração e a personalidade. Neste sentido, buscou-se contemplar um perfil de reação que pudesse ser analisado com base nas características de personalidade.

## CAPÍTULO IV – PERFIL DE REAÇÃO À FRUSTRAÇÃO

Esta análise foi realizada, com base na amostra apresentada no Estudo 3 e tem como finalidade confrontar o perfil de reação à frustração com o perfil de personalidade, com base nos CGF.

### 4.1 O perfil de reação à frustração

A partir da análise das reações, tomando como base os dados de média e desvio padrão esperado na média da população, apresentado na Tabela 8, foi construído um gráfico de padrão de reação, conforme ilustrado na Figura 10.

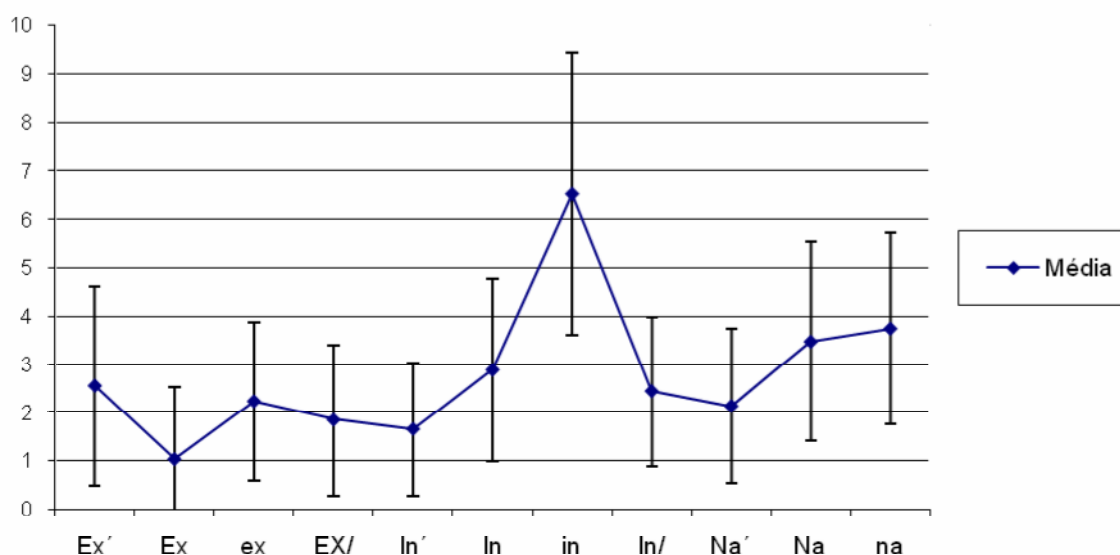


Figura 10. Média e desvio padrão em cada uma das 11 reações

A partir da análise dos dados apresentados na Figura 10, observa-se que há um padrão de respostas esperado em cada uma das reações, no qual se verifica que há uma reação que pode apresentar um maior ou menor escore no instrumento, mas ao avaliar todas as reações, pode ser considerado que há um padrão de normalidade esperado, ou seja, um perfil de reação à frustração. Espera-se que o indivíduo, quando avaliado, esteja entre as faixas de normalidade, segundo o perfil traçado nesta amostra.

Rosenzweig (1949), ao avaliar as reações produzidas pelo PFT, considerou que uma das limitações em avaliar as reações a frustração era que quando o indivíduo apresentasse um escore maior em uma reação, por exemplo, implicaria que os demais

escores, em outras reações, seria menor. Tal dado foi visto, inicialmente, como uma limitação no momento de interpretar os dados estatisticamente. Mas a partir deste dado o autor considerou a importância de se investir em estudos experimentais e clínicos para uma análise mais crítica das categorias propostas no instrumento. Estudos posteriores de validade (Rosenzweig, 1963; 1976; 1978b; Parrek, 1964) mostraram que havia um padrão de resposta no teste, ou seja, que o indivíduo de fato apresentava uma reação que predominava no seu modo de reagir diante de situações frustrantes, mas que outras reações, mesmo que em menor intensidade também faziam parte deste modo de reagir.

Neste sentido, entende-se que há uma situação que é predominante no modo de reagir de um indivíduo e as demais aparecem como potenciais respostas que surgem de acordo com a situação frustrante.

Apesar da definição de um grupo de normalidade, não há, ainda, a definição do que se é esperado de uma reação adequada ou não de frustração ou, conforme relacionado na literatura da área, a definição de uma baixa ou alta resistência à frustração. A reação de um indivíduo pode ser então considerada adequada (alta resistência à frustração) ou inadequada (baixa resistência à frustração), embora não se tenha uma proposta clara, na literatura, do que seria ou não esta adequação.

Determinar se uma reação é adequada ou não, vai depender do tipo de situação considerada frustrante, da justificativa no caso de um agente frustrante (Pastore, 1952), da história de vida do indivíduo, da cultura, da contingência em que está inserido, da aceitação social, da busca pela sobrevivência, do grau de hierarquia da pessoa envolvida e de tantos outros fatores, inclusive, da leitura que esse indivíduo faz do problema e do benefício que possa conseguir a partir dele. Mas é entendido que há sempre uma reação e, neste caso, o presente estudo se propõe a compreendê-la a partir das onze categorias previamente definidas, identificadas como comportamentos para a eliminação de um problema. Entende-se que não há um escore geral de reação à frustração, mas sim, escores de diferentes reações que podem ser adequadas ou não, dependendo da situação.

Neste sentido, a frustração aparece como uma reação afetiva negativa, advinda da não satisfação de uma necessidade e que provoca reações comportamentais. Essas reações comportamentais compõem o perfil do indivíduo ou as tendências de reações, quando frustrado. A identificação desta tendência pode ser analisada por meio dos escores em cada uma das reações, identificando aquela ou aquelas que são predominantes em cada indivíduo e, conjuntamente, identificando as reações que fogem ao que é esperado.

Certamente o indivíduo pode vir a apresentar mais de uma tendência de reação à frustração, embora haja uma ou outra que sejam mais recorrentes em seu comportamento e estas irão definir o tipo predominante de reação. A interpretação das reações compreende a definição da característica predominante de reação do indivíduo, quando frustrado.

#### 4.2 Perfil de personalidade e confronto deste com o perfil de reação à frustração

Com base na proposta de Costa e McCrae (1995) na teoria dos CGF em avaliar a personalidade por meio de fatores e facetas, Howard e Howard (2000) construíram uma proposta de mensuração destas dimensões utilizando uma escala percentílica subdividida em três faixas. Na avaliação de escores, os autores consideram que um terço da população se encontra abaixo da faixa de 45% (considerados como baixo escore em personalidade), um terço entre 45% e 55% (considerados como médio escore em personalidade), seguidos de mais um terço acima de 55% (considerados como alto escore de personalidade), conforme Figura 11, sendo que cada uma destas faixas é identificada com um símbolo: -, =, +, respectivamente.

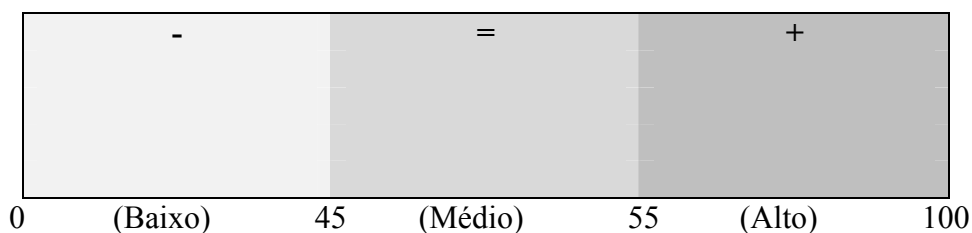


Figura 11. Perfil proposto por Howard e Howard (2000) para fatores e facetas

Howard e Howard (2000) consideram que essas faixas são aplicáveis a indivíduos adultos, por compreender uma fase de maior estabilidade. Mesmo assim, o indivíduo pode apresentar diferentes escores em cada uma das dimensões, dado este também citado por Vasconcelos (2005).

A partir da proposta dessas três faixas, os autores identificam um perfil para cada um dos fatores ou facetas, ou seja, para cada fator ou faceta há um escore considerado baixo, médio ou alto, conforme a subdivisão dos fatores identificada na Figura 11 e comportamentos esperados em cada uma destas faixas (vide Tabela 37).



Tabela 37. Subdivisão dos cinco fatores de personalidade em três faixas, conforme comportamentos esperados para cada faixa

Fatores	-	=	+
Conscienciosidade	Flexível: espontâneo, brincalhão, faz muitas tarefas ao mesmo tempo, confortável com a bagunça C (-)	Equilibrado: consegue manter o trabalho e as demandas em equilíbrio C (=)	Focado: organizado, perfeccionista, ambicioso C (+)
Abertura	Conservador: conservador, prático, eficiente AB (-)	Moderado: sabe lidar com a tensão com a inovação e eficiência AB (=)	Aventureiro: curioso, sonhador e visionário AB (+)
Extroversão	Introvertido: reservado, isolado, inibido E (-)	Ambíguo: consegue se equilibrar entre a solicitude e a sociabilidade E (=)	Extrovertido: sociável, entusiasmado, ativo E (+)
Agradabilidade ou Adaptabilidade	Desafiador: questionador, competitivo e orgulhoso AG (-)	Negociador: lida de forma que todos saíam ganhando ou se beneficiando AG (=)	Adaptável: compreensivo, servidor, altruísta, que presta assistência AG (+)
Instabilidade Emocional	Resiliente: calmo, controlado, sem estresse (IN-)	Sensível: ocasionalmente se aborrece com situações estressantes (IN=)	Reativo: tenso, ansioso (IN+)

Nota. Os símbolos dos fatores Abertura, Agradabilidade e Instabilidade foram modificados pela inicial do fator traduzido para o português.

Apesar da proposta de Howard e Howard (2000) contemplar o intervalo entre as faixas nos percentis de 0 – 45; 45 – 55; 55 – 100, não há, no Brasil, estudos que comprovem a validade das mesmas. Desta forma, para o presente estudo, foi feita uma análise da distribuição da amostra estudada (N = 1.766), subdividindo-a em três faixas: 0 – 40; 40 – 60; 60 – 100. Esta subdivisão teve como base a proposta de Vasconcelos e Pasquali (2004), que propõem cinco faixas percentílicas na normatização do teste ICFP-R: 0 – 30; 30 – 40; 40 – 60; 60 – 75; 75 – 100. Como a faixa de 40 – 60 é considerada como normal (média), as demais faixas foram agrupadas, conforme mostrado na Tabela 38.

Tabela 38. Análise dos Cinco Fatores em três faixas percentílicas

Percentil	Instabilidade Emocional	Conscienciosidade	Abertura	Extroversão	Agradabilidade
3	1,74	3,85	3,60	3,43	3,84
5	1,86	3,97	3,81	3,64	3,99
10	2,04	4,27	4,09	3,86	4,21
15	2,19	4,45	4,22	4,02	4,40
20	2,33	4,62	4,34	4,17	4,53
25	2,44	4,78	4,46	4,31	4,65
30	2,53	4,92	4,55	4,44	4,74
35	2,61	5,04	4,63	4,53	4,84
40	2,71	5,16	4,71	4,64	4,92
45	2,81	5,27	4,80	4,72	4,98
50	2,94	5,38	4,88	4,82	5,04
55	3,04	5,48	4,96	4,90	5,11
60	3,17	5,57	5,03	5,01	5,17
65	3,29	5,65	5,11	5,11	5,24
70	3,41	5,73	5,18	5,22	5,30
75	3,59	5,83	5,27	5,31	5,38
80	3,73	5,93	5,38	5,44	5,47
85	3,96	6,04	5,47	5,56	5,57
90	4,12	6,18	5,62	5,76	5,69
95	4,36	6,40	5,86	6,03	5,89
98	4,83	6,63	6,11	6,25	6,10

A construção dos fatores foi realizada com base na proposta teórica de Costa e McCrae (1995), no agrupamento das facetas identificadas na análise de revalidação do P Face. Para análise das três faixas, utilizou-se a mesma proposta por Howard e Howard (2000) em identificar possíveis comportamentos esperados em cada uma delas. Neste sentido, propôs-se comparar a distribuição das reações à frustração apresentadas na Tabela 39, com a distribuição de faixas esperadas nos fatores de personalidade, a fim de avaliar se as proporções observadas em personalidade se mostram significativas às proporções encontradas nas reações à frustração e, desta forma, validar o perfil (vide Tabela 40).

Tabela 39. Análise das onze reações à frustração em três faixas percentílicas

Percentil	Ex'	Ex	ex	Ex/	In'	In	in	In/	Na'	Na	na
5						0	2	0		0	
10			0						0		1
15	0						3			1	
20				0	0						
25						1	4	1			2
30										2	
35	1		1				5		1		
40											
45		0		1		2	6				3
50					1						
55	2							2		3	
60			2				7		2		
65						3					4
70	3	1		2						4	
75					2		8	3			
80	4		3			4	9		3	5	5
85		2	4	3				4			
90	5	3		4	3	5	10		4	6	6
95	6	4	5	5	4	6	11	5	5	7	7
98	8	5	6	6	5	7	13	6	6	8	8

Como forma de comparar as três faixas propostas de personalidade, em relação aos comportamentos esperados para cada uma delas, conforme identificado na Tabela 37, foram criados, também, comportamentos esperados para cada uma das reações de frustração, com base na descrição apresentada na Tabela 40. Para cada uma das 11 reações, foi definido um comportamento que contemplasse as 3 faixas, ou seja, o comportamento em níveis diferentes.

Tabela 40. Subdivisão das onze reações à frustração, conforme comportamentos esperados em cada uma delas

Reações		Comportamento	- Pouco	= Normal	+ Exacerbado
<i>Extraceptivo</i>		Irritado com as pessoas			
<i>Intraceptivo</i>	<i>com ênfase no problema</i>	Irritado consigo mesmo			
<i>Aceptivo</i>		Otimista			
<i>Extraceptivo</i>	<i>contra um foco</i>	Hetero-agressivo			
<i>Intraceptivo</i>		Auto-agressivo			
<i>Aceptivo</i>		Complacente			
<i>Extraceptivo</i>	<i>em busca de</i>	Delegante			
<i>Intraceptivo</i>	<i>solução</i>	Proativo			
<i>Aceptivo</i>		Conformista			
<i>Extraceptivo</i>	<i>com justificativa</i>	Impulsivo			
<i>Intraceptivo</i>		Neurótico			

### 4.3 Resultado e Discussão

Para esta análise foi utilizado o Qui-quadrado na análise de *Crosstabs*, por se tratar de variáveis que foram transformadas em categóricas, onde cada um dos cinco fatores (*Instabilidade Emocional, Conscienciosidade, Abertura, Extroversão e Agradabilidade*) foi relacionado a cada uma das onze reações propostas no TRFO (*Ex', Ex, Ex/, ex, In', In, In/, in, Na, Na', na*). Para uma melhor compreensão das relações avaliadas, as reações do TRFO foram divididas em reações Extraceptivas (*Ex', Ex, Ex/, ex*), Intraceptivas (*In', In, In/, in*) e Aceptivas (*Na, Na', na*). Tanto para os fatores, quanto para as reações foram consideradas as três faixas, sendo a primeira 0-40, a segunda de 40-60 e a terceira de 60-100, conforme ilustrado na Figura 12.

Personalidade		
-	=	+
Baixo	Médio	Alto
IN > 40	40 >= IN <=60	IN < 60
CS < 40	40 >= CS <=60	CS > 60
AB < 40	40 >= AB <=60	AB > 60
EX < 40	40 >= EX <=60	EX > 60
AG < 40	40 >= AG <=60	AG > 60
Reações a Frustração		
Reações Negativas ou Baixa Resistência à Frustração	Reações Normais ou Resistência à Frustração Mediana	Reações Positivas ou Alta Resistência à Frustração
Reações > 60 <i>in</i> < 60	40 >= Reações <= 60	Reações < 40 <i>in</i> > 40
0	40	60
		100

Figura 12. Faixas de personalidade e de reação à frustração, em percentil.

Nota. As siglas utilizadas definem os fatores de personalidade, sendo (IN) Instabilidade Emocional, (CS) Conscienciosidade, AB (Abertura), EX (Extroversão), AG (Agradabilidade)

Para esta análise de perfil foi testada a hipótese: há concordância entre as três faixas de personalidade com as três faixas de reações à frustração, portanto apresentando conformidade significativa entre as duas medidas. Apesar da análise de regressão *stepwise* não ter identificado a preditividade de todos os fatores de reação, quando comparados com cada uma das reações, optou-se por testá-las novamente neste estudo, dado que a falta de preditividade de algumas facetas analisadas está relacionada com o fato de que a regressão trabalha com correlações parciais, ocasionando que, no caso de variáveis independentes com alta covariância, uma delas sai prejudicada.

Embora não tenha havido total concordância entre as faixas de personalidade e de reação à frustração, pode-se observar bastante congruência entre as duas medidas.

A análise da diferença entre as faixas mostrou que houve diferença significativa entre *Instabilidade Emocional* e as reações *Extracéptivas*, sendo com a reação *Ex'* de  $\chi^2(4, N = 1.740) = 84,697, p < 0,001$ , como mostrado na Tabela D1<sup>11</sup>; a reação *Ex* com  $\chi^2(2, N = 1.740) = 89,332, p < 0,001$ , como mostrado na Tabela D2; a reação *ex* com  $\chi^2(4, N = 1.740) = 13,690, p < 0,008$ , como mostrado na Tabela D3; a reação *Ex/* com  $\chi^2(4, N = 1.740) = 36,256, p < 0,001$ , como mostrado na Tabela D4. A análise entre as faixas *Conscienciosidade* e as reações extracéptivas mostrou a reação *Ex'* com  $\chi^2(4, N = 1.726) = 63,890, p < 0,001$ , como mostrado na Tabela D5; a reação *Ex* com  $\chi^2(2^{12}, N = 1.726) = 60,223, p < 0,001$ , como mostrado na Tabela D6; a reação *ex* com  $\chi^2(4, N = 1.726) = 12,731, p < 0,013$ , como mostrado na Tabela D7; a reação *Ex/* com  $\chi^2(4, N = 1.726) = 29,721, p < 0,001$ , como mostrado na Tabela D8. A análise da diferença entre as faixas mostrou que houve diferença significativa entre *Abertura* e a reação *Ex'* com  $\chi^2(4, N = 1.725) = 9,100, p < 0,059$ , como mostrado na Tabela D9 e a reação *Ex* com  $\chi^2(2, N = 1.725) = 13,893, p < 0,001$ , como mostrado na Tabela D10. O fator de *Extroversão* apresentou diferença significativa entre a reação *Ex'* com  $\chi^2(4, N = 1.725) = 44,614, p < 0,001$ , como mostrado na Tabela D11; a reação *Ex* com  $\chi^2(2, N = 1.725) = 31,990, p < 0,001$ , como mostrado na Tabela D12 e a reação a reação *Ex/* com  $\chi^2(4, N = 1.740) = 17,564, p < 0,002$ , como mostrado na Tabela D13. A análise da diferença entre as faixas mostrou que houve diferença significativa entre o fator de *Agradabilidade* e a reação *Ex'* com  $\chi^2(4, N = 1.732) = 53,321, p < 0,001$ , como mostrado na Tabela D14; a reação *Ex* com  $\chi^2(2, N = 1.732) = 137,255, p < 0,001$ , como mostrado na Tabela D15; a reação *ex* com  $\chi^2(4, N = 1.732) = 32,282, p < 0,001$ , como mostrado na Tabela D16; a reação *Ex/* com  $\chi^2(4, N = 1.732) = 66,752, p < 0,001$ , como mostrado na Tabela D17. As diferenças entre os CGF e as reações Extracéptivas mostram a seguinte identificação entre os perfis de reação (vide Figura 13).

<sup>11</sup> As Tabelas identificadas como D são apresentadas no Anexo D.

<sup>12</sup> A reação *Ex* apresenta apenas 2 graus de liberdade, dado que o grupo não apresentou escore em todas as faixas.

Faixas	<i>Ex'</i> Irritação com as pessoas	<i>Ex</i> Hetero-agressão	<i>ex</i> Delegante	<i>Ex/</i> Impulsivo
Baixa Resistência	Exacerbado <i>Ex'</i>	Exacerbado <i>Ex</i>	Pouco <i>ex</i>	Exacerbado <i>Ex/</i>
	Reativo (IN > 60) Flexível (CS < 40) Conservador (AB < 40) Introvertido (EX < 40) Desafiador (AG < 40)	Reativo (IN > 60) Flexível (CS < 40) Conservador (AB < 40) Introvertido (EX < 40) Desafiador (AG < 40)	Reativo (IN > 60) Flexível (CS < 40) - - Desafiador (AG < 40)	Reativo (IN > 60) Flexível (CS < 40) - - Desafiador (AG < 40)
Resistência Normal	Normal <i>Ex'</i> , <i>Ex</i> , <i>ex</i> , <i>Ex/</i>			
	Sensível (40 >= IN <=60) Equilibrado (40 >= CS <=60) Moderado (40 >= AB <=60) Ambíguo (40 >= EX <=60) Negociador (40 >= AG <=60)			
Alta Resistência	Pouco <i>Ex'</i>	Pouco <i>Ex</i>	Exacerbado <i>ex</i>	Pouco <i>Ex/</i>
	Resiliente (IN < 40) Focado (CS > 60) Aventureiro (AB > 60) Extrovertido (EX > 60) Adaptável (AG > 60)	Resiliente (IN < 40) Focado (CS > 60) Aventureiro (AB > 60) Extrovertido (EX > 60) Adaptável (AG > 60)	Resiliente (IN < 40) Focado (CS > 60) - - Adaptável (AG > 60)	Resiliente (IN < 40) Focado (CS > 60) - Extrovertido (EX > 60) Adaptável (AG > 60)

Figura 13. Combinação entre as três faixas dos CGF as reações do tipo *Extrceptivas*.

A Figura 3 contempla as faixas de personalidade que, quando comparadas com as reações, apresentaram diferença significativa. Neste sentido, são comparados os comportamentos esperados para cada uma das faixas de reação à frustração e quais comportamentos são esperados nestas faixas, de acordo com a personalidade. A título de exemplo, na compreensão da comparação entre as reações extraceptivas e os CGF, a Figura 13 mostra que indivíduos com baixa reação à frustração (caracterizados como muito irritados com as pessoas ou muito hetero-agressivos, quando frustrados) são caracterizados como pessoas reativas, flexíveis (brincalhão), conservadoras, introvertidas e desafiadoras. Já pessoas que tendem a delegar tarefas, de uma forma normal, quando frustradas, são consideradas como sensíveis, equilibradas e negociadoras. Pessoas com alta resistência à frustração (pouco impulsivas, por exemplo) são consideradas resilientes, focadas, extrovertidas e adaptáveis.

A análise entre os CGF e as reações do tipo *Intrceptivas* mostrou que houve diferença significativa entre o fator de *Instabilidade Emocional* e a reação *In'* com  $\chi^2(4, N = 1.740) = 11,368, p < 0,001$ , como mostrado na Tabela D18 e a com a reação *in* com  $\chi^2(4, N = 1.740) = 101,806, p < 0,001$ , como mostrado na Tabela D19. Os fatores *Conscienciosidade*, *Extroversão* e *Agradabilidade* mostraram diferença significativa apenas com *in* mostrando  $\chi^2(4, N=1.725) = 76,892, p < 0,001$ ;  $\chi^2(4, N=1.725) = 62,649, p < 0,001$  e  $\chi^2(4, N=1.732) = 93,530, p < 0,001$ , respectivamente, conforme mostrado nas

Tabela D20, D21 e D22. O fator *Abertura* mostrou diferença com a reação *in* com  $\chi^2(4, N = 1.725) = 21,559, p < 0,001$  e *In/* com  $\chi^2(4, N = 1.725) = 11,424, p < 0,022$ , mostrados na Tabela D23 e D24, respectivamente. As diferenças entre os CGF e as reações Intraceptivas mostram a seguinte identificação entre os perfis de reação, conforme mostrado na Figura 14).

Faixas	<i>In'</i> Irritação consigo mesmo	<i>In</i> Intra-agressão	<i>in</i> Proativo	<i>In/</i> Histriônico
Baixa Resistência	Exacerbado <i>In'</i>	Exacerbado <i>In</i>	Pouco <i>in</i>	Exacerbado <i>In/</i>
	Reativo (IN > 60)	-	Reativo (IN > 60)	-
	-	-	Flexível (CS < 40)	-
	-	-	Conservador (AB < 40)	Conservador (AB < 40)
	-	-	Introvertido (EX < 40)	-
Resistência Normal	Normal <i>In'</i> , <i>in</i> , <i>In/</i>			
	Sensível (40 >= IN <=60)			
	Equilibrado (40 >= CS <=60)			
	Moderado (40 >= AB <=60)			
	Ambíguo (40 >= EX <=60)			
Alta Resistência	Pouco <i>In'</i>	Pouco <i>In</i>	Exacerbado <i>in</i>	Pouco <i>In/</i>
	Resiliente (IN < 40)	-	Resiliente (IN < 40)	-
	-	-	Focado (CS > 60)	-
	-	-	Aventureiro (AB > 60)	Aventureiro (AB > 60)
	-	-	Extrovertido (EX > 60)	-
			Adaptável (AG > 60)	-

Figura 14. Combinação entre as três faixas dos CGF e as reações do tipo *Intraceptivas*.

A título de exemplo, na compreensão da comparação entre as reações intraceptivas e os CGF, a Figura 14 mostra que a intra-agressão não apresenta relação, neste grupo de análise, com a personalidade. Os dados mostram que indivíduos com exacerbada irritação consigo mesmos (baixa resistência) tendem a ser tensos e ansiosos. Já indivíduos que são normalmente proativos, quando frustrados, são considerados sensíveis, equilibrados, moderados, ambíguos (conseguem se equilibrar) e negociadores. Na análise do perfil de alta resistência à frustração, encontram-se indivíduos que apresentam pouco comportamento histriônico, caracterizados como aventureiros.

Na análise entre os CGF e as reações do tipo *Aceptivas* houve diferença significativa entre o fator de *Instabilidade Emocional* e a reação *Na'* com  $\chi^2(4, N=1.740) = 13,781, p < 0,008$ , como mostrado na Tabela D25; com a reação *Na* com  $\chi^2(4, N=1.740) = 22,571, p < 0,001$ , como mostrado na Tabela D26 e a reação *na* com  $\chi^2(4, N=1.684) = 38,831, p < 0,001$  (Tabela D27). O fator *Conscienciosidade* teve diferença apenas entre a reação *na* com  $\chi^2(4, N=1.670) = 25,745, p < 0,001$  (Tabela D28). No fator *Extroversão*

houve diferença com *Na* com  $\chi^2 (4, N = 1.725) = 9,652, p < 0,047$  e *na* com  $\chi^2 (4, N = 1.672) = 17,496, p < 0,002$ , mostrados na Tabela D29 e D30, respectivamente. *Agradabilidade* apresentou diferença com *Na'* com  $\chi^2 (4, N = 1.732) = 11,438, p < 0,022$ ; *Na* com  $\chi^2 (4, N = 1.732) = 37,281, p < 0,001$  e *na* com  $\chi^2 (4, N = 1.676) = 42,351, p < 0,001$ , identificados nas Tabelas D31, D32 e D33. As diferenças entre os CGF e as reações Aceptivas mostram, conforme identificado na Figura 15, os perfis de reação.

Faixas	<i>Na'</i> Otimista	<i>Na</i> Complacente	<i>na</i> Conformista
Baixa Resistência	Exacerbado <i>Na'</i>	Exacerbado <i>Na</i>	Pouco <i>na</i>
	Reativo (IN > 60)	Reativo (IN > 60)	Reativo (IN > 60)
	-	-	Flexível (CS < 40)
	-	-	-
	Desafiador (AG < 40)	Introvertido (EX < 40) Desafiador (AG < 40)	Introvertido (EX < 40) Desafiador (AG < 40)
Resistência Normal	Normal <i>Na', na, Na/</i>		
	Sensível (40 >= IN <=60)		
	Equilibrado (40 >= CS <=60)		
	Ambíguo (40 >= EX <=60) Negociador (40 >= AG <=60)		
Alta Resistência	Pouco <i>Na'</i>	Pouco <i>Na</i>	Exacerbado <i>na</i>
	Resiliente (IN < 40)	Resiliente (IN < 40)	Resiliente (IN < 40)
	-	-	Focado (CS > 60)
	-	-	-
	Adaptável (AG > 60)	Extrovertido (EX > 60) Adaptável (AG > 60)	Extrovertido (EX > 60) Adaptável (AG > 60)

Figura 15. Combinação entre as três faixas dos CGF as reações do tipo *Aceptivas*.

As reações aceptivas mostram que indivíduos exageradamente otimistas mostram-se reativos e desafiadores, identificando um perfil de baixa reação à frustração. Indivíduos que tendem a reagir de forma positiva, quando frustrados, com alta resistência e exacerbado conformismo, apresentam características de resiliência, extroversão, adaptação e organização.

Na análise das faixas percentílicas das reações à frustração, observou-se que a reação *Ex*, que denota agressividade, apresentou apenas duas faixas. Ou seja, a amostra não apresentou altos escores de agressividade durante a execução do teste. Estes dados parecem contradizer estudos na área (por exemplo, Henly & Williams, 1986) que mostram que homens tendem a apresentar comportamentos mais agressivos, quando frustrados, dado que a amostra estudada é predominantemente masculina da área de segurança pública.

Não houve confirmação entre os fatores de *Abertura* e as reações de *ex, Ex', In', In, Na', Na, na*; o fator de *Instabilidade Emocional* e as reações de *In, In/*; o fator de



*Conscienciosidade* e as reações de *In', In, In/,Na', Na*; o fator de *Extroversão* e as reações *ex, In', In, In/, Na'* e o fator de *Agradabilidade* e as reações de *In', In, In/*.

Os dados apresentados mostram que há uma concordância substancial entre os perfis de reação à frustração e os fatores de personalidade, o que corrobora a validade do instrumento e da proposta do perfil apresentado.

#### 4.4. Utilidade Prática do Perfil

Assim, ao avaliar a reação à frustração, devem ser levadas em conta duas análises:

- (1) análise do escore do indivíduo nas onze reações, a partir do grupo de normalidade;
- (2) análise do tipo predominante de reação, de acordo com a análise interpretativa proposta na Tabela 5;
- (3) Análise das reações que fogem à normalidade;
- (4) Adequação às reações predominantes do indivíduo analisado, com base em um perfil esperado, dependendo da demanda.

A título de exemplo, no uso do perfil de reação na área de seleção de pessoal, pode-se pensar no que é esperado de um gerente de uma loja de departamento. A partir da análise das tarefas deste cargo, sabe-se o que é esperado de um candidato, ou seja, o perfil exigido para que ele realize as tarefas da melhor forma possível. E tendo como uma das demandas a análise da resistência à frustração, é esperado que se tenha a resposta de como esse candidato reagem, diante de situações de frustração. Em determinadas tarefas é esperado que este profissional busque ele mesmo solucionar problemas (proativo), embora, em outras tarefas, é necessário que ele saiba delegar ou exigir que outras pessoas resolvam a situação (delegante). Ao avaliar este indivíduo, espera-se que ele apresente pelo menos estes dois potenciais de reação. Mas apesar deste exemplo definir o que se é esperado quanto ao perfil, espera-se que seja definido também o que é ou não adequado em termos de reação. No caso explicitado, apresentar estas tendências seriam reações adequadas ao problema. Ao contrário, apresentar reações de auto-agressão ou culpa pelos problemas e não conseguir resolvê-los seria considerado uma reação inadequada deste indivíduo para o cargo pleiteado. Neste exemplo a identificação de uma reação adequada ou não ao problema fica evidenciada, pois a avaliação é feita a partir de uma tarefa a ser executada, ou seja, um gerente.

## CAPÍTULO V - DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

O objetivo geral deste trabalho foi construir os instrumentos objetivo e projetivo para a medida da reação à frustração, além da validação da medida objetiva e proposta de um perfil de reação à frustração. Assim foram definidos os objetivos específicos de: (1) Fazer uma análise teórica do construto frustração; (2) Propor uma definição teórica para o construto de reação à frustração; (3) Definir a tipologia das reações de frustração para categorização dos instrumentos; (4) Construir os instrumentos de medida da frustração; (5) Validar o instrumento objetivo de medida da frustração; (6) Avaliar o valor preditivo da personalidade, com base nas reações a frustração e (7) Propor um perfil de reação à frustração. A seguir serão discutidos os resultados obtidos a partir desta proposta.

O presente trabalho assume a definição de frustração como um estado emocional negativo que gera reações em busca da solução do problema, considerando que a visão da frustração enquanto o próprio obstáculo ou evento aversivo não compreende o construto em sua totalidade e nem mesmo na sua essência. Apesar dessa definição contrariar, em parte, algumas importantes teorias no estudo da frustração (Berkowitz, 1962; 1989; 1990), há uma compreensão, no presente trabalho, de que, embora sendo um sentimento, ela permite sua mensuração por meio das reações comportamentais que causa.

A análise teórica mostrou ademais que, apesar dos avanços teóricos verificados desde a teoria Clássica da frustração e agressão até as mais recentes, parte das teorias e estudos (por exemplo, Harrington, 2005; Ferreira & Capitão, 2006) ainda mantém a relação entre as medidas de frustração e agressão. A proposta desta tese foi a de compreender a frustração, não apenas como um fenômeno vinculado à agressão, mas como um sentimento que traz reações que estão vinculadas tanto à busca de soluções, dado a necessidade de sobrevivência do indivíduo, quanto a aspectos relacionados à sua individualidade, como sua personalidade. Embora tenha se encontrado uma relação fraca entre as reações à frustração e a personalidade, há aqui certamente uma proposta teórica que merece ser mais bem explorada.

A análise da Teoria Geral da Frustração (TGF) proposta por Rosenzweig (1938a) permite afirmar que, apesar de a tentativa deste autor em abarcar estudos experimentais a partir dos conceitos da psicanálise, a preocupação da visão psicobiológica já mostrava um avanço na compreensão do fenômeno frustração. Mas ao buscar nos estudos experimentais a análise dos conceitos da psicanálise, quando vinculou aos estudos à Teoria Clássica, Rosenzweig acarretou uma visão limitada de que a frustração estaria necessariamente

vinculada a respostas agressivas. Uma análise dessa teoria, contudo, permite afirmar que a proposta teórica da TGF atende a compreensão da frustração, exceto quando a vincula, *necessariamente*, à agressão. As contribuições da visão interna e externa do objeto frustrante e da proposta da resistência à frustração são certamente as maiores contribuições dessa teoria.

Uma re-leitura da TGF, diante da teoria Evolucionista, permite afirmar que faltava a Rosenzweig acrescentar a necessidade de o indivíduo reagir a fim de solucionar problemas em busca da sobrevivência e não apenas em busca da redução daquilo que a psicanálise intitulou sofrimento psíquico (Rosenzweig, 1938b). Certamente, o indivíduo que passa por uma situação frustrante e, em virtude dela, se frustra, necessariamente tende a reagir, nem que esta reação seja refletida em uma atitude de evitar o problema, na fuga do mesmo ou de alguma ação em busca de sua solução, reação esta determinada pelo tipo de interpretação que o indivíduo faz da situação.

A proposta da TGF em analisar as reações à frustração em 9 categorias foi remodelada para uma análise de 11 categorias, as quais se mostraram pertinentes e apropriadas para a compreensão da frustração, conforme dados analisados no presente trabalho. Mas cabe ainda investigar melhor quais fatores, além da personalidade, podem influenciar as reações à frustração, fatores tais como o ambiente e a cultura.

De fato, apesar do perfil de reação proposto neste trabalho ter sido baseado nas mesmas reações de Rosenzweig (1945), as descrições ou compreensões das categorias foram reescritas e novamente analisadas para desvinculá-las de sua relação exclusiva com a agressão. E, a partir dos estudos de validade, pode-se afirmar que de fato elas auxiliam na investigação do fenômeno da frustração. Não é esperado que as reações propostas dêem conta de todo o fenômeno, mas sim, que seja um norte para a medida da frustração, para além de sua vinculação com a agressão.

Quanto à proposta de medida da frustração, pode-se afirmar que os objetivos de construção do instrumento foram atingidos e atendem à agenda de pesquisa proposta por Moura (2004), bem como as propostas de Bjerstedt (1965) em se trabalhar diferentes formas de administração e correção do PFT e o estudo de Sanford e Rosenstock (1955), na descrição, por forma de desenhos, de outras situações de frustração.

A partir dos instrumentos projetivos identificados na tese, que também se propõem a avaliação da frustração, pode-se constatar que a medida proposta por esses instrumentos, bem como as utilizadas no mercado atualmente, devem ser reavaliadas. É temerário afirmar a priori que tais medidas não investigam frustração; contudo já se sabe que muitos

destes instrumentos avaliam, de fato, a tensão energética do indivíduo e são mais voltados para o que os manuais descrevem como resistência à fadiga. Sendo assim, espera-se que novas pesquisas sejam realizadas com esses instrumentos como forma de comprovar a existência de validade na medida deste construto.

A construção de uma nova medida projetiva, pictórica em seus estímulos, suscita discussões sobre o uso de medidas que, apesar de validadas no Brasil, apresentam, muitas vezes, estímulos que não são adequados à população brasileira. Ao longo dos anos, como anteriormente analisado, instrumentos de medida, principalmente os projetivos, foram comercializados no Brasil sem dados de validade (como o exemplo do PFT). Apesar da listagem do CFP ter adequado tal situação, exigindo dos pesquisadores um maior número de estudos com a amostra brasileira, bem como comprovações científicas da validade destas medidas, cabe ainda questionar se não seria adequada, mesmo como proposta futura, uma nova configuração de alguns estímulos para essa amostra. O Teste de Apercepção Temática (TAT), por exemplo, traz desenhos que consideram uma realidade que não necessariamente poderia ser encontrada no Brasil. Neste sentido, a proposta do TRFP pode ser considerada um ponto de partida para mostrar que esta construção de novas possibilidades de medida, mesmo que projetivas, são possíveis no Brasil. Cabe, todavia, buscar os estudos de validade deste formato do teste.

Quanto à construção do teste objetivo, pode-se considerar que o TRFO é um instrumento que vem atender grande parte da demanda de avaliação desta medida, principalmente no uso em processos seletivos e outras aplicações coletivas (Moura, 2007a; 2007b; Moura & Pasquali, 2004). A medida objetiva, neste sentido, surge como um diferencial em comparação com a proposta projetiva, pois permite otimizar o tempo de correção com o uso do crivo, bem como assegurar uma maior objetividade e definir maior clareza nos processos seletivos, por exemplo. A partir da reformulação da proposta de categorização das respostas do teste PFT (Rosenzweig, 1945; 1976) e adequação dos desenhos e de sua estrutura, pode-se afirmar que o TRFO pode ser considerado uma nova possibilidade de medida da frustração, pois mesmo tendo como base o teste PFT (Rosenzweig, 1945), considera-se que o mesmo se refere a uma proposta inovadora, com nova roupagem teórica, estrutural e avaliativa.

A proposta de comparação entre as reações de frustração e as facetas propostas por Costa e McCrae (1995) cumpre a proposta feita por Moura (2004), como forma de avaliar a relação entre as reações à frustração e a personalidade. Apesar dos índices terem se mostrado baixos, praticamente todas as hipóteses foram confirmadas. Atenta-se para o fato

de que baixos índices das medidas também são encontradas na literatura em estudos entre as reações e algumas características de personalidade (por exemplo, Moura, 2004). Rosenzweig e cols. (1975) consideraram que os baixos índices encontrados na medida da frustração poderiam estar vinculados à grande variância dos itens ou das reações apresentadas. Outra explicação para os baixos índices encontrados nos estudos pode estar relacionada ao fato das variáveis serem categóricas nas medidas das reações.

Outro ponto que merece ser avaliado é que a proposta de reações à frustração, conforme apresentado nesta tese, se diferencia da proposta Rosenzweig, especialmente no que diz respeito à avaliação da frustração para cada uma das situações. Esta tese propõe que em todo o instrumento o indivíduo irá apresentar uma ou mais tendências de respostas que serão compreendidas como potenciais de reação à frustração e não somente vinculado a situações específicas. Assim, a análise do perfil de reação à frustração mostra que, de fato, há um certo padrão de reação que pode ser esperado no instrumento para cada uma das reações, e não um escore geral de frustração, corroborando com o que Rosenzweig (1945) denominou de análises das respostas mais típicas dos sujeitos em cada uma das situações, intitulado de Índice de Conformidade ao Grupo (GCR). O autor identificou no índice GCR a concordância das respostas dos sujeitos que se apresentam conforme a média da população (respostas típicas), considerando uma frequência mínima de 40% de concordância em cada situação do teste. Já neste trabalho, foi proposto um escore para cada uma das reações, tomando-se como base todas as 31 situações do instrumento, como forma de definir um perfil de reações a frustração. Espera-se que na compreensão deste perfil o avaliador descubra qual a reação de maior escore, identificando o maior potencial de reação do avaliado. As demais reações, com escores mais baixos devem ser entendidas como potenciais reações que podem ser apresentadas em qualquer momento da vida do indivíduo.

Para futuros estudos, sugere-se que seja avaliada cada uma das 31 situações do instrumento, como forma de verificar se as reações propostas nos instrumentos corroboram os achados na literatura (por exemplo, de acordo com a hierarquia da pessoa envolvida na situação), como mostra o estudo de Shechtman e Horowitz (2006).

A proposta de se avaliar a frustração por meio das reações identifica, para a prática da avaliação psicológica, que apresentar alta ou baixa resistência à frustração (terminologias estas amplamente utilizadas principalmente na área de seleção de pessoal) não se resume a uma única possibilidade de ação do indivíduo. A partir das onze possibilidades de reação, deve-se avaliar o que é esperado do indivíduo como a maior tendência (o maior escore) dentre as reações. Contudo, sugere-se aliar esse dado às

características de personalidade que são relacionadas a cada uma das reações, como forma de definir o que será exigido de um candidato, por exemplo.

De fato, a comparação entre as reações e a personalidade responde a alguns dos questionamentos levantados por Moura (2004), na afirmação de que o indivíduo não reage a situações frustrantes da mesma forma em toda situação que passa e que as situações não são idênticas para o mesmo sujeito. A partir dos dados levantados nesta tese observa-se que as características de personalidade compõem uma variável que pode influenciar esta leitura do indivíduo. Há, contudo, a necessidade de se avaliar as situações que são propostas nos instrumentos, como forma de verificar se esta reação possui um padrão a partir das diferentes situações a que o indivíduo se depara. Nesse sentido, futuros estudos podem identificar se além da personalidade, variável identificada no sujeito, se também não haja fatores externos ou ambientais que possam exercer influência na maneira como o indivíduo reage à situação frustrante.

Além da medida das reações e da atitude do sujeito frustrado, futuros estudos também podem analisar outros fatores que caracterizam a situação de frustração, tais como normas sociais (Cohen, 1955) que, muitas vezes, limitam qualquer tipo de reação do indivíduo, mesmo que pública, já que não se espera que ele apresente reações que não são socialmente adequadas e, ainda, que ele apresente sempre um mesmo tipo de comportamento frente a uma situação frustrante em todas as situações da vida.

A análise do perfil de personalidade em confronto com o perfil de reação permitiu a classificação dos sujeitos em três categorias significativamente distintas. Sugere-se que futuros estudos verifiquem se essa classificação corrobora os estudos de Henly e Williams (1986), que compararam os tipos de personalidade A (sujeitos impacientes, agressivos, inseguros e hostis) e B (pacientes, tranquilos e relaxados) de 181 adultos em relação a possíveis reações à frustração. Os autores observaram que os dois tipos se diferenciavam significativamente em comportamentos de assertividade, agressividade e resolução ou não de problemas.

A análise da relação entre as reações à frustração e as facetas de personalidade mostrou que o maior número de correlações bivaridas significativas está nas facetas do fator de *Instabilidade Emocional*, conforme esperado, dado que este fator descreve características que são mais próximas aos estudos propostos na literatura que defendem a frustração como um afeto negativo. Esse fato é corroborado na análise de preditividade da regressão múltipla, da personalidade com as reações, dado que houve maior preditividade das facetas com o pólo oposto do fator *Agradabilidade*, que caracteriza pessoas que são

egocêntricas, céticas sobre o propósito das outras pessoas e também competitivas (Costa & McCrae, 2008; Vasconcelos, 2005). Ademais, esse dado vai de encontro com a visão da teoria evolucionista, quanto à busca pela solução de problemas, no que diz respeito ao seu processo de sobrevivência. Esse processo certamente é tido na teoria como uma função de disputa e competição entre os seres humanos.

Quanto aos dados encontrados na análise entre os CGF e as reações, ressalta-se o fato de não se ter encontrado relação entre o fator *Instabilidade Emocional* e a reação *In*, dado este que pode estar vinculado com o fato de a amostra ser predominantemente masculina. Nesse sentido, sugere-se que em futuros estudos sejam testados a diferença das reações entre homens e mulheres, conforme estudo de Henly e Williams (1986). Para isso, a amostra de mulheres deve ser aumentada.

Em suma, os resultados obtidos nesta pesquisa permitem a conclusão pela validade do teste TRFO e da adequação da análise proposta para as reações de frustração, propiciando uma melhor investigação do fenômeno da frustração, bem como ofertando uma opção de avaliação deste construto.

A partir da adequação da amostra e de novos estudos que comprovem a validade do TRFO, espera-se que ele possa ser utilizado principalmente em processos seletivos no Brasil. Para isso, o instrumento deve ser submetido à análise do Conselho Federal de Psicologia, em atendimento à Resolução 02 de 2003.

O perfil proposto tem uma utilidade prática para os processos seletivos no Brasil. Conforme anteriormente discutido, os processos seletivos demandam a avaliação da baixa ou alta resistência à frustração, dados esses solicitados em diversas análises profissiográficas e descrições de cargos, principalmente, na área de segurança pública. Cabe ressaltar, que o termo utilizado nesta tese é ter uma adequada ou não adequada reação à frustração, dado que o termo resistência já traz, na língua portuguesa, um caráter eminentemente negativo. Assim, pode-se identificar um candidato com adequada reação à frustração após avaliar as tarefas e o que é esperado dele para que possa desempenhar bem o cargo. Feito isso, pode-se aliar os dados do perfil de personalidade, a partir das faixas propostas, para identificar o que se espera enquanto reação à frustração.

### 5.1 Limitações da Pesquisa

A primeira limitação identificada no presente estudo foi não terem sido apresentados os dados de validade do teste projetivo. Neste sentido, como forma de

registrar as possibilidades de pesquisas para este objetivo, optou-se considerá-las como agenda de pesquisa do presente estudo.

A amostra predominantemente masculina pode ser apontada como outra limitação para as afirmações deste estudo, embora caiba alertar que os dados não se distanciam dos achados na literatura. Tal limitação pode ser explicada pela forma com que os dados foram coletados, ou seja, por meio de Convênios entre Instituições de Segurança Pública, em sua maioria, e aplicações realizadas em Faculdades da cidade de Brasília. Como forma de diversificar essa amostra, considera-se a proposta de buscar um maior número de mulheres, não apenas em ambiente apenas universitário, dado o caráter da medida.

## 5.2 Agenda de Pesquisa

De forma a ampliar os horizontes de pesquisa nesta área, há vários estudos e análises que ainda devem ser realizadas, dentre elas, sugere-se:

- Validar o Teste Brasileiro Projetivo de Resistência à Frustração (TRFP), podendo ser testadas algumas das seguintes sugestões de estudos:
  - a) Análise de concordância entre os testes TRFP e TRFO;
  - b) Validade de critério por meio de aplicações do teste TRFP com amostras de frustração, ou seja, pessoas que estejam passando por situações que possam ser consideradas frustrantes, em comparação com dados de uma amostra de “normalidade”;
  - c) Estudos experimentais.
- Avaliar as faixas de reação à frustração com base nas facetas dos Cinco Grandes Fatores;
- Avaliar as medidas de frustração com outras variáveis (por exemplo, estresse, *coping*, *burnout*), para uma maior compreensão deste fenômeno, bem como para subsidiar as práticas na área de avaliação psicológica;
- Traçar um estudo com a amostra de policiais para definir um padrão de reação à frustração, no intuito de subsidiar avaliações psicológicas em Concursos Públicos que fazem uso da medida de frustração;
- Propor um modelo teórico que investigue o fenômeno da frustração, por meio da análise de Equação Estrutural, tendo como base subsídios teóricos levantados na presente tese.
- Traduzir e validar o instrumento de Harrington (2005; 2006) intitulado de *Frustration Discomfort Scale* (FDS), baseado na linha Comportamental Cognitiva, como forma de contribuir com a área clínica por meio de estudos sobre depressão, ansiedade e demais



sintomas vinculados à população clínica e comparar os dados desta escala com as reações à frustração.

Cabe ressaltar que muitas das propostas apresentadas na agenda de pesquisa podem ser cumpridas fazendo uso dos dados coletados neste estudo e que serão realizados com a proposta de ampliar a compreensão dos resultados apresentados, bem como um melhor entendimento deste construto. Neste sentido, considera-se que uma nova área de pesquisa foi proposta para os estudos na área de psicologia.

**CAPÍTULO VI - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- Alchieri, J. C. (2006). *Considerações sobre os critérios do uso de testes projetivos em Psicologia Organizacional/Seleção de Pessoal*. Trabalho apresentado no IV Congresso Nacional da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos – ASBRo, Brasília, DF.
- Alchieri, J. C., Aquino, J. H., Martins, R. R., Oliveira, Z. C. T., Gonçalves, D. M. (2006). *Estudo de validade simultânea do Zulliger, inventário de estilos de personalidade de Millon, inventário de estilos de aprendizagem e inventário de estilos de pensar e criar em avaliação psicológica em processos seletivos*. Trabalho apresentado no IV Congresso Nacional da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos - ASBRo, Brasília, DF.
- Alchieri, J. C. & Bandeira, D. R. (2002). Ensino da avaliação psicológica no Brasil. Em R. Primi (Org.). *Técnicas em Avaliação Psicológica*. (pp. 7-16). Campinas: IBAP.
- Alchieri, J. C. & Cruz, R. M. (2003). *Avaliação psicológica: conceito, métodos e instrumentos*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Alves, I. C. B. & Esteves, C. (2004). *O teste palográfico na avaliação da personalidade*. São Paulo: Vetor.
- Amsel, A. (1992). Frustration theory: Many years later. *Psychological Bulletin*, 112 (3), 396-399.
- Anastasi, A. & Urbina, S. (2000). *Testagem Psicológica*. Porto Alegre: ArtMed.
- Anderson, C. A. (2000). Violence and aggression. Em A. E. Kazdin (Ed.). *Encyclopedia of psychology*, 8 (pp.162-169). New York & Washington D. C.: Oxford University and APA.
- Anderson, C. A. & Bushman, B. J. (2002). Human aggression. *Annual\_ReviewPsychology*, 53, 27-51.
- Angel, L. M., Hernández, J. M., Leal, O. G. & Santacreu, J. (2000). Un test informatizado para la evaluación de la tolerancia a la frustración. *Anales de Psicología*, 16(2), 143-155.
- Anzieu, D. (1979). *Os métodos projetivos* (2ª. Ed). Tradução de Maria Lúcia do Eirado Silva. Rio de Janeiro: Campus.
- Ballone, G.J. (2006). *Depressão e Frustração*. Consultado em 27 de novembro de 2007 via (PsiqWeb) [www.psiqweb.med.br](http://www.psiqweb.med.br)

- Bandura, A. (1973). *Aggression: a social learning analysis*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall.
- Bardagi, M. & Sparta, M. (2003). O teste projetivo Omega como instrumento diagnóstico em orientação profissional. *Aval. psicol.*, 2(1), 79-80.
- Baron, R. A. & Richardson, D. R. (1994). *Human aggression*. New York: Plenum Press.
- Barrick, M. R. & Mount, M. K. (1991). The Big Five personality dimensions and job performance: a meta analysis. *Personnel Psychology*, 44, 1-26.
- Beghi, E., Spagnoli, P., Airoidi, L., Fiordelli, E., Appollonio, I., Bogliun, G., Zardi, A., Paleari, F., Gamba, P., Frattola, L. & Da Prada, L. (2002). Emotional and affective disturbances in patients with epilepsy. *Epilepsy & Behavior*, 3(3), 255-261.
- Bell, J.E. (1948). *Projective Techniques: a dynamic approach to the study of the personality*. New York: Logmans, Green and Co.
- Berezkei, T. (2000). Evolutionary psychology: a new perspective in the behavioral sciences. *European Psychologist*, 5(3), 175-190.
- Berkowitz, L. (1962). The frustration-aggression hypothesis. *Aggression: A social psychological analysis*. New York: MacGraw-Hill.
- Berkowitz, L. (1981). On the difference between internal and external reactions to legitimate and illegitimate frustrations: A demonstration. *Aggressive Behaviour*, 7, 83-96.
- Berkowitz, L. (1989). The frustration-aggression hypothesis: Examination and reformulation. *Psychological Bulletin*, 106, 59-73.
- Berkowitz, L. (1990). On the formation and regulation of anger and aggression: A cognitive-neoassociationistic analysis. *American Psychologist*, 45, 494-503.
- Berkowitz, L. (1993). Pain and aggression: Some findings and implications. *Motivation and Emotion*, 17, 277-293.
- Berkowitz, L. (1998). Affective aggression: The role of stress, pain and negative affect. Em R. G. Geen & E. Donnerstein (Eds.), *Human aggression: Theories, research, and implications for social policy* (pp. 49-72). San Diego, CA: Academic Press.
- Berkowitz, L. (2001). On the formation and regulation of anger and aggression: A cognitive-neoassociationistic analysis. Em W. G. Parrot (Ed.), *Emotions in social psychology: Essential readings* (pp. 325-335). New York: MacGraw-Hill.
- Berkowitz, L. & Harmon-Jones, E. (2004). Toward an understanding of the determinants of anger. *American Psychological Association*, 4(2), 107-130.

- Berkowitz, L., Jaffee, S., Jo, E. & Troccoli, B.T. (2000). On the correction of feeling-induced judgmental biases in feeling and thinking. In J. Forgas (Ed.). *Feeling and thinking – the role affect in social cognition* (pp. 131-152). Cambridge University: New York.
- Berkowitz, L. & Tróccoli, B.T. (1990). Feelings, direction of attention and expressed evaluations of others. *Cognition and Emotion*, 4(4), 305-325.
- Bettencourt, B.A., Talley, A., Benjamin, A.J. & Valentine, J. (2006). Personality and aggressive behavior under provoking and neutral conditions: a meta-analytic review. *Psychological Bulletin*, 132(5), 751-777.
- Biaggio, A. M. B (1999). Ansiedade, raiva e depressão na concepção de C. D. Spielberger. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 25(6). Consultado em 03 de maio de 2006 via [www.hcnet.usp.br/ipq/revista/](http://www.hcnet.usp.br/ipq/revista/)
- Biaggio, A. M. B (2003). *Manual do inventário de expressão de raiva como estado e traço - STAXI*. Traduzido e adaptado: Spielberger, C. D. (1927). São Paulo: Vetor.
- Bjorstedt, A. (1965). Rosenzweig Picture-Frustration Sstudy. In O. K. Buros (Ed.), *The sixth mental measurements yearbook* (pp. 511-515). Highland Park, NJ: The Gryphn Press.
- Bornstein, R. F. (1999). Criterion validity of objective and projective dependency tests: a meta-analytic assessment of behavioral prediction. *Psychological Assessment*, 11(1), 48-57.
- Buck, J. N. (2003). *H - T - P: Casa - Arvore – Pessoa, técnica projetiva de desenho HTP: Manual e guia de interpretação* (R. C. Tardivo, trad.). São Paulo: Vetor. (Trabalho original publicado em 1964).
- Bunchaft, G. & Vasconcellos, V. L. P. (2001) Padronização do Teste Desiderativo no contexto da Análise Transacional: resultados preliminares. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 17(1), 19-25.
- Bunchaft, G. & Vasconcellos, V. L. P. (2007). *Os testes projetivos em uma perspectiva não-psicanalítica*. Consultado em 27 de novembro de 2007 via (Psicometria.com.br) <http://www.psicometria.psc.br/artigo4.htm>
- Buss, D. M. (1984). Evolutionary biology and personality psychology: toward a conception of human nature and individual differences. *American Psychologist*, 39, 1135-1147.

- Candiani, D. M. A., Souza, A. M. R., Camilo, D. & Candiani, T. M. (2003). Estudo da validade de um método projetivo: Teste de Zulliger por meio de parâmetros psicométricos. *Psic.*, 4(2), 36-43.
- Cassidy, A. (2006). Evolutionary psychology as public science and boundary work. *Public understanding of science*, 15, 175-205.
- Castro, P.F. (2001). O ensino do Rorschach em uma amostra brasileira. *Psicol. cienc. prof.*, 21(1), 46-53.
- Catell, R. B. & Eber, H. W. (1954). *Manual de psicologia aplicada 16 PF: Formas A e B (adultos)* (E. M. Andrade & D. G. Alves, tradução e adaptação brasileira), Rio de Janeiro: Cepa. (Original publicado em 1955).
- Cebulak, W. (2001). Fairness, job frustration, and moral dilemmas in policing that impact police effectiveness. *Journal of Police and criminal Psychology*, 16, 48.
- Clarke, H. J., Rosenzweig, S. & Fleming, E. E. (1947). The reliability of the scoring of the Rosenzweig Picture-Frustration Study. *Journal of Clinical Psychology*, 3(4), 364-370.
- Coché, E. & Meehan, J. (1979). Factor and cluster analyses with the Rosenzweig Picture Frustration Study. *Journal of Personality Assessment*, 43, 39 - 44.
- Cohen, A. R. (1955). Social norms, arbitrariness of frustration, and status of the agent of frustration in the frustration-aggression hypothesis. *Journal of Abnormal and Psychology*, 51, 222-226.
- Conde, L. M. R. (2004). *Liderança e identidade potente: uma perspectiva para gerência compartilhada*. Tese de doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina.
- Conselho Federal de Psicologia (2003). *Resolução nº 002*. Define e regulamenta o uso, a elaboração e a comercialização de testes psicológicos e revoga a Resolução CFP nº 025/2001.
- Costa, P. T., Jr. & McCrae, R. R. (1992). Four ways five factors are basic. *Personality and Individual Differences*, 12, 653-665.
- Costa, P. T., Jr. & McCrae, R. R. (1995). Domains and facets: hierarchical personality assessment using the revised NEO Personality Inventory. *Journal of Personality Assessment*, 64, 21-65.
- Davis, L. M. (1958). A reinterpretation of the Barker, Dembo, and Lewin study of frustration and regression. *Child Development*, 29(4), 503-506.
- Digman, J.M. (1990). Personality structure: emergence of the five-factor model. *Annual Review of Psychology*, 41, 417-440.

- Dill, J.C. & Anderson, C. A. (1995). Effects of frustration justification on hostile aggression. *Aggressive Behaviour*, 21, 359-369.
- Dor-Shav, N. K. & Mikulincer, M. (1990). Learned helplessness, causal attribution, and response to frustration. *The Journal of General Psychology*, 11(1), 47-58.
- Dyer, S.J., Abrahams, N., Mokoena, N.E., Lombard, C.J. & Van Der Spuy, Z.M. (2005). Psychological distress among women suffering from couple infertility in South Africa: a quantitative assessment. *Hum Reprod*, 20(7), 1938-1943.
- Ferreira, A. B. H. (1997). Aurélio Buarque de Holanda Eletrônico (Versão 2.0) [Programa de Computador]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Ferreira, E. O. & Capitão, C. G. (2006). Agressividade e raiva: perfil de presidiários. *Psicologia Ciência e Profissão*, 26(3), 462-477.
- Fischer, P., Kubitzki, J., Frey, S. G.D. (2007). Virtual Driving and Risk Taking: Do Racing Games Increase Risk-Taking Cognitions, Affect, and Behaviors? *Journal of Experimental Psychology*, 13(1), 22-31.
- Fleming, G. (2003). *Dor sem nome: pensar e sofrimento*. Porto: Edições Afrontamento.
- Flinn, M.V. (1997). Culture and the evolution of social learning. *Evolution and Human Behavior*, 18, 23-67.
- Formiga, N. S. & Mello, I. (2000). Testes psicológicos e técnicas projetivas: uma integração para um desenvolvimento da interação interpretativa indivíduo-psicólogo. *Psicol. cienc. prof.*, 20(2), 12-19.
- Fox, S. & Spector, P. E. (1999). A model of work frustration-aggression. *Journal of Organization Behavior*, 20(6), 915-931.
- Freitas, L. C. O. (2004). *Avaliação psicológica em Concurso Público: relações com desempenho em treinamento com bombeiros*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília.
- Freitas, L. C. O. (2008). *O Valor Preditivo da Avaliação Psicológica em Seleção de Pessoal*. Exame de Qualificação de Doutorado. Universidade de Brasília.
- Freitas, L. C. O. & Moura, C. F. (2004). *Técnicas Projetivas*. Manuscrito não-publicado. Brasília: Laboratório de Pesquisa em Avaliação e Medida.
- Freitas, L. C. O, Moura, C. F. Caetano, P. C., Ferreira, V. F. & Pasquali, L. (2006). *Profissiografia dos Oficiais Subalternos do Quadro de Oficiais Combatentes do Corpo de Bombeiro Militar do Distrito Federal*. Documento Interno do CBMDF. LabPAM:Brasília.

- Freitas, M. H. (2005). As origens do método de Rorschach e seus fundamentos. *Psicol. cienc. prof.*, 25(1), 100-117.
- Freud, S. (1920). Além do princípio do prazer. *Obras Completas, XVIII*. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1927). O futuro de uma ilusão. *Obras Completas, XXI*. Rio de Janeiro: Imago.
- Fry, F. D. (1949). A study of reactions to frustration in 236 college students and in 207 inmates of state prisons. *Journal of Psychology*, 28, 427-438.
- Fukuda, C. C. (1997). *Agressividade e assertividade em adolescentes*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília.
- Garcia, L. F. (2006). Teorias Psicométricas da Personalidade. Em C. Flores-Mendoza, R. Colom & colaboradores (Org.). *Introdução à psicologia das diferenças individuais* (pp. 219-242). Porto Alegre: Artmed.
- Graybill, D. (1990). Developmental changes in the responses types versus aggression categories on the Rosezweig Picture-Frustration Study, children's form. *Journal of Personality Assessment*, 55(3/4), 603-609.
- Graybill, D., & Heuvelman, L. R. (1993). Validity of children's picture-frustration study: a social cognitive perspective. *Journal of Personality Assessment*, 60, 379-389.
- Godoy, S. L. & Noronha, A. P. (2005). Instrumentos psicológicos utilizados em seleção de pessoal. *Rev. Dep. Psicol. UFF*, 17(1), 139-159.
- Gomes, I. C. (2000). A formação em psicodiagnóstico e os testes psicológicos. *Psicologia: Teoria e Prática*, 2(2), 60-69.
- Gomide, P. I. C. (2000). A influência de filmes violentos em comportamento agressivo de crianças e adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13(1), 81-95.
- Gonçalves, C. M. T. S. (2001). O psicodiagnóstico e as técnicas projetivas. Em Conselho Regional de Psicologia 13ª Região. *A diversidade da avaliação psicológica: considerações teóricas e práticas*. João Pessoa: Idéia Editora.
- Gouveia, V. V. & Prieto, J. M. (2004). A estrutura do 16PF-5, versão espanhola: uma análise fatorial dos itens. *Estud. Psicol. (Natal)*, 9(2), 217-225.
- Grassano, E. (1996). *Indicadores psicopatológicos nas técnicas projetivas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Güntert, A. E. V. A. (2000). Técnicas projetivas: O geral e o singular em avaliação psicológica. Em F. F. Sisto, E. T. B. Sbardelini & R. Primi. *Contextos e questões da avaliação psicológica* (pp. 77-84). São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Hair, J. F., Anderson, R. E., Tatham, R. L., & Black, W. C. (2005). *Análise multivariada de dados*. Porto Alegre: Bookman.
- Harlos, K. P. (2001). When organizational voice systems fail. More on the deaf-ear syndrome and frustration effects. *Journal of Applied Behavioral Science*, 37, 324-342.
- Harrington, N. (2005). It's too difficult! Frustration intolerance beliefs and procrastination. *Personality and Individual Differences*, 39, 873-883.
- Harrington, N. (2006). Frustration intolerance beliefs: Their relationship with depression, anxiety, and anger, in a clinical population. *Cogn Ther Res*, 30, 699-709.
- Harry J. J. (1999). Evolution and psychology. *American Psychologist*, 54(6), 437-438.
- Haseeth, K. J. (1996). The norwegian adaptation of the Staite-Trait Anger Expression. Em C. D. Spielberger & I. G. Sarason (Eds.), *Stress and Emotion: anxiety, anger and curiosity: Vol. 16*. Washington, D. C.: Taylor & Francis. Consultado em 20 de janeiro de 2007 via [http://books.google.com.br/books?id=zUI\\_8zb9WoQC&printsec=copyright&dq=STAXI,+Rosenzweig#PPP1,M1](http://books.google.com.br/books?id=zUI_8zb9WoQC&printsec=copyright&dq=STAXI,+Rosenzweig#PPP1,M1)
- Henly, A. C. & Williams, R. L. (1986). Type A and B subjects' self-reported cognitive/affective/behavioral responses to descriptions of potentially frustrating situations. *J Human Stress*, 12(4), 168-174.
- Henna, E., Zilberman, M. L., Gentil, V. & Gorenstein, C. (2008). Validity of a frustration-induction procedure. *Rev. Bras. Psiquiatr.*, 30(1), 47-49.
- Hoffmman, M. H. & Legal, E. J. (2003). *Comportamento agressivo e acidentes no trânsito em comportamento humano no trânsito*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Holzberg, J. D. & Hahn, F. (1952). The picture-frustration technique as a measure of hostility and guilt reaction in adolescent psychopaths. *American Journal Orthopsychiatry*, 22, 776-795.
- Howard, P. J. & Howard, J. M. (1995). *The Big Five Quickstart: An introduction to the Five-Factor Model of personality for human resource professionals*. Consultado em janeiro de 2006 via <http://www.centacs.com/quickstart.htm>
- Howard, P. J. & Howard, J. M. (2000). *The owner's manual for personality at work*. Atlanta: Bard Press.
- Hutz, C. (2006). *O lugar dos testes projetivos na formação do psicólogo*. Trabalho apresentado no IV Congresso Nacional da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos – ASBRo, Brasília, DF.



- Hutz, C. S., Nunes, C. H., Silveira, A. D., Serra, J., Anton, M., & Wieczorek, L. S. (1998). O desenvolvimento de marcadores para a avaliação da personalidade no modelo dos cinco grandes fatores. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(2), 395-411.
- Inness, M., Barling, J. & Turner, N. (2005). Understanding supervisor-targeted aggression: a within-person, between-jobs design. *Journal of Applied Psychology*, 90(4), 731-739.
- Kaswan, J., Wasman, M. & Freedman, L. Z. (1960). Aggression and the Picture-Frustration Study. *Journal of Consulting Psychology*, 24(5), 446-452.
- Kaufman, M. (2007). In memoriam: The idioverse of Saul Rosenzweig (1907-2004). *Journal of Psychotherapy Integration*, 17(4), 363-368.
- Kaufmann, P. (1996). Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Kfoury, N. J. (1999). *Wartegg: da teoria à prática*. São Paulo: Vetor.
- Kinard, E.M. (1982). Aggression in abused children: differential responses to the Rosenzweig Picture-Frustration Study. *Journal of Personality Assessment*, 46(2), 139-141.
- Krejčí, P., Kvapil, J. & Semrád, J. (1996). The relation between job satisfaction, job frustration and narcissism and attitudes towards professional ethical behavior among police officers. *Policing in Central and Eastern Europe: comparing firsthand knowledge with experience from the West*. Consultado em maio de 2005 via (College of Police and Security Studies) <http://www.unojust.org>
- Lago, V. M. & Bandeira, D. R. (2008). As práticas em avaliação psicológica envolvendo disputa de guarda no Brasil. *Aval. psicol.*, 7(2), 223-234.
- Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (1998). *Vocabulário da psicanálise: Laplanche e Pontalis*. São Paulo: Martins Fontes.
- Lata, P. (1995). Reaction to frustration: sex as variable. *Journal of Personality and Clinical Studies*, 11, 37-40.
- LaVoie, A. L. (1986). Rosenzweig Picture-Frustration Study. In D.J. Keyser & R.C. Sweetland (Eds.), *Test Critiques: v. 14* (pp.388-395). Kansas: Test Corporation of America.
- Lykken, D. (1999). Felicidade (T. B. Santos, trad.). Rio de Janeiro: Objetiva. (Trabalho original publicado em 1998).
- McCrae, R. R. (2006). O que é personalidade? Em C. Flores-Mendoza, R. Colom & colaboradores (Org.). *Introdução à psicologia das diferenças individuais* (pp. 204-218). Porto Alegre: Artmed.

- McCrae, R. R. & Costa, P. T., Jr. (1996). Toward a new generation of personality theories: Theoretical contexts for the five-factor model. Em J. S. Wiggins (Ed.), *The five-factor model of personality*. (pp. 31-87). New York: The Guilford Press.
- MacFarlane, J. W. & Tuddenham, R. D. (1978). Dificuldades para a validação das técnicas projetivas. Em H. H. Anderson & G. L. Anderson (Orgs.). *Técnicas projetivas do diagnóstico psicológico* (pp. 41-68). São Paulo: Mestre.
- Maier, N. R. F. (1949). *Frustration the study of behavior without a goal*. London: MacGraw-Hill.
- Mélon, J. (2007). *Curso sobre questões de aprofundamento em Szondi*. Manuscrito não publicado. Universidade de Liège. Consultado em 27 de novembro de 2007 via <http://szondiforum.org/t455.rtf>
- Miller, N. E. (1941). The frustration-aggression hypothesis. *Psychological Review*, 48, 337-342.
- Mira, A. M. G. (2002). *PMK: Psicodiagnóstico Miocinético*. São Paulo: Vetor.
- Moore, M. E. & Schwartz, M. M. (1963). The effect of the sex of the frustrated figure on responses to the Rosenzweig P-F Study. *Journal of Projective Techniques & Personality Assessment*, 27(2), 195-199.
- Moura, C. F. M. (2004). *Construção e validação de um teste de resistência à frustração*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília.
- Moura, C. F. (2007a). *Teste brasileiro de resistência à frustração: versões projetiva e objetiva*. Trabalho apresentado no III Congresso Brasileiro de Avaliação Psicológica e XII Conferência Internacional de Avaliação Psicológica: Formas e Contextos, João Pessoa, PB.
- Moura, C. F. (2007b). *Teste Brasileiro de Resistência à Frustração: uma nova proposta*. Trabalho apresentado no VI Congresso Iberoamericano de Evaluación Psicológica, Ciudad de México.
- Moura, C. F. & Caetano, P.F. (2007). *Profissiografia dos Soldados Bombeiros Militares do Corpo de Bombeiro do Distrito Federal*. Documento Interno do CBMDF. LabPAM: Brasília.
- Moura, C.F., Caetano, P. F., Braga, J. L., Pasquali, L., Reis, M. S., Oliveira, S. H. T. (2007). *Profissiografia do Soldado Policial Militar do Estado do Rio de Janeiro*. Documento Interno da PMERJ. LabPAM: Brasília.

- Moura, C. F. & Pasquali, L. (2004). *Policiais brasileiros reagem de forma agressiva quando frustrados?* Trabalho apresentado no I Congresso Brasileiro de Psicologia Organizacional e do Trabalho, Salvador, BA.
- Moura, C. F. & Pasquali, L. (2005). *Teste Objetivo de Resistência à Frustração-TORF: construção e validação.* Trabalho apresentado no II Congresso Brasileiro de Avaliação Psicológica, Gramado, RS.
- Moura, C. F. & Pasquali, L. (2006a). Construção de um teste objetivo de resistência à frustração. *Psico-USF, 11(2)*, 137-146.
- Moura, C. F. & Pasquali, L. (2006b). *O Teste Brasileiro Projetivo de resistência à frustração.* Trabalho apresentado no IV Congresso Nacional da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos projetivos, Brasília, DF.
- Moura, C. F. & Pasquali, L. (2006c). *Frustração e a Agressão: Considerações Teóricas sobre os construtos.* Manuscrito não-publicado, Universidade de Brasília, Brasília.
- Moura, C. F., Zambelli, C. Z. & Pasquali, L. (2006). *Estudo de Validade: correlação entre o teste brasileiro de resistência à frustração objetivo - TRFO e o inventário de expressão de raiva como estado e traço - STAXI.* Trabalho apresentado no II Congresso Brasileiro de Psicologia Organizacional e do Trabalho, Brasília, DF.
- Murray, H. A. (1995). T.A.T: Teste de Apercepção Temática. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Nascimento, M. M. (2006). Avaliação da Raiva. *Psicologia: Pesquisa & Trânsito, 2(1)*, 65-67.
- Neves, B. R., Freitas, L. C. O. & Pasquali, L. (2006). *Validação da escala de Conscienciosidade - CSC.* Trabalho apresentado no II Congresso Brasileiro de Psicologia Organizacional e do Trabalho, Brasília, DF.
- Nick, E. (nd.). *Manual do teste de frustração – Forma para adultos.* (S. Rosenzweig, Trad.) Rio de Janeiro: CEPA. (Trabalho original sem identificação de data).
- Njaine, K. (2004). *Violência na mídia e seu impacto na vida dos adolescentes: reflexões e propostas de prevenção sob a ótica da saúde pública.* Tese de doutorado. Escola Nacional de Saúde Pública.
- Norman, M. & Ryan, L. J. (2008). Perpetrators of domestic violence score as an indicator in Cognitive Restructuring Therapy for male the Rosenzweig Picture-Frustration Study "Extra-Aggression". *J Interpers Violence, 23(4)*, 561-566.

- Noronha, A. P. P., Primi, R. & Alchieri, J. C. (2004). Parâmetros psicométrico: uma análise de testes psicológicos comercializados no Brasil. *Psicologia Ciência e Profissão*, 24(4), 88-99.
- Noronha, A. P. P. & Vendramini, C. M. M. (2003). Parâmetros psicométricos: estudo comparativo entre testes de inteligência e de personalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(1), 177-182.
- Nunes, C. H. S. S. & Hutz, C. S. (2002). O modelo dos cinco fatores de personalidade. Em R. Primi (Org.). *Temas em Avaliação Psicológica* (pp. 40-49). Campinas: IBAP.
- Nunes, C. H. S. S. & Hutz, C. S. (2006). Construção e validação de uma escala de extroversão no modelo dos Cinco Grandes Fatores de personalidade. *Psico-USF*, 11(2), 147-157.
- Nunes, C. H. S. S. & Hutz, C. S. (2007). Construção e validação da escala fatorial de socialização no modelo dos Cinco Grandes Fatores de personalidade. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 20, 20-25.
- Oliveira, C. M. R. (2000). Tipos de reação à frustração entre homens e mulheres em consultas de infertilidade. *Monografia final de conclusão de curso*. Consultado em fevereiro de 2005 via (Instituto Superior de Psicologia Aplicada – ISPA) <http://www.geocities.com/infertilidade>
- Parrek, U. N. (1964). *Developmental patterns in reactions to frustration*. London: Asia Publishing House.
- Pasian, S. R. (2002). Atualizações sobre o Psicodiagnóstico de Rorschach no Brasil: breve panorama histórico. *Psico-USF*, 7(1), 43-51.
- Pasquali, L. (1999). *Instrumentos psicológicos: manual prático de elaboração*. Brasília: LabPAM/IBAPP.
- Pasquali, L. (2001). *Técnicas de Exame Psicológico – TEP*. Manual. Brasília: Casa do Psicólogo.
- Pasquali, L. (2003a). *Os tipos humanos: a teoria da personalidade*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Pasquali, L. (2003b). *Psicometria: Teoria dos testes na psicologia e na educação*. Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- Pasquali, L. (2008). *A ciência da mente: a Psicologia à procura do objeto*. Brasília: Editor.
- Pasquali, L. (no prelo). *Delineamento de Pesquisa: Volume II*. Brasília: LabPAM.

- Pasquali, L., Cabral, A. R., Figueira, K. S., Rodrigues, M. M. M. & Moura, C. F. (2003). *Profissiografia do cargo de agente da polícia civil do Distrito Federal*. Consultado em abril de 2005 via [www.mj.gov.br/senasp/monografias](http://www.mj.gov.br/senasp/monografias)
- Pasquali, L., Moura, C. F., Ferreira, M. M. G. (2002). *Criação de uma forma objetiva do Teste de Frustração Rosenzweig*. Trabalho apresentado no III Encontro de Avaliação Psicológica: Teorização e Prática. Belo Horizonte, MG: UFMG.
- Pasquali, L., Moura, C. F. & Freitas, L. C. O. (2003). *Manual Técnico de Aplicação da Escala de Agressividade, Autenticidade e Inibição - EdAAI*. Manuscrito não publicado de uso exclusivo do Laboratório de Pesquisa em Avaliação e Medida. Universidade de Brasília.
- Pasquali, L., Salazar, A. A., Freitas, L. C. O., Barbosa, B. & Roldão, A. C. (2002). *Profissiografia do Cargo de Policial Rodoviário da Polícia Rodoviária Federal*. Documento Interno da PRF. LabPAM: Brasília.
- Pastore, N. (1952). The role of arbitrariness in the frustration-aggression hypothesis. *Journal of Abnormal Psychology*, 47, 728-731.
- Pinker, S. (1998). *Como a mente funciona*. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras
- Porterfield, A. L. (1943). The problem of response to personality frustration: a concrete example. *Social Forces*, 21(1), 75-81.
- Primi, R. (2005). *Temas em Avaliação Psicológica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Pitkänen-Pulkkinen, L. (1980). An aggression machine: current predictive validity over ten years. *Scandinavian Journal of Psychology*, 21, 275-281.
- Rauchfle, U. (1971). New possibilities for interpreting Rosenzweig Picture Frustration Test via use of indices. *Psychologie*, 30(4), 299-311.
- Reese, J. C. (1999). Responses to interpersonal frustration among peace church members: Implications for family violence. *Dissertation Abstracts International*, 60(5B), 2412.
- Rosenzweig, S. (1938a). The significance of frustration as a problem of research. Discussion Group under the title "Frustration as an experimental problem". *American Psychological Association*, September 8th.
- Rosenzweig, S. (1938b). A general outline of frustration. *Character and Personality*, 7, 151-160.
- Rosenzweig, S. (1945). The picture-association method and its application in a study of reactions to frustration. *Journal of Personality*, 14(1), 3-23.

- Rosenzweig, S. (1949). *Some problems relating to research on the Rosenzweig Picture Frustration Study - I*. Discussion Group under the title "Current Research on the Picture-Frustration Study". American Psychological Association, September 9th.
- Rosenzweig, S. (1963). Validity of the Rosenzweig Picture-Frustration Study with felons and delinquents. *Journal of Consulting Psychology*, 27(6), 535-536.
- Rosenzweig, S. (1976). Aggressive behavior and the Rosenzweig Picture-Frustration (P-F) Study. *Journal of Clinical Psychology*, 32(4), 885-891.
- Rosenzweig, S. (1978a). An investigation of the reliability of the Rosenzweig Picture-Frustration (P-F) study children's form. *Journal of Personality Assessment*, 42, 483-488.
- Rosenzweig, S. (1978b). Revised norms for the children's form of the Rosenzweig Picture-Frustration (P-F) Study, with update P-F reference list. *Journal of Clinical Child Psychology*, 17(4), 326-328.
- Rosenzweig, S. & Adelman, S. (1977). Construct validity of the Rosenzweig Picture-Frustration Study. *Journal of Personality Assessment*, 41(6), 578-588.
- Rosenzweig, S.; Clarke, H.J.; Garfield, M.S., & Lehndorff, A. (1946). Scoring samples for the Rosenzweig Picture-Frustration Study. *Journal of Psychology*, 21, 45-72.
- Rosenzweig, S., Ludwig, D. J. & Adelman, S. (1975). Retest reliability of the Rosenzweig picture-frustration study and similar semiprojective techniques. *Journal of Personality Assessment*, 39,3-12.
- Rosenzweig, S. & Rosenzweig, L. (1976). Guide to research on the Rosenzweig Picture-Frustration (P-F) Study, 1934-3974. *Journal of Personality Assessment*, 40(6), 599-606.
- Roudinesco, E. & Plon, M. (1944). *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Salazar, A. (2004). *Bem-estar subjetivo e sua relação com personalidade, coping, suporte social, satisfação conjugal e satisfação no trabalho*. Tese de Doutorado: Brasília.
- Sanford, F. H. & Rosenstock, I. M. (1955). Projective Techniques on the doorstep. *Journal of Abnormal Psychology*, 5, 3-16.
- Santos, G. A. (2006). *Método de Rorschach: atores e temas da produção científica no Brasil*. Trabalho apresentado no IV Congresso Nacional da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos – ASBRo, Brasília, DF.

- Schaubroeck, J., Jones, J.R. & Xie, J.L. (2001). Individual Differences in Utilizing Control to Cope With Job Demands: Effects on Susceptibility to Infectious Disease. *Journal of Applied Psychology*, 86(2), 265-278.
- Shechtman, N. & Horowitz, L. M. (2006). Interpersonal and non-interpersonal interactions, interpersonal motives, and the effects of frustrated motives. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 32(8), 1126-1139.
- Schwam, P. C., Tróccoli, B. T. & Vasconcelos, T. S. (2002). *O Inventário Fatorial dos Cinco Fatores de Personalidade na seleção de pessoal*. Trabalho apresentado no VIII Congresso de Iniciação Científica da Universidade de Brasília. Brasília, DF.
- Schmidt, F. L., & Hunter, J. E. (1992). Development of a causal model of processes determining job performance. *Current Directions in Psychological Science*, 1, 89-92.
- Shirayama, M., Shirayama, Y., Iida, H., Kato, M., Kajimura, N., Watanabe, T., Sekimoto, M., Shirakawa, S., Okawa, M. & Takahashi, K. (2003). The psychological aspects of patients with delayed sleep phase syndrome (DSPS). *Sleep Medicine*, 4(5), 427-433.
- Silva, L. C. O., Vieira, A. M. C. C., Mota, L. M. S., Jesus, M.V., Costa, Z.N. & Moura, C.F. (2007). *Construção de uma escala para medida de reações à frustração em universitários*. Trabalho apresentado no III Congresso Brasileiro de Avaliação Psicológica e XII Conferência Internacional de Avaliação Psicológica: Formas e Contextos, João Pessoa, PB.
- Soto, E. (2005). *Comportamento Organizacional: o impacto das emoções*. São Paulo: Pioneira Thomson.
- Spielberger, C. D. & Biaggio, A. (1994). *Manual do STAXI*. São Paulo: Vetor.
- Susskind, A. M. (2004). Consumer Frustration in the Customer-Server Exchange: The Role of Attitudes Toward Complaining and Information Inadequacy Related to Service Failures. *Journal of Hospitality & Tourism Research*, 28(1), 21-43.
- Swan, H. F. (1972). Personnel induced frustration. *The Canadian Chartered Accountant*, 100(4), 48.
- Tabachnick, B.G. & Fidell, L.S. (2001). *Using Multivariate Statistics (4ª Edição)*. Boston: Allyn And Bacon.
- Tanis, M.F. (2001). *Contribuições do TAT (Teste de Apercepção Temática) ao diagnóstico diferencial de cefaléia tensional e enxaqueca*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade Federal de São Paulo.
- Tanzer, N. K., Sim, C. Q. E. & Spielberger, C. D. (1996). Experience, expression, and control of anger in a chinese society: the case of Singapore. Em C. D. Spielberger & I.

- G. Sarason (Eds.), *Stress and Emotion: anxiety, anger and curiosity: Vol. 16*. Washington, D. C.: Taylor & Francis. Consultado em 25 de janeiro de 2007 via [http://books.google.com.br/books?id=zUI\\_8zb9WoQC&printsec=copyright&dq=STAXI,+Rosenzweig#PPP1,M1](http://books.google.com.br/books?id=zUI_8zb9WoQC&printsec=copyright&dq=STAXI,+Rosenzweig#PPP1,M1)
- Tavares, M. (2003). Validade clínica. *Psico-USF*, 8(2), 125-136.
- Tavares, M. (2006). A integração do método de Rorschach e da técnica de apercepção temática na avaliação de pacientes em risco de suicídio. Anais do IV Congresso Nacional da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos – ASBRo, Brasília, DF.
- Taylor, M. V. (1952). Internal consistency of the scoring categories of the Rosenzweig Picture-Frustration study. *Journal of Consulting Psychology*, 16, 149-153.
- Telles, V. S. (2000). A desvinculação do TAT do conceito de “projeção” e a ampliação de seu uso. *Psicologia USP*, 11(1), 63-83.
- Thadeu, S. H., Reis, M. S., Moura, C. F., Caetano, P. F., Braga, J. L., Pasquali, L. (2008). *Profissiografia dos Soldados Policiais Militares da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro – Brasil*. Trabalho apresentado no XIII Conferência Internacional de Avaliação Psicológica, Portugal.
- Tice, D. M., Bratslavsky, E. & Baumeister, R. F. (2001). Emotional distress regulation takes precedence over impulse control: If you feel bad, do it! *Journal of Personality and Social Psychology*, 80(1), 53-67.
- Tooby, J. & Cosmides, L. (1990). On the universality of human nature and the uniqueness of the individual: the role of genetics and adaptation. *Journal of Personality*, 58(1), 17-67.
- Troccoli, B. & Vasconcelos, T. S. (2002). *Inventário reduzido dos cinco fatores de personalidade: Manual de aplicação*. Manuscrito não publicado de uso exclusivo do Laboratório de Pesquisa em Avaliação e Medida. Universidade de Brasília.
- Tróccoli, B. T. (1984). *Focus of attention, aversive stimulation and the display of hostility*. Tese de Mestrado não publicada. Universidade de Wisconsin-Madison, EUA.
- Tróccoli, B. T. (1986). *Mood induction and feelings awareness in the expression of hostility*. Dissertação de Doutorado não publicada. Universidade de Wisconsin-Madison, EUA.
- Tróccoli, B. T., Vasconcelos, T. S. (2002). *Inventário dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade: Manual Técnico e de Aplicação*. Brasília: LabPAM.



- Tróccoli, B. T., Vasconcelos, T. S., Araújo, R.M. & Meió, C. A. (2001). *Inventário reduzido dos Cinco fatores de Personalidade*. Trabalho Apresentado no II Congresso Norte Nordeste de Psicologia. Salvador, BA.
- Tsiantis, J., Kokkevi, A., & Agathanos-Marouli, E. (1981). Parents of abuse children in Greece: Psychiatric and psychological characteristics. *Child Abuse and Neglect*, 5, 281-285.
- Vane, J. R. (1954). Implications of the performance of delinquent girls on the Rosenzweig Picture-Frustration study. *Journal Consulting Psychological*, 18, 414.
- Vasquez, E. A., Bartsch, V.O., Pedersen, W.C. & Miller, N. (2007). The impact of aggressive priming, rumination, and frustration on prison sentencing. *Aggressive Behavior*, 33, 477-485.
- Vasconcelos, T. S. (2005). *O Inventário Fatorial de Personalidade no Ambiente de Trabalho*. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília.
- Vasconcelos, T. S.; Moura, C. F.; Troccoli, B. T. (2004). *O Modelo dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade no ambiente de trabalho*. Trabalho apresentado no XXXIV Reunião Anual de Psicologia, Ribeirão Preto, SP.
- Vasconcelos, T. S. & Pasquali, L. (2004). *Manual técnico e de aplicação do Inventário dos Cinco Fatores de Personalidade Reduzido – ICFP-R*. Manuscrito não-publicado de uso restrito do LabPAM. Brasília: LabPAM.
- Vasilopoulos, N.L., Cucina, J.M. & Hunter, A.E. (2007). Personality and training proficiency: issues of bandwidth fidelity and curvilinearity. *Journal of Occupational and Organizational Psychology*, 80(1), 109-131.
- Vaz, C. E. (1998). *Z-teste: forma coletiva*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Vaz, C. E. (2006). *O Rorschach teoria e desempenho II – Sistema Klopfer*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Viglione, D., & Wagner, E. E. (2004). Review of The Rosenzweig Picture-Frustration Study. *Mental Measurements Yearbook*, 9. Consultado em 02 de março de 2008 via <http://login.ezproxy.library.ualberta.ca/login?url=http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=loh&AN=09129297&loginpage=Login.asp&site=ehost-live&scope=site>
- Villas-Boas Filho, J. (n.d.). *Manual do Teste Projetivo ômega TPO*. Rio de Janeiro: CEPA.
- Villemor-Amaral, A. E. & Pasqualini-Casado, L. (2006). A cientificidade das técnicas projetivas em debate. *Psico-USF*, 11(2), 185-193.

- Werlang, B. S. G., Fensterseifer, L. & Lima, G. Q. (2006). Teste Aperceptivo Familiar (FAT): técnica projetiva de avaliação psicológica. *Aval. Psicol*, 5(2), 255-260.
- Wiggins, J.S. & Pincus, A. L. (1992). Personality: structural and assessment. *Annual Review of Psychology*, 43, 473-504.
- Wikipedia. (n.d.). *Frustração*. Consultado em 06 de janeiro de 2008 via <http://pt.wikipedia.org/wiki/Frustra%C3%A7%C3%A3o>
- Yates, A. J. (1975). *Frustración y conflicto*. Madrid: Taller de Ediciones.
- Yates, D. L & Pilai, V. K. (1992). Frustration and strain smong fort worth police officers. *Sociology and Social Research*, 76(3), 145-149.
- Yazigi, L., Fiore, M. L. M., Semer, N. L., Tanesi, P. H. V. & Antúnez, A. E. A. (2006). *Métodos projetivos e pesquisa em psicologia da saúde*. Trabalho apresentado no IV Congresso Nacional da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos – ASBRo, Brasília, DF.
- Zambelli, C. K., Moura, C. F & Pasquali, L. (2007). *Estudo sobre a frustração: análise das reações de pessoas em situações de crise*. Trabalho apresentado no III Congresso Brasileiro de Avaliação Psicológica e XII Conferência Internacional de Avaliação Psicológica: Formas e Contextos, João Pessoa, PB.

## **ANEXOS**

## ANEXO A

Tabela A1. Percentual de escolha de alternativas nas 31 situações do caderno do TRFO

Categorias/ Dimensões	Frase da Situação 1				Frase da Situação 2				Frase da Situação 3			
	a	b	c	d	a	b	c	d	a	b	c	d
Ex'	7,1	21,4	<b>64,3</b>	7,1	28,6	28,6	<b>42,9</b>	0	35,7	21,4	<b>42,9</b>	0
Ex	14,3	21,4	<b>64,3</b>	0	<b>42,9</b>	35,7	21,4	0	<b>42,9</b>	28,6	28,6	0
Ex/	<b>42,9</b>	<b>42,9</b>	14,3	0	7,1	<b>71,4</b>	14,3	7,1	<b>46,2</b>	30,8	23,1	0
ex	14,3	35,7	<b>50,0</b>	0	42,9	7,1	<b>50,0</b>	0	21,4	28,6	<b>50,0</b>	0
In'	<b>76,9</b>	0	23,1	0	0	28,6	<b>64,3</b>	7,1	15,4	<b>46,2</b>	38,5	0
In	35,7	<b>42,9</b>	21,4	0	35,7	14,3	<b>50,0</b>	0	21,4	<b>78,6</b>	0	0
In/	<b>64,3</b>	7,1	28,6	0	<b>35,7</b>	28,6	28,6	7,1	<b>46,2</b>	30,8	15,4	7,7
in	<b>64,3</b>	14,3	14,3	7,1	<b>35,7</b>	21,4	<b>35,7</b>	7,1	21,4	21,4	<b>50,0</b>	7,1
Na'	14,3	<b>50,0</b>	35,7	0	35,7	0	<b>64,3</b>	0	<b>35,7</b>	28,6	28,6	7,1
Na/	30,8	<b>38,5</b>	30,8	0	<b>50,0</b>	28,6	14,3	7,1	30,8	<b>53,8</b>	7,7	7,7
na	<b>46,2</b>	<b>46,2</b>	0	7,7	28,6	<b>42,9</b>	28,6	0	23,1	<b>46,2</b>	23,1	7,7
Categorias/ Dimensões	Frase da Situação 4				Frase da Situação 5				Frase da Situação 6			
	a	b	c	d	a	b	c	d	a	b	c	d
Ex'	28,6	<b>42,9</b>	21,4	7,1	<b>35,7</b>	28,6	28,6	7,1	28,6	7,1	<b>57,1</b>	7,1
Ex	14,3	35,7	<b>50,0</b>	0	14,3	14,3	<b>71,4</b>	0	42,9	<b>57,1</b>	0	0
Ex/	<b>57,1</b>	7,1	35,7	0	35,7	21,4	<b>42,9</b>	0	<b>64,3</b>	35,7	0	0
ex	<b>71,4</b>	14,3	14,3	0	35,7	<b>57,1</b>	7,1	0	<b>42,9</b>	35,7	14,3	7,1
In'	14,3	21,4	<b>57,1</b>	7,1	<b>35,7</b>	28,6	<b>35,7</b>	0	28,6	<b>57,1</b>	14,3	0
In	23,1	23,1	<b>53,8</b>	0	<b>50,0</b>	14,3	35,7	0	7,1	<b>64,3</b>	28,6	0
In/	30,8	<b>46,2</b>	23,1	0	21,4	<b>71,4</b>	7,1	0	21,4	<b>57,1</b>	21,4	0
in	23,1	<b>53,8</b>	23,1	0	<b>76,9</b>	7,7	7,7	7,7	14,3	14,3	<b>71,4</b>	0
Na'	7,7	23,1	<b>69,2</b>	0	21,4	<b>64,3</b>	14,3	0	7,1	<b>64,3</b>	21,4	7,1
Na/	7,7	<b>76,9</b>	15,4	0	<b>50,0</b>	14,3	35,7	0	35,7	<b>42,9</b>	21,4	0
na	38,5	7,7	<b>53,8</b>	0	14,3	35,7	<b>42,9</b>	7,1	<b>64,3</b>	7,1	28,6	0
Categorias/ Dimensões	Frase da Situação 7				Frase da Situação 8				Frase da Situação 9			
	a	b	c	d	a	b	c	d	a	b	c	d
Ex'	<b>57,1</b>	14,3	28,6	0	35,7	21,4	<b>42,9</b>	0	<b>42,9</b>	21,4	35,7	0
Ex	38,5	<b>46,2</b>	15,4	0	<b>64,3</b>	0	35,7	0	21,4	<b>50,0</b>	14,3	14,3
Ex/	21,4	35,7	<b>42,9</b>	0	<b>50,0</b>	21,4	28,6	0	14,3	<b>57,1</b>	28,6	0
ex	35,7	<b>42,9</b>	21,4	0	<b>35,7</b>	28,6	<b>35,7</b>	0	<b>42,9</b>	14,3	<b>42,9</b>	0
In'	14,3	<b>57,1</b>	28,6	0	<b>35,7</b>	28,6	<b>35,7</b>	0	35,7	14,3	<b>50,0</b>	0
In	<b>35,7</b>	<b>35,7</b>	28,6	0	35,7	7,1	<b>57,1</b>	0	<b>64,3</b>	14,3	21,4	0
In/	35,7	7,1	<b>57,1</b>	0	28,6	<b>57,1</b>	14,3	0	<b>78,6</b>	0	21,4	0
in	30,8	<b>69,2</b>	0	0	21,4	21,4	<b>57,1</b>	0	7,1	21,4	71,4	0
Na'	7,1	<b>64,3</b>	28,6	0	21,4	<b>50,0</b>	28,6	0	21,4	<b>50,0</b>	28,6	0
Na/	<b>42,9</b>	21,4	35,7	0	21,4	21,4	<b>57,1</b>	0	21,4	<b>71,4</b>	7,1	0
na	35,7	<b>57,1</b>	7,1	0	14,3	<b>57,1</b>	28,6	0	35,7	21,4	<b>42,9</b>	0

Tabela A1. Percentual de escolha de alternativas nas 31 situações do caderno do TRFO (Continuação)

Categorias/ Dimensões	Frase da Situação 10				Frase da Situação 11				Frase da Situação 12			
	a	b	c	d	a	b	c	d	a	b	c	d
Ex'	35,7	0	<b>57,1</b>	7,1	<b>50,0</b>	7,1	42,2	0	21,4	<b>78,6</b>	0	0
Ex	<b>57,1</b>	35,7	7,1	0	<b>71,4</b>	14,3	14,3	0	28,6	7,1	<b>64,3</b>	0
Ex/	14,3	7,1	<b>78,6</b>	0	<b>64,3</b>	7,1	28,6	0	<b>50,0</b>	35,7	14,3	0
ex	28,6	7,1	<b>64,3</b>	0	<b>57,1</b>	21,4	21,4	0	7,1	<b>71,4</b>	21,4	0
In'	<b>35,7</b>	28,6	<b>35,7</b>	0	14,3	<b>50,0</b>	35,7	0	<b>50,0</b>	7,1	42,9	0
In	<b>57,1</b>	35,7	7,1	0	<b>50,0</b>	<b>50,0</b>	0	0	<b>57,1</b>	28,6	14,3	0
In/	21,4	28,6	<b>50,0</b>	0	<b>57,1</b>	14,3	28,6	0	<b>57,1</b>	35,7	7,1	0
in	<b>50,0</b>	7,1	28,6	14,3	<b>50,0</b>	7,1	35,7	7,1	42,9	<b>50,0</b>	7,1	0
Na'	14,3	<b>64,3</b>	21,4	0	14,3	<b>85,7</b>	0	0	<b>50,0</b>	42,9	7,1	0
Na/	35,7	<b>42,9</b>	21,4	0	7,1	<b>50,0</b>	42,9	0	28,6	<b>50,0</b>	21,4	0
na	<b>50,0</b>	21,4	21,4	7,1	21,4	<b>50,0</b>	21,4	7,1	28,6	<b>64,3</b>	7,1	0
Categorias/ Dimensões	Frase da Situação 13				Frase da Situação 14				Frase da Situação 15			
	a	b	c	d	a	b	c	d	a	b	c	d
Ex'	14,3	<b>57,1</b>	28,6	0	28,6	<b>42,9</b>	28,6	0	35,7	<b>57,1</b>	7,1	0
Ex	42,9	7,1	<b>50,0</b>	0	<b>50,0</b>	21,4	21,4	7,1	0	<b>50,0</b>	<b>50,0</b>	0
Ex/	28,6	14,3	<b>57,1</b>	0	14,3	<b>42,9</b>	<b>42,9</b>	0	14,3	14,3	<b>71,4</b>	0
ex	7,1	35,7	<b>57,1</b>	0	<b>50,0</b>	35,7	14,3	0	14,3	28,6	<b>57,1</b>	0
In'	28,6	21,4	<b>50,0</b>	0	21,4	<b>71,4</b>	7,1	0	28,6	21,4	<b>50,0</b>	0
In	7,1	<b>78,6</b>	14,3	0	<b>42,9</b>	14,3	35,7	7,1	<b>57,1</b>	28,6	14,3	0
In/	14,3	<b>50,0</b>	35,7	0	7,1	28,6	<b>64,3</b>	0	35,7	7,1	<b>57,1</b>	0
in	<b>71,4</b>	14,3	14,3	0	28,6	14,3	<b>57,1</b>	0	0	35,7	<b>57,1</b>	7,1
Na'	14,3	<b>57,1</b>	28,6	0	21,4	<b>42,9</b>	35,7	0	28,6	<b>50,0</b>	21,4	0
Na/	<b>50,0</b>	28,6	21,4	0	14,3	<b>78,6</b>	7,1	0	<b>42,9</b>	<b>42,9</b>	14,3	0
na	<b>42,9</b>	28,6	28,6	0	35,7	0	<b>64,3</b>	0	<b>35,7</b>	<b>35,7</b>	28,6	0
Categorias/ Dimensões	Frase da Situação 16				Frase da Situação 17				Frase da Situação 18			
	a	b	c	d	a	b	c	d	a	b	c	d
Ex'	21,4	<b>42,9</b>	35,7	0	<b>42,9</b>	<b>42,9</b>	14,3	0	0	<b>57,1</b>	35,7	7,1
Ex	<b>57,1</b>	21,4	7,1	14,3	28,6	28,6	<b>35,7</b>	7,1	<b>57,1</b>	14,3	28,6	0
Ex/	<b>42,9</b>	28,6	21,4	7,1	14,3	<b>57,1</b>	28,6	0	<b>64,3</b>	21,4	14,3	0
ex	<b>57,1</b>	35,7	7,1	0	<b>35,7</b>	<b>35,7</b>	28,6	0	21,4	<b>50,0</b>	28,6	0
In'	<b>57,1</b>	35,7	7,1	0	<b>71,4</b>	21,4	7,1	0	35,7	21,4	<b>42,9</b>	0
In	28,6	28,6	<b>42,9</b>	0	7,1	0	<b>92,9</b>	0	<b>42,9</b>	<b>42,9</b>	14,3	0
In/	23,1	<b>61,5</b>	15,4	0	7,1	<b>64,3</b>	28,6	0	21,4	<b>42,9</b>	35,7	0
in	<b>50,0</b>	35,7	14,3	0	35,7	0	<b>57,1</b>	7,1	<b>42,9</b>	7,1	50,0	0
Na'	<b>35,7</b>	21,4	<b>35,7</b>	7,1	<b>71,4</b>	0	21,4	7,1	14,3	<b>78,6</b>	7,1	0
Na/	<b>57,1</b>	28,6	14,3	0	28,6	<b>42,9</b>	28,6	0	<b>50,0</b>	14,3	28,6	7,1
na	<b>64,3</b>	7,1	28,6	0	<b>57,1</b>	21,4	14,3	7,1	<b>57,1</b>	14,3	14,3	14,3

Tabela A1. Percentual de escolha de alternativas nas 31 situações do caderno do TRFO (Continuação)

Categorias/ Dimensões	Frase da Situação 19				Frase da Situação 20				Frase da Situação 21			
	a	b	c	d	a	b	c	d	a	b	c	d
Ex'	<b>57,1</b>	35,7	7,1	0	7,1	<b>57,1</b>	28,6	7,1	<b>42,9</b>	14,3	35,7	7,1
Ex	<b>42,9</b>	21,4	35,7	0	28,6	21,4	<b>50,0</b>	0	<b>64,3</b>	0	28,6	7,1
Ex/	<b>85,7</b>	7,1	7,1	0	<b>42,9</b>	<b>42,9</b>	14,3	0	7,1	<b>57,1</b>	21,4	14,3
ex	<b>50,0</b>	21,4	21,4	7,1	7,1	<b>78,6</b>	14,3	0	21,4	28,6	<b>42,9</b>	7,1
In'	<b>57,1</b>	42,9	0	0	35,7	21,4	<b>42,9</b>	0	35,7	14,3	<b>50,0</b>	0
In	14,3	<b>71,4</b>	14,3	0	0	<b>42,9</b>	57,1	0	<b>57,1</b>	21,4	21,4	0
In/	0	<b>71,4</b>	28,6	0	28,6	14,3	<b>57,1</b>	0	<b>57,1</b>	21,4	21,4	0
in	<b>71,4</b>	21,4	7,1	0	21,4	<b>64,3</b>	7,1	7,1	14,3	35,7	<b>42,9</b>	7,1
Na'	7,1	28,6	<b>57,1</b>	7,1	<b>42,9</b>	14,3	35,7	7,1	<b>71,4</b>	21,4	0	7,1
Na/	<b>35,7</b>	<b>35,7</b>	28,6	0	<b>57,1</b>	28,6	7,1	7,1	14,3	28,6	<b>50,0</b>	7,1
na	<b>50,0</b>	7,1	28,6	14,3	28,6	<b>57,1</b>	7,1	7,1	30,8	23,1	<b>38,5</b>	7,7
Categorias/ Dimensões	Frase da Situação 22				Frase da Situação 23				Frase da Situação 24			
	a	b	c	d	a	b	c	d	a	b	c	d
Ex'	35,7	14,3	<b>50,0</b>	0	35,7	21,4	<b>42,9</b>	0	<b>78,6</b>	14,3	0	7,1
Ex	42,9	<b>50,0</b>	7,1	0	28,6	<b>42,9</b>	28,6	0	<b>61,5</b>	15,4	23,1	0
Ex/	7,1	<b>50,0</b>	42,9	0	28,6	<b>57,1</b>	14,3	0	<b>42,9</b>	21,4	28,6	7,1
ex	<b>42,9</b>	<b>42,9</b>	14,3	0	<b>57,1</b>	14,3	21,4	7,1	<b>53,8</b>	23,1	15,4	7,7
In'	42,9	<b>50,0</b>	0	7,1	42,9	7,1	<b>50,0</b>	0	<b>57,1</b>	7,1	35,7	0
In	0	<b>64,3</b>	35,7	0	15,4	<b>61,5</b>	23,1	0	23,1	<b>76,9</b>	0	0
In/	21,4	28,6	<b>50,0</b>	0	21,4	<b>57,1</b>	14,3	7,1	35,7	0	<b>64,3</b>	0
in	28,6	14,3	<b>57,1</b>	0	<b>46,2</b>	23,1	7,7	23,1	7,1	<b>64,3</b>	21,4	7,1
Na'	35,7	21,4	<b>42,9</b>	0	<b>64,3</b>	7,1	28,6	0	14,3	<b>57,1</b>	21,4	7,1
Na/	7,7	23,1	<b>61,5</b>	7,7	35,7	14,3	<b>50,0</b>	0	28,6	21,4	<b>50,0</b>	0
na	0	<b>71,4</b>	21,4	7,1	<b>57,1</b>	35,7	7,1	0	15,4	<b>42,6</b>	30,8	7,7
Categorias/ Dimensões	Frase da Situação 25				Frase da Situação 26				Frase da Situação 27			
	a	b	c	d	a	b	c	d	a	b	c	d
Ex'	7,1	7,1	<b>64,3</b>	21,4	<b>42,9</b>	35,7	21,4	0	7,1	<b>64,3</b>	14,3	14,3
Ex	<b>42,9</b>	14,3	35,7	7,1	42,9	7,1	<b>50,0</b>	0	21,4	<b>42,9</b>	28,6	7,1
Ex/	7,1	35,7	<b>50,0</b>	7,1	7,1	<b>64,3</b>	14,3	14,3	<b>35,7</b>	28,6	21,4	14,3
ex	<b>50,0</b>	14,3	14,3	21,4	21,4	<b>42,9</b>	35,7	0	28,6	21,4	<b>50,0</b>	0
In'	21,4	0	<b>71,4</b>	7,1	35,7	7,1	<b>57,1</b>	0	21,4	28,6	<b>50,0</b>	0
In	28,6	35,7	<b>35,7</b>	28,6	21,4	<b>35,7</b>	14,3	0	0	<b>50,0</b>	<b>50,0</b>	0
In/	28,6	<b>64,3</b>	7,1	0	<b>50,0</b>	0	<b>50,0</b>	0	21,4	14,3	<b>64,3</b>	0
in	<b>50,0</b>	0	<b>50,0</b>	0	0	<b>85,7</b>	14,3	0	<b>57,1</b>	35,7	7,1	0
Na'	<b>57,1</b>	14,3	21,4	7,1	<b>42,9</b>	21,4	14,3	21,4	7,1	21,4	<b>71,4</b>	0
Na/	7,1	21,4	<b>71,4</b>	0	21,4	<b>42,9</b>	35,7	0	21,4	28,6	<b>50,0</b>	0
na	14,3	<b>42,9</b>	<b>42,9</b>	0	21,4	28,6	<b>42,9</b>	7,1	<b>50,0</b>	28,6	21,4	0

Tabela A1. Percentual de escolha de alternativas nas 31 situações do caderno do TRFO (Continuação)

Categorias/ Dimensões	Frase da Situação 28				Frase da Situação 29				Frase da Situação 30			
	a	b	c	d	a	b	c	d	a	b	c	d
Ex'	14,3	<b>71,4</b>	14,3	0	7,1	<b>57,1</b>	28,6	7,1	<b>35,7</b>	28,6	<b>35,7</b>	0
Ex	21,4	<b>42,9</b>	28,6	7,1	14,3	<b>57,1</b>	28,6	0	<b>42,9</b>	28,6	28,6	0
Ex/	35,7	7,1	<b>57,1</b>	0	<b>42,9</b>	28,6	21,4	7,1	28,6	21,4	<b>50,0</b>	0
ex	<b>61,5</b>	23,1	15,4	0	0	35,7	<b>64,3</b>	0	21,4	14,3	<b>64,3</b>	0
In'	0	<b>78,6</b>	21,4	0	21,4	<b>57,1</b>	14,3	7,1	<b>57,1</b>	7,1	35,7	0
In	23,1	23,1	<b>53,8</b>	0	0	28,6	<b>64,3</b>	7,1	<b>50,0</b>	28,6	21,4	0
In/	38,5	<b>53,8</b>	7,7	0	14,3	28,6	<b>50,0</b>	7,1	21,4	21,4	<b>50,0</b>	7,1
in	7,1	35,7	<b>42,9</b>	14,3	7,1	21,4	<b>50,0</b>	21,4	35,7	<b>42,9</b>	21,4	0
Na'	7,1	<b>50,0</b>	35,7	7,1	28,6	<b>35,7</b>	14,3	21,4	21,4	35,7	<b>42,9</b>	0
Na/	<b>42,9</b>	14,3	<b>42,9</b>	0	35,7	7,1	<b>50,0</b>	7,1	28,6	21,4	<b>35,7</b>	14,3
na	7,1	<b>42,9</b>	35,7	14,3	35,7	7,1	<b>42,9</b>	14,3	14,3	28,6	<b>42,9</b>	14,3
Categorias/ Dimensões	Frase da Situação 31											
	a	b	c	d								
Ex'	<b>57,1</b>	28,6	14,3	0								
Ex	0	<b>71,4</b>	28,6	0								
Ex/	0	<b>50,0</b>	<b>50,0</b>	0								
ex	<b>64,3</b>	7,1	28,6	0								
In'	<b>50,0</b>	0	<b>50,0</b>	0								
In	14,3	<b>64,3</b>	21,4	0								
In/	7,1	<b>64,3</b>	28,6	0								
in	<b>42,9</b>	7,1	<b>42,9</b>	7,1								
Na'	<b>50,0</b>	28,6	21,4	0								
Na/	21,4	<b>50,0</b>	21,4	7,1								
na	28,6	<b>57,1</b>	14,3	0								

Nota. Os números em negrito identificam as frases de maior frequência de escolha

## ANEXO B

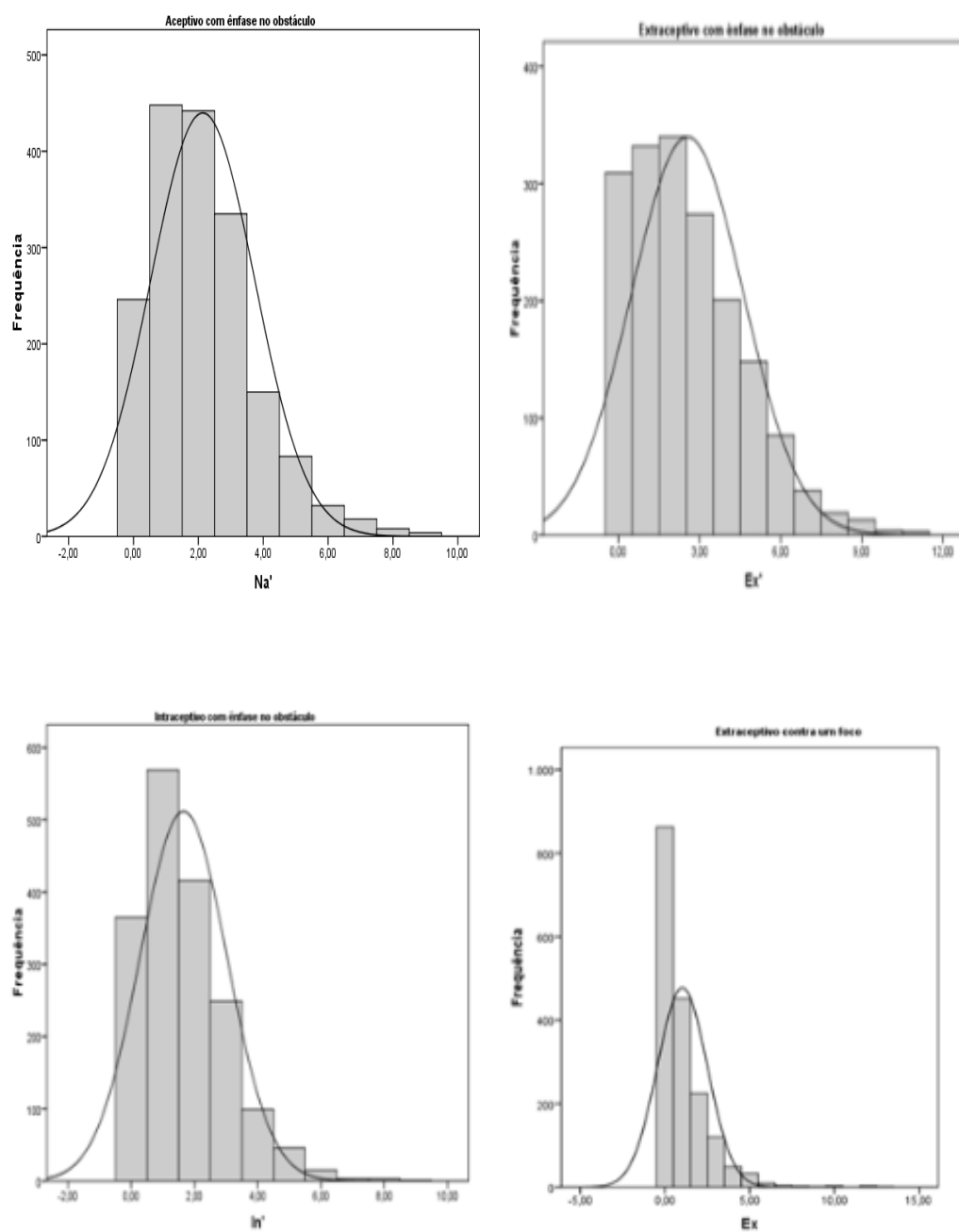


Figura B1 Medida de dispersão das 11 reações à frustração



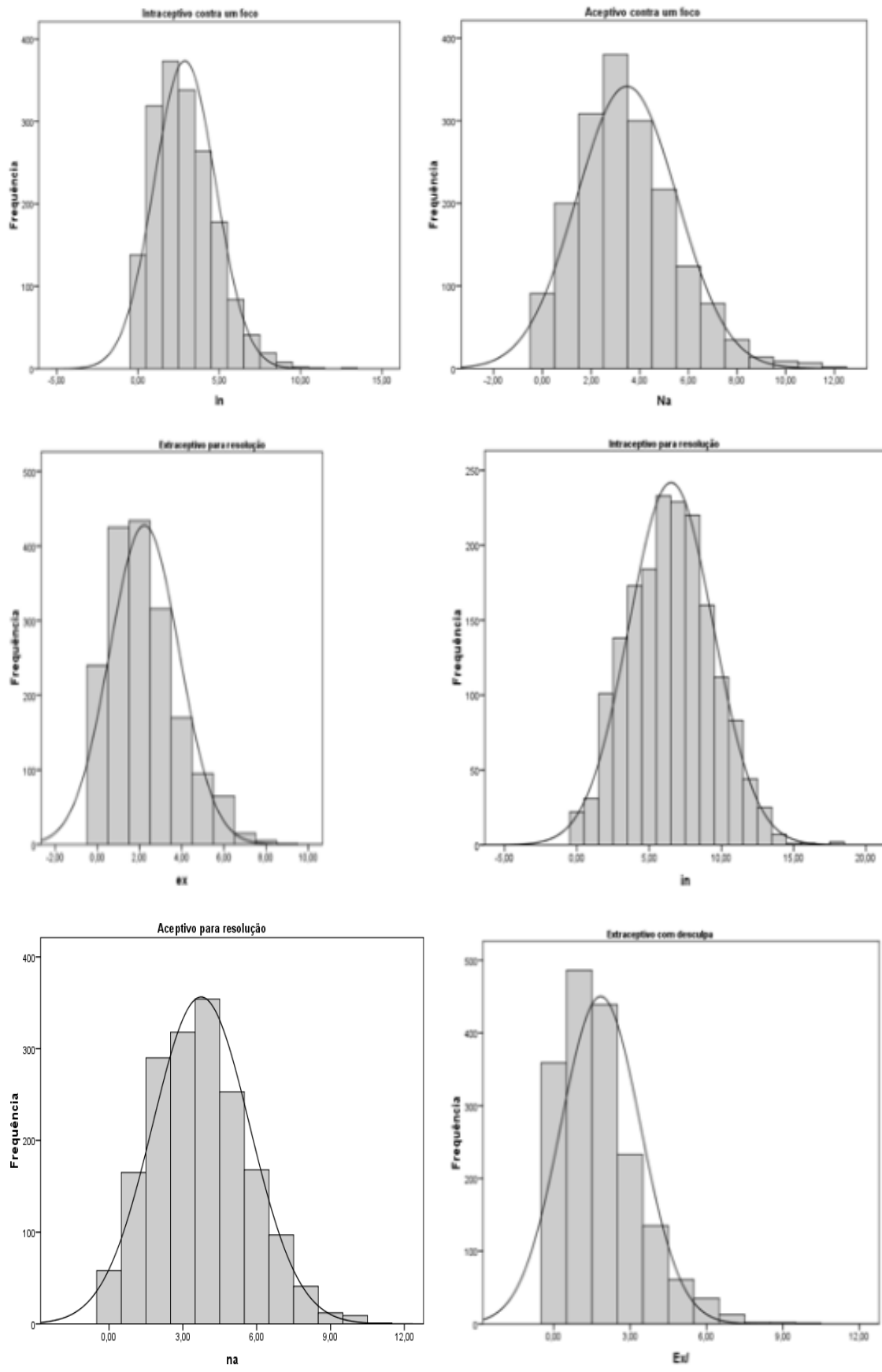


Figura B1 Medida de dispersão das 11 reações à frustração (Continuação)

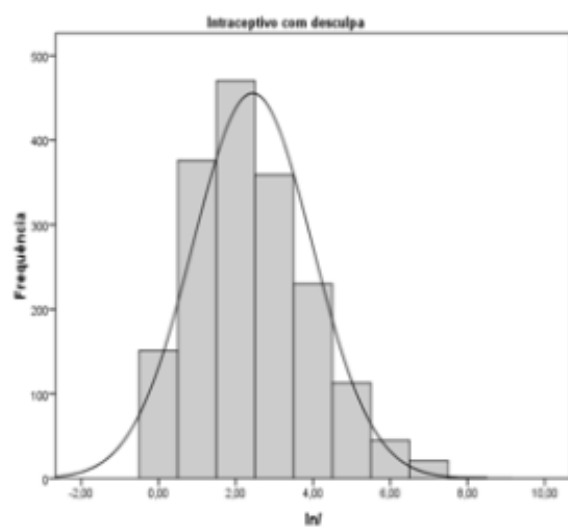


Figura B1 Medida de dispersão das 11 reações à frustração (Continuação)

## ANEXO C

Tabela C1. Regressões *Stepwise* para variável dependente *Ex'* (N = 1.568)

Variável dependente	R <sup>2</sup>	F	p	Modelos	Variáveis Predictoras	β	t	p
<i>Ex'</i>	0,07	1140,80	0,001	1	<i>Hostilidade</i>	0,26	100,71	0,001
	0,08	190,16	0,001	2	<i>Hostilidade</i>	0,17	50,52	0,001
					<i>Impulsividade</i>	0,14	40,38	0,001
	0,09	90,86	0,002	3	<i>Hostilidade</i>	0,14	40,39	0,001
					<i>Impulsividade</i>	0,15	40,64	0,001
					<i>Confiança</i>	-0,08	-30,14	0,002
	0,09	60,51	0,011	4	<i>Hostilidade</i>	0,14	40,10	0,001
					<i>Impulsividade</i>	0,13	40,20	0,001
					<i>Confiança</i>	-0,07	-20,70	0,007
					<i>Altruísmo</i>	-0,07	-20,55	0,011
0,09	60,64	0,010	5	<i>Hostilidade</i>	0,14	40,14	0,001	
				<i>Impulsividade</i>	0,12	30,85	0,001	
				<i>Confiança</i>	-0,07	-20,76	0,006	
				<i>Altruísmo</i>	-0,09	-30,31	0,001	
				<i>Sentimento</i>	0,07	20,58	0,010	

Tabela C2. Regressões *Stepwise* para variável dependente *Ex* (N = 1.568)

Variável dependente	R <sup>2</sup>	F	p	Modelos	Variáveis Predictoras	β	p
<i>Ex</i>	0,11	189,05	0,001	1	<i>Sensibilidade</i>	-0,33	0,001
	0,13	40,11	0,001	2	<i>Sensibilidade</i>	-0,24	0,001
					<i>Hostilidade</i>	0,18	0,001
	0,14	17,72	0,001	3	<i>Sensibilidade</i>	-0,18	0,001
					<i>Hostilidade</i>	0,17	0,001
					<i>Altruísmo</i>	-0,12	0,001
	0,15	14,10	0,001	4	<i>Sensibilidade</i>	-0,17	0,001
					<i>Hostilidade</i>	0,15	0,001
					<i>Altruísmo</i>	-0,11	0,001
					<i>Confiança</i>	-0,09	0,001
0,15	11,67	0,001	5	<i>Sensibilidade</i>	-0,15	0,001	
				<i>Hostilidade</i>	0,15	0,001	
				<i>Altruísmo</i>	-0,11	0,001	
				<i>Confiança</i>	-0,10	0,001	
				<i>Modéstia</i>	-0,08	0,001	
0,16	5,0	0,03	6	<i>Sensibilidade – AG</i>	-0,13	0,001	
				<i>Hostilidade – IN</i>	0,14	0,001	

	<i>Altruísmo – AG</i>	-0,09	0,001
	<i>Confiança – AG</i>	-0,09	0,001
	<i>Modéstia – AG</i>	-0,08	0,001
	<i>Concordância – AG</i>	-0,06	0,026

Tabela C3. Regressões *Stepwise* para variável dependente *Ex/* (N = 1.568)

Variável dependente	R <sup>2</sup>	F	p	Modelos	Variáveis Predictoras	β	p
<i>Ex/</i>	0,04	60,14	0,001	1	<i>Orientação Correta</i>	-,192	0,001
	0,05	21,78	0,001	2	<i>Orientação Correta</i>	-,164	0,001
					<i>Confiança</i>	-,118	0,001
	0,06	13,13	0,001	3	<i>Orientação Correta</i>	-,127	0,001
					<i>Confiança</i>	-,096	0,001
					<i>Hostilidade</i>	,101	0,001
	0,06	4,60	0,032	4	<i>Orientação Correta</i>	-,116	0,001
<i>Confiança</i>					-,089	0,001	
<i>Hostilidade</i>					,091	0,001	
<i>Altruísmo</i>					-,057	0,032	
0,06	4,27	0,039	5	<i>Orientação Correta</i>	-,121	0,001	
				<i>Confiança</i>	-,090	0,001	
				<i>Hostilidade</i>	,117	0,001	
				<i>Altruísmo</i>	-,076	0,007	
				<i>Auto-confiança</i>	,064	0,039	
0,07	4,09	0,043	6	<i>Orientação Correta – AG</i>	-0,13	0,001	
				<i>Confiança – AG</i>	-,093	0,001	
				<i>Hostilidade – IN</i>	0,11	0,001	
				<i>Altruísmo – AG</i>	-0,06	0,05	
				<i>Auto-confiança – IN</i>	0,08	0,01	
				<i>Criatividade – AB</i>	-0,06	0,04	

Tabela C4. Regressões *Stepwise* para variável dependente *ex* (N = 1.568)

Variável dependente	R <sup>2</sup>	F	p	Modelos	Variáveis Predictoras	β	P
<i>ex</i>	0,02	29,28	0,000	1	<i>Confiança</i>	-0,14	0,001
	0,03	16,43	0,000	2	<i>Confiança</i>	-0,11	0,001
					<i>Orientação Correta</i>	-0,10	0,001
	0,03	5,02	0,025	3	<i>Confiança</i>	-0,11	0,001
					<i>Orientação Correta</i>	-0,08	0,003
<i>Modéstia</i>					-0,06	0,025	
0,03	4,00	0,046	4	<i>Confiança</i>	-0,11	0,001	
				<i>Orientação Correta</i>	-0,08	0,007	

					<i>Modéstia</i>	-0,07	0,015
					<i>Sentimento</i>	-0,05	0,046
0,04	4,89	0,027	5		<i>Confiança</i>	-0,11	0,001
					<i>Orientação Correta</i>	-0,07	0,013
					<i>Modéstia</i>	-0,05	0,051
					<i>Sentimento</i>	-0,07	0,010
					<i>Ações</i>	0,06	0,027
0,04	5,46	0,020	6		<i>Confiança – AG</i>	-0,11	0,001
					<i>Orientação Correta – AG</i>	-0,04	0,203
					<i>Modéstia – AG</i>	-0,05	0,081
					<i>Sentimento – AB</i>	-0,07	0,013
					<i>Ações – AB</i>	0,08	0,005
					<i>Disciplina – CS</i>	-0,07	0,020
0,04	1,62	0,203	7		<i>Confiança – AG</i>	-0,11	0,001
					<i>Modéstia – AG</i>	-0,06	0,031
					<i>Sentimento – AB</i>	-0,07	0,008
					<i>Ações – AB</i>	0,09	0,002
					<i>Disciplina – CS</i>	-0,09	0,002
0,04	4,21	0,040	8		<i>Confiança – AG</i>	-0,10	0,001
					<i>Modéstia – AG</i>	-0,06	0,015
					<i>Sentimento – AB</i>	-0,06	0,024
					<i>Ações – AB</i>	0,11	0,001
					<i>Disciplina – CS</i>	-0,07	0,007
					<i>Diversão – EX</i>	-0,06	0,040

Tabela C5. Regressões *Stepwise* para variável dependente *In'* (N = 1.568)

Variável dependente	R <sup>2</sup>	F	p	Modelos	Variáveis Predictoras	β	P
<i>In'</i>	0,01	16,01	0,000	1	<i>Ansiedade</i>	0,10	0,001
	0,02	9,45	0,002	2	<i>Ansiedade</i>	0,12	0,001
					<i>Fantasia</i>	-0,08	0,002
	0,02	6,41	0,011	3	<i>Ansiedade</i>	0,14	0,001
					<i>Fantasia</i>	-0,08	0,004
					<i>Ordem</i>	0,07	0,011
	0,02	5,52	0,019	4	<i>Ansiedade – IN</i>	0,11	0,001
					<i>Fantasia – AB</i>	-0,08	0,002
					<i>Ordem – CS</i>	0,08	0,003
					<i>Vulnerabilidade – IN</i>	0,07	0,019

Tabela C6. Regressões *Stepwise* para variável dependente *In* (N = 1.568)

Variável dependente	R <sup>2</sup>	F	<i>p</i>	Modelos	Variáveis Predictoras	$\beta$	<i>p</i>
<i>In</i>	0,01	18,60	0,001	1	<i>Emoções Positivas</i>	-0,11	0,000
	0,02	8,69	0,003	2	<i>Emoções Positivas</i>	-0,08	0,002
					<i>Criatividade</i>	-0,08	0,003
	0,02	4,68	0,031	3	<i>Emoções Positivas</i>	-0,07	0,007
					<i>Criatividade</i>	-0,08	0,005
<i>Fantasia</i>					-0,06	0,031	
0,02	6,19	0,013	4	<i>Emoções Positivas</i>	-0,08	0,002	
				<i>Criatividade</i>	-0,09	0,001	
				<i>Fantasia</i>	-0,07	0,006	
				<i>Sentimento</i>	0,07	0,013	
0,03	4,52	0,034	5	<i>Emoções Positivas – EX</i>	-0,09	0,002	
				<i>Criatividade – AB</i>	-0,08	0,003	
				<i>Fantasia – AB</i>	-0,08	0,004	
				<i>Sentimento – AB</i>	0,08	0,004	
				<i>Concordância – AG</i>	-0,06	0,034	

Tabela C7. Regressões *Stepwise* para variável dependente *In/* (N = 1.568)

Variável dependente	R <sup>2</sup>	F	<i>p</i>	Modelos	Variáveis Predictoras	$\beta$	<i>p</i>
<i>In/</i>	0,004	6,37	0,012	1	<i>Ansiedade</i>	0,06	0,012
	0,008	5,61	0,018				
	0,010	4,52	0,034	2	<i>Ansiedade</i>	0,10	0,001
					<i>Deliberação</i>	0,07	0,018
	3	<i>Ansiedade – IN</i>	0,08	0,019			
		<i>Deliberação – CS</i>	0,10	0,003			
<i>Depressão – IN</i>		0,07	0,034				

Tabela C8. Regressões *Stepwise* para variável dependente *in* (N = 1.568)

Variável dependente	R <sup>2</sup>	F	p	Modelos	Variáveis Predictoras	β	P
<i>In</i>	0,05	870,07	0,001	1	<i>Competência</i>	0,23	0,001
	0,07	240,87	0,001	2	<i>Competência</i>	0,16	0,001
					<i>Sensibilidade</i>	0,14	0,001
	0,08	130,79	0,001	3	<i>Competência</i>	0,12	0,001
					<i>Sensibilidade</i>	0,11	0,001
					<i>Afiliação</i>	0,11	0,001
	0,08	110,29	0,001	4	<i>Competência</i>	0,12	0,001
					<i>Sensibilidade</i>	0,09	0,002
					<i>Afiliação</i>	0,11	0,001
					<i>Modéstia</i>	0,09	0,001
0,09	70,08	0,008	5	<i>Competência</i>	0,12	0,001	
				<i>Sensibilidade</i>	0,08	0,006	
				<i>Afiliação</i>	0,09	0,003	
				<i>Modéstia</i>	0,10	0,001	
				<i>Emoções Positivas</i>	0,07	0,008	
0,09	50,86	0,016	6	<i>Competência</i>	0,10	0,002	
				<i>Sensibilidade</i>	0,08	0,014	
				<i>Afiliação</i>	0,09	0,004	
				<i>Modéstia</i>	0,11	0,001	
				<i>Emoções Positivas</i>	0,07	0,009	
				<i>Vulnerabilidade</i>	-0,07	0,016	
0,09	40,93	0,027	7	<i>Competência</i>	0,11	0,001	
				<i>Sensibilidade</i>	0,07	0,034	
				<i>Afiliação</i>	0,09	0,002	
				<i>Modéstia</i>	0,11	0,001	
				<i>Emoções Positivas</i>	0,06	0,043	
				<i>Vulnerabilidade</i>	-0,08	0,005	
				<i>Fantasia</i>	0,06	0,027	
0,10	50,62	0,018	8	<i>Competência</i>	0,12	0,001	
				<i>Sensibilidade</i>	0,08	0,014	
				<i>Afiliação</i>	0,10	0,001	
				<i>Modéstia</i>	0,11	0,000	
				<i>Emoções Positivas</i>	0,07	0,017	
				<i>Vulnerabilidade</i>	-0,07	0,026	
				<i>Fantasia</i>	0,08	0,005	
				<i>Sentimento</i>	-0,07	0,018	
0,10	40,61	0,032	9	<i>Competência</i>	0,11	0,001	
				<i>Sensibilidade</i>	0,05	0,106	

					<i>Afiliação</i>	0,10	0,001
					<i>Modéstia</i>	0,11	0,001
					<i>Emoções Positivas</i>	0,06	0,036
					<i>Vulnerabilidade</i>	-0,06	0,035
					<i>Fantasia</i>	0,07	0,010
					<i>Sentimento</i>	-0,08	0,006
					<i>Altruísmo</i>	0,06	0,032
0,10	20,62	0,106	10		<i>Competência</i>	0,12	0,001
					<i>Afiliação</i>	0,11	0,001
					<i>Modéstia</i>	0,11	0,001
					<i>Emoções Positivas</i>	0,06	0,037
					<i>Vulnerabilidade</i>	-0,07	0,018
					<i>Fantasia</i>	0,07	0,007
					<i>Sentimento</i>	-0,08	0,009
					<i>Altruísmo</i>	0,08	0,005
0,10	50,06	0,025	11		<i>Competência</i>	0,13	0,001
					<i>Afiliação</i>	0,13	0,001
					<i>Modéstia</i>	0,10	0,001
					<i>Emoções Positivas</i>	0,08	0,007
					<i>Vulnerabilidade</i>	-0,08	0,010
					<i>Fantasia</i>	0,08	0,005
					<i>Sentimento</i>	-0,07	0,014
					<i>Altruísmo</i>	0,09	0,001
					<i>Diversão</i>	-0,07	0,025
0,10	40,78	0,029	12		<i>Competência</i>	0,11	0,001
					<i>Afiliação</i>	0,12	0,001
					<i>Modéstia</i>	0,11	0,001
					<i>Emoções Positivas</i>	0,08	0,008
					<i>Vulnerabilidade</i>	-0,05	0,105
					<i>Fantasia</i>	0,09	0,002
					<i>Sentimento</i>	-0,06	0,030
					<i>Altruísmo</i>	0,10	0,001
					<i>Diversão</i>	-0,08	0,013
					<i>Depressão</i>	-0,07	0,029
0,10	20,63	0,105	13		<i>Competência</i>	0,12	0,001
					<i>Afiliação</i>	0,12	0,001
					<i>Modéstia</i>	0,10	0,001
					<i>Emoções Positivas</i>	0,08	0,006
					<i>Fantasia</i>	0,09	0,002
					<i>Sentimento</i>	-0,07	0,013
					<i>Altruísmo</i>	0,10	0,000
					<i>Diversão</i>	-0,08	0,016
					<i>Depressão</i>	-0,09	0,003



Tabela C9. Regressões *Stepwise* para variável dependente *Na'* (N = 1.568)

Variável dependente	R <sup>2</sup>	F	P	Modelos	Variáveis Predictoras	β	p
<i>Na'</i>	0,01	200,75	0,001	1	<i>Hostilidade</i>	-0,11	0,001
	0,02	100,67	0,001	2	<i>Hostilidade</i> <i>Deliberação</i>	-0,17 -0,10	0,001 0,001
	0,02	40,61	0,032	3	<i>Hostilidade – IN</i> <i>Deliberação – CS</i> <i>Interesses Culturais – AB</i>	-0,16 -0,09 0,05	0,001 0,002 0,032

Tabela C10. Regressões *Stepwise* para variável dependente *Na* (N = 1.568)

Variável dependente	R <sup>2</sup>	F	p	Modelos	Variáveis Predictoras	β	p
<i>Na</i>	0,02	340,02	0,001	1	<i>Confiança</i>	0,15	0,001
	0,04	210,56	0,001	2	<i>Confiança</i> <i>Impulsividade</i>	0,13 -0,12	0,001 0,001
	0,04	90,94	0,002	3	<i>Confiança – AG</i> <i>Impulsividade – IN</i> <i>Orientação Correta – AG</i>	0,11 -0,09 0,09	0,001 0,001 0,002
	0,05	180,51	0,001	4	<i>Confiança – AG</i> <i>Impulsividade – IN</i> <i>Orientação Correta – AG</i> <i>Deliberação – CS</i>	0,12 -0,15 0,14 -0,14	0,001 0,001 0,001 0,001

Tabela C11. Regressões *Stepwise* para variável dependente *na* (N = 1.568)

Variável dependente	R <sup>2</sup>	F	p	Modelos	Variáveis Predictoras	β	p
<i>na</i>	0,03	520,02	0,001	1	<i>Hostilidade</i>	-0,18	0,001
	0,04	140,77	0,001	2	<i>Hostilidade</i> <i>Concordância</i>	-0,15 0,10	0,001 0,001
	0,05	100,80	0,001	3	<i>Hostilidade</i> <i>Concordância</i> <i>Modéstia</i>	-0,14 0,09 0,08	0,001 0,001 0,001
	0,05	100,09	0,002	4	<i>Hostilidade</i> <i>Concordância</i> <i>Modéstia</i> <i>Criatividade</i>	-0,11 0,08 0,09 0,08	0,001 0,003 0,001 0,002
	0,06	60,20	0,013	5	<i>Hostilidade</i> <i>Concordância</i> <i>Modéstia</i> <i>Criatividade</i> <i>Confiança</i>	-0,10 0,07 0,10 0,09 0,07	0,001 0,011 0,001 0,001 0,013

0,06	50,00	0,025	6	<i>Hostilidade – IN</i>	-0,08	0,007
				<i>Concordância – AG</i>	0,07	0,006
				<i>Modéstia – AG</i>	0,09	0,001
				<i>Criatividade – AB</i>	0,10	0,001
				<i>Confiança – AG</i>	0,07	0,012
				<i>Fantasia – AB</i>	-0,06	0,025

---

## ANEXO D

## 1. Extrceptivos:

## a) Com Fator Instabilidade Emocional

Tabela D1. Análise de *Crosstabs* entre as faixas da reação Ex' e Instabilidade Emocional

Faixas de Ex'	Faixas de Instabilidade Emocional			Total
	1	2	3	
1	326	154	146	626
2	129	81	125	335
3	234	205	340	779
Total	689	440	611	1740

$$\chi^2 = 84,697 \text{ gl}=4, p < 0,001$$

Tabela D2. Análise de *Crosstabs* entre as faixas da reação Ex e Instabilidade Emocional

Faixas de Ex	Faixas de Instabilidade Emocional			Total
	1	2	3	
2	422	210	214	846
3	267	230	397	894
Total	689	440	611	1740

$$\chi^2 = 89,332 \text{ gl}=2, p < 0,001$$

Tabela D3. Análise de *Crosstabs* entre as faixas da reação ex e Instabilidade Emocional

Faixas de ex	Faixas de Instabilidade Emocional			Total
	1	2	3	
1	280	142	230	652
2	177	118	133	428
3	232	180	248	660
Total	689	440	611	1740

$$\chi^2 = 13,690 \text{ gl}=4, p < 0,008$$

Tabela D4. Análise de *Crosstabs* entre as faixas da reação Ex/ e Instabilidade Emocional

Faixas de Ex/	Faixas de Instabilidade Emocional			Total
	1	2	3	
1	179	71	102	352
2	204	120	150	474
3	306	249	359	914
Total	689	440	611	1740

$$\chi^2 = 36,256 \text{ gl}=4, p < 0,001$$

## b) Com Fator Conscienciosidade

Tabela D5. Análise de *Crosstabs* entre as faixas da reação Ex' e Conscienciosidade

Faixas de Ex'	Faixas de Conscienciosidade			Total
	1	2	3	
1	190	144	292	626
2	137	83	109	329
3	369	191	211	771
Total	696	418	612	1726

$$\chi^2 = 63,890 \quad \text{gl} = 4, \quad p < 0,001$$

Tabela D6. Análise de *Crosstabs* entre as faixas da reação Ex e Conscienciosidade

Faixas de Ex	Faixas de Conscienciosidade			Total
	1	2	3	
2	269	207	368	844
3	427	211	244	882
Total	696	418	612	1726

$$\chi^2 = 60,223 \quad \text{gl} = 2, \quad p < 0,001$$

Tabela D7. Análise de *Crosstabs* entre as faixas da reação ex e Conscienciosidade

Faixas de ex	Faixas de Conscienciosidade			Total
	1	2	3	
1	252	144	254	650
2	158	123	142	423
3	286	151	216	653
Total	696	418	612	1726

$$\chi^2 = 12,731 \quad \text{gl} = 4, \quad p < 0,013$$

Tabela D8. Análise de *Crosstabs* entre as faixas da reação Ex/ e Conscienciosidade

Faixas de Ex/	Faixas de Conscienciosidade			Total
	1	2	3	
1	115	75	160	350
2	178	112	179	469
3	403	231	273	907
Total	696	418	612	1726

$$\chi^2 = 29,721 \quad \text{gl} = 4, \quad p < 0,001$$

## c) Com Fator Abertura

Tabela D9. Análise de *Crosstabs* entre as faixas da reação Ex' e Abertura

Faixas de Ex'	Faixas de Abertura			Total
	1	2	3	
1	229	161	229	619
2	120	93	119	332
3	337	177	260	774
Total	686	431	608	1725

$$\chi^2 = 9,100 \quad \text{gl} = 4, \quad p < 0,059$$

Tabela D10. Análise de *Crosstabs* entre as faixas da reação Ex e Abertura

Faixas de Ex	Faixas de Abertura			Total
	1	2	3	
2	297	225	320	842
3	389	206	288	883
Total	686	431	608	1725

$$\chi^2 = 13,893 \quad gl = 2, p < 0,001$$

d) Com Fator *Extroversão*

Tabela D11. Análise de *Crosstabs* entre as faixas da reação Ex' e Extroversão

Faixas de Ex'	Faixas de Extroversão			Total
	1	2	3	
1	197	142	280	619
2	133	87	115	335
3	366	174	231	771
Total	696	403	626	1725

$$\chi^2 = 44,614 \quad gl = 4, p < 0,001$$

Tabela D12. Análise de *Crosstabs* entre as faixas da reação Ex e Extroversão

Faixas de Ex	Faixas de Extroversão			Total
	1	2	3	
2	286	203	354	843
3	410	200	272	882
Total	696	403	626	1725

$$\chi^2 = 31,990 \quad gl = 2, p < 0,001$$

Tabela D13. Análise de *Crosstabs* entre as faixas da reação Ex/ e Extroversão

Faixas de Ex/	Faixas de Extroversão			Total
	1	2	3	
1	111	94	147	352
2	191	101	180	472
3	394	208	299	901
Total	696	403	626	1725

$$\chi^2 = 17,564 \quad gl = 4, p < 0,002$$

e) Com Fator *Agradabilidade*

Tabela D14. Análise de *Crosstabs* entre as faixas da reação Ex' e Agradabilidade

Faixas de Ex'	Faixas de Agradabilidade			Total
	1	2	3	
1	199	149	277	625
2	123	90	121	334
3	374	186	213	773
Total	696	425	611	1732

$$\chi^2 = 53,321 \quad gl = 4, p < 0,001$$

Tabela D15. Análise de *Crosstabs* entre as faixas da reação Ex e Agradabilidade

Faixas de Ex	Faixas de Agradabilidade			Total
	1	2	3	
2	238	202	407	847
3	458	223	204	885
Total	696	425	611	1732

$$\chi^2 = 137,255 \quad gl = 2, p < 0,001$$

Tabela D15. Análise de *Crosstabs* entre as faixas da reação ex e Agradabilidade

Faixas de ex	Faixas de Agradabilidade			Total
	1	2	3	
1	225	157	270	652
2	158	112	155	425
3	313	156	186	655
Total	696	425	611	1732

$$\chi^2 = 32,282 \quad gl = 4, p < 0,001$$

Tabela D17. Análise de *Crosstabs* entre as faixas da reação Ex/ e Agradabilidade

Faixas de Ex/	Faixas de Agradabilidade			Total
	1	2	3	
1	91	87	175	353
2	174	119	181	474
3	431	219	255	905
Total	696	425	611	1732

$$\chi^2 = 66,752 \quad gl = 4, p < 0,001$$

## 2. Intraceptivos

### a) Com Fator Instabilidade Emocional

Tabela D18. Análise de *Crosstabs* entre as faixas da reação In' e Instabilidade Emocional

Faixas de In'	Faixas de Instabilidade Emocional			Total
	1	2	3	
1	164	84	111	359
2	233	140	192	565
3	292	216	308	816
Total	689	440	611	1740

$$\chi^2 = 11,368 \quad gl = 4, p < 0,001$$

Tabela D19. Análise de *Crosstabs* entre as faixas da reação in e Instabilidade Emocional

Faixas de in	Faixas de Instabilidade Emocional			Total
	1	2	3	
1	181	145	313	639
2	185	123	146	454
3	323	172	152	647
Total	689	440	611	1740

$$\chi^2 = 101,806 \quad gl = 4, p < 0,001$$

## b) Com Fator Conscienciosidade

Tabela D20. Análise de *Crosstabs* entre as faixas da reação in e Conscienciosidade

Faixas de in	Faixas de Conscienciosidade			Total
	1	2	3	
1	333	123	181	637
2	180	119	150	449
3	183	176	281	640
Total	696	418	612	1726

$$\chi^2 = 76,892 \quad gl = 4, p < 0,001$$

## c) Com Fator Extroversão

Tabela D21. Análise de *Crosstabs* entre as faixas da reação in e Extroversão

Faixas de in	Faixas de Extroversão			Total
	1	2	3	
1	320	128	186	634
2	191	99	162	452
3	185	176	278	639
Total	696	403	626	1725

$$\chi^2 = 62,649 \quad gl = 4, p < 0,001$$

## d) Com Fator Agradabilidade

Tabela D22. Análise de *Crosstabs* entre as faixas da reação in e Agradabilidade

Faixas de in	Faixas de Agradabilidade			Total
	1	2	3	
1	342	121	172	635
2	173	129	153	455
3	181	175	286	642
Total	696	425	611	1732

$$\chi^2 = 93,530 \quad gl = 4, p < 0,001$$

## e) Com Fator Abertura

Tabela D23. Análise de *Crosstabs* entre as faixas da reação in e Abertura

Faixas de in	Faixas de Abertura			Total
	1	2	3	
1	288	153	196	637
2	185	100	163	448
3	213	178	249	640
Total	686	431	608	1725

$$\chi^2 = 21,559 \quad gl = 4, p < 0,001$$

Tabela D24. Análise de *Crosstabs* entre as faixas da reação In/ e Abertura

Faixas de In/	Faixas de Abertura			Total
	1	2	3	
1	214	145	157	516
2	167	110	185	462
3	305	176	266	747
Total	686	431	608	1725

$$\chi^2 = 11,424 \quad gl = 4, p < 0,022$$

## 3. Aceptivos

## a) Com Fator Instabilidade Emocional

Tabela D25. Análise de *Crosstabs* entre as faixas da reação Na' e Instabilidade Emocional

Faixas de Na'	Faixas de Instabilidade Emocional			Total
	1	2	3	
1	244	173	269	686
2	169	117	150	436
3	276	150	192	618
Total	689	440	611	1740

$$\chi^2 = 13,781 \quad \text{gl} = 4, \quad p < 0,008$$

Tabela D26. Análise de *Crosstabs* entre as faixas da reação Na e Instabilidade Emocional

Faixas de Na	Faixas de Instabilidade Emocional			Total
	1	2	3	
1	190	162	238	590
2	157	86	131	374
3	342	192	242	776
Total	689	440	611	1740

$$\chi^2 = 22,571 \quad \text{gl} = 4, \quad p < 0,001$$

Tabela D27. Análise de *Crosstabs* entre as faixas da reação na e Instabilidade Emocional

Faixas de na	Faixas de Instabilidade Emocional			Total
	1	2	3	
1	133	119	199	451
2	125	86	102	313
3	421	222	277	920
Total	679	427	578	1684

$$\chi^2 = 38,831 \quad \text{gl} = 4, \quad p < 0,001$$

## b) Com Fator Conscienciosidade

Tabela D28. Análise de *Crosstabs* entre as faixas da reação na e Conscienciosidade

Faixas de na	Faixas de Conscienciosidade			Total
	1	2	3	
1	209	102	138	449
2	141	72	96	309
3	313	233	366	912
Total	663	407	600	1670

$$\chi^2 = 25,745 \quad \text{gl} = 4, \quad p < 0,001$$



## c) Com Fator Extroversão

Tabela D29. Análise de *Crosstabs* entre as faixas da reação Na e Extroversão

Faixas de Na	Faixas de Extroversão			Total
	1	2	3	
1	256	132	195	583
2	158	88	125	371
3	282	183	306	771
Total	696	403	626	1725

$$\chi^2 = 9,652 \quad gl = 4, p < 0,047$$

Tabela D30. Análise de *Crosstabs* entre as faixas da reação na e Extroversão

Faixas de na	Faixas de Extroversão			Total
	1	2	3	
1	208	102	138	448
2	129	77	103	309
3	329	217	369	915
Total	666	396	610	1672

$$\chi^2 = 17,496 \quad gl = 4, p < 0,002$$

## d) Com Fator Agradabilidade

Tabela D31. Análise de *Crosstabs* entre as faixas da reação Na' e Agradabilidade

Faixas de Na'	Faixas de Agradabilidade			Total
	1	2	3	
1	301	158	225	684
2	179	108	146	433
3	216	159	240	615
Total	696	425	611	1732

$$\chi^2 = 11,438 \quad gl = 4, p < 0,022$$

Tabela D32. Análise de *Crosstabs* entre as faixas da reação Na e Agradabilidade

Faixas de Na	Faixas de Agradabilidade			Total
	1	2	3	
1	275	157	154	586
2	154	82	136	372
3	267	186	321	774
Total	696	425	611	1732

$$\chi^2 = 37,281 \quad gl = 4, p < 0,001$$

Tabela D33. Análise de *Crosstabs* entre as faixas da reação na e Agradabilidade

Faixas de na	Faixas de Agradabilidade			Total
	1	2	3	
1	217	115	119	451
2	137	72	99	308
3	302	232	383	917
Total	656	419	601	1676

$$\chi^2 = 42,351 \quad gl = 4, p < 0,001$$